



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

Notas sobre Literatura e Linguagem



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

Notas sobre Literatura e Linguagem

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
N899	Notas sobre literatura e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-860-1 DOI 10.22533/at.ed.601192312 1. Linguagem e línguas – Pesquisa – Brasil. 2. Literatura. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de. CDD 401
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura e Linguagem, coletânea de quatorze capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Letras.

As contribuições expostas no presente volume congregam majoritariamente textos que se relacionam nos universos da literatura e da linguagem. Diferentemente do conceito de literatura como arte e ciência, a último capítulo traz revisão da literatura sobre o tema do aprisionamento de familiar. Essa conceituação, revisão de literatura, diz respeito ao buscar, ao identificar contribuições anteriormente formuladas sobre tema específico que será tratado pelo autor.

Feito esse parênteses, apresentamos aos leitores da obra que se segue os principais eixos de discussão que aqui estão trazidos. Inicialmente, contemplando a própria nomenclatura da coletânea, há a exposição de capítulos que tratam de literatura. Sendo assim, temos a priori análise a respeito da crítica literária brasileira. Posteriormente, textos que estabelecem relação de temáticas específicas com obras literárias. Desse modo, termos como africanidade, cronotopo, romance, identidade, gênero, sexualidade, sociedade contemporânea, humanização, erotização, ficção, reportagem, crenças, superstições, epos, nação e concepções pedagógicas encontram espaço nos estudos apresentados.

Partindo para a etapa da linguagem, é possível verificar séries, ensino de língua, entretextos, leitura, enunciação, dialogismo, subjetividade, ortoépia e prosódia como palavras-chave de estudo.

Há ainda a intervenção que aborda a revisão de literatura sobre o tema de aprisionamento de familiar a partir de estudos nacionais e internacionais, como mecanismo de demonstrar a relevância e urgência na discussão do tema.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CAMINHOS PARA PENSAR A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA	
Daynara Lorena Aragão Côrtes	
DOI 10.22533/at.ed.6011923121	
CAPÍTULO 2	13
AFRICANIDADE EM ALDA LARA	
Analice de Lima Aquino	
Raissa Ferreira da Silva	
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.6011923122	
CAPÍTULO 3	21
DIÁRIO DO HOSPÍCIO DE LIMA BARRETO: CRONOTOPO E ROMANCE	
Michele Muliterno	
DOI 10.22533/at.ed.6011923123	
CAPÍTULO 4	32
“TRIUNFO DOS PELOS”: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Juliane Della Mía	
DOI 10.22533/at.ed.6011923124	
CAPÍTULO 5	41
HUMANIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO DO VAMPIRO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Natane Emanuelle Rangel	
Luís Francisco Fianco Dias	
DOI 10.22533/at.ed.6011923125	
CAPÍTULO 6	51
FICÇÃO E REPORTAGEM EM CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA	
Fábio Luis Rockenbach	
Márcia Helena Saldanha Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.6011923126	
CAPÍTULO 7	61
VIVER E ACREDITAR: CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES DO SERTÃO NORDESTINO	
Liliane Viana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6011923127	
CAPÍTULO 8	69
JESUS CRISTO NO EPOS DA NAÇÃO	
Ellen dos Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6011923128	

CAPÍTULO 9	82
LITERATURA E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS: DO CBC (CONTEÚDOS BÁSICOS COMUNS À BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR))	
Simone Maria de Oliveira Coelho e Sales Lucas Leal Teixeira Juliana de Almeida Pereira e Santos Noemi Campos Freitas Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.6011923129	
CAPÍTULO 10	92
SÉRIES E O ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS MULTIDISCIPLINARES	
Fiama Aparecida Vanz Thaís Nicolini de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.60119231210	
CAPÍTULO 11	102
ENTRETEXTOS: A LEITURA RE-SIGNIFICADA	
Edna Tarabori Calobrezi	
DOI 10.22533/at.ed.60119231211	
CAPÍTULO 12	112
ENUNCIÇÃO, DIALOGISMO E SUBJETIVIDADE: A VIDA PULSANDO E AS VOZES EM CONFRONTO NA ARENA DISCURSIVA	
Roberta Costella Gabriela Schmitt Prym Martins	
DOI 10.22533/at.ed.60119231212	
CAPÍTULO 13	124
ORTOÉPIA E PROSÓDIA: UM ESTUDO DESCRITIVO	
Adílio Junior de Souza Maria Lidiane de Sousa Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.60119231213	
CAPÍTULO 14	138
REPERCUSSÕES E ENFRENTAMENTOS DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL	
Maria das Graças de Mendonça Silva Calicchio Reni Barsaglini	
DOI 10.22533/at.ed.60119231214	
SOBRE OS ORGANIZADORES	150
ÍNDICE REMISSIVO	152

CAMINHOS PARA PENSAR A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Daynara Lorena Aragão Côrtes

Universidade Federal de Sergipe – Programa de Pós-Graduação em Letras
São Cristóvão – Sergipe

WAYS TO THINK ABOUT THE BRAZILIAN LITERARY CRITIC

RESUMO: O presente trabalho se debruça sobre reflexões já realizadas acerca da possibilidade ou da real autonomia da literatura brasileira a partir das contribuições da crítica. Temos como objetivo central discutir os percursos traçados através de uma junção de textos que marcaram o século XX. Como recurso teórico-metodológico, dividimos os levantamentos em duas partes: primeiro a conversação entre críticos literários de diferentes vertentes, suas aproximações e seus distanciamentos, e segundo o destino da produção como um espaço de conquista. Nesse sentido, Antonio Candido e Silviano Santiago foram fecundos no tocante ao aporte que subsidiou o debate no âmbito nacional. Partindo para o internacional, temos Terry Eagleton, Jacques Derrida e Linda Hutcheon. Como afunilamento dos caminhos percorridos, fizemos uso dos escritos de Gayatri Spivak e Djamila Ribeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Literária; Dependência Cultural; Brasil.

ABSTRACT: The current work is based on reflections already made about the possibility or the real autonomy of Brazilian literature from the contributions of the critic. Our central purpose is to discuss to discuss the traced routes through a collection of texts that stood out in the 19th century. As a theoretical-methodological resource, we divided the subject into two parts: first the conversation between critics of literature from different points of view, their approach and their variation, and second the destination of the production as a space of achievement. In that way, Antonio Candido and Silviano Santiago were successful giving contributions that subsidized the debate at the national level. Leading to the international level, we have Terry Eagleton, Jacques Derrida and Linda Hutcheon. As a bottleneck of the paths covered, we made use of the written by Gayatri Spivak and Djamila Ribeiro.

KEYWORDS: Literary criticism; Cultural dependence; Brazil.

1 | INTRODUÇÃO

Pensar a crítica literária na atualidade nos parece uma tarefa desafiadora, tendo em vista que nos últimos anos a proliferação de espaços discursivos tem se diversificado por quase todos os canais de comunicação alternativos possíveis. O que no século XX havia um direcionamento de redes já consolidadas, lê-se os jornais de circulação nacional pertencente às grandes empresas (O Cruzeiro, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, entre outros), ainda predominante no Sudeste, e as revistas dos grandes centros acadêmicos, nos dias atuais além da perda significativa das colunas, temos uma abrangência notável da quantidade de pessoas que escrevem na área.

A descentralização de reconhecidas universidades como grandes referências no contexto intelectual de desenvolvimento científico e de publicação acabou contribuindo no aprofundamento desse processo. O que antes se concentrava, sobretudo, na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), existe na atualidade um forte incentivo ao desenvolvimento de pesquisas em torno dos interiores do país.

Como a virada dos séculos, do XX ao XXI, assistiu o advento da internet e a propagação nas regiões de forma horizontal, alguns reflexos acabaram por surgir, fazendo do Nordeste um propagador da crítica literária de forma singular, mas muitas vezes isolada. A dinâmica se deu de forma diferente, dado as condições concretas de circulação de textos e a própria construção de espaços alternativos de discussão literária.

José Luís Jobim (2012) discorre acerca das transformações surgidas após o período de agitação brasileira do século XX, afirmando a intrínseca relação entre o funcionamento da sociedade e o trabalho realizado pela crítica. A institucionalização do discurso é um fator que determina a existência ou não da visibilidade obtida. Portanto, além das instituições ligadas ao setor da comunicação, as redes educacionais também são responsáveis pelo trato oferecido a esse campo artístico de uso da linguagem, à própria literatura.

Mesmo diante de uma rede de autorizações que a crítica literária ainda se vê submetida, ainda com a expansão das ferramentas alternativas pela expansão dos *websites*, o papel de quem a faz está condensado na promoção do debate, ou seja, ele ou ela é um “ator importante na cultura brasileira” (JOBIM, 2012, p. 150) e, como tal, mantém o compromisso social com a divulgação e o incentivo ao exercício da leitura. Diante disso, como entender as fontes e influências da formação da crítica literária brasileira nos dias atuais? Enredado nessa pergunta, desenvolvemos algumas reflexões que serão de importante contribuição para perceber a escolha como caminho da interpretação e da identificação de quem realiza o exercício crítico.

2 | OS VIESES DA CRÍTICA LITERÁRIA: HIBRIDISMOS

Para tratarmos das vertentes de crítica literária desenvolvidas no Brasil, é preciso considerar as particulares, influências e avanços conquistados a partir dos desacertos teóricos. Muito mais que campos de análise distintos, os vieses de crítica focam em um ponto central, o texto literário, fonte de grandes reflexões, aprendizados e questionamentos. Se no cenário brasileiro do século XX, a crítica literária nos trouxe um embate discursivo que ora considera a literatura como forma dependente da sociedade ora a visualiza pela ótica da fruição e da autonomia do escritor e objeto artístico, se torna de importante abordagem introdutória a explanação dos métodos utilizados.

Na vertente marxista, a disputa de classe traduz a história da humanidade, seja antes da organização de produção capitalista do mundo moderno, seja mesmo depois da sua expansão. Já para o campo das pós-discussões, precisamente para a vertente do pós-colonialismo, referencia-se Edward Said (1995), não existe a determinação dos fatos pela ordem somente de classe.

Vamos começar admitindo a noção de que, mesmo existindo um núcleo subjetivo irreduzível na experiência humana, essa experiência também é histórica e secular, acessível à análise e à interpretação, e – o que é de importância fundamental – não se esgota em teorias totalizantes, não é marcada nem limitada por linhas doutrinárias ou nacionais, não cabe inteiramente em construções analíticas. (SAID, 1995, p. 65).

Além da mudança de perspectiva feita através da substituição de um termo, muda-se o modo como é considerado a produção literária. Pela vertente das pós-discussões, temos o princípio da autonomia, cuja criação é tomada como originalmente nacional, dado que parte do conjunto das experiências adquiridas em formações culturais distintas.

Na trilha da crítica cultural brasileira, essa interdisciplinaridade é vista como um problema para os intelectuais que acreditam na dependência cultural, como nos ensina Antonio Candido. [...] Se a crítica cultural de princípio marxista se preocupava em ressaltar a dependência [...] as análises [pós estruturalistas] valorizavam a autonomia antropofágica do escritor latino-americano (GOMES, 2011, p. 58).

Ainda sobre a categoria 'classe', na perspectiva da crítica marxista, notemos a fundamental importância que ela exerce no método dialético no âmbito da literatura e do contexto social que ela se insere. Esse conceito se baseia na lógica de pensar a atualidade de forma empírica e histórica, tendo como base a concretude do ser e daquilo que o circunda. A arte e, portanto, a literatura, como produto do trabalho humano, está para a sociedade como a sociedade está para ela. Nos vale ir para a fonte que Antonio Candido e Roberto Schwarz bebem: "O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de compreender a arte e de fruir a

sua beleza. Portanto, a produção não produz somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto” (MARX, 2010, p. 137).

A determinação das condições sociais e de suas formas de organização do trabalho é um fato corrente para criação da própria cultura e das suas relações em sociedade. A arte vê-se submetida ao pré-estabelecido, o que faz Antonio Candido defender a ligação dependente: “Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem” (2006, p. 13).

A interpretação dialética proposta pela corrente dirigida por Candido no Brasil coloca a superestrutura como intrinsecamente submetida pela infraestrutura, ou seja, ligada às formas de divisão de trabalho, assim como da economia. A construção da subjetividade, sendo pensada dessa forma, mantém relação estreita com a materialidade, pois não existe uma ruptura que marque a descontinuidade entre ambos.

Mesmo diante da relação posta, superestrutura e infraestrutura, vemos que outras camadas na base conseguem pela proximidade manter um fluxo amplo de influências. Segundo Engels em sua carta a Starkenburg em 1894, através de citação de Georg Lukács: “O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico etc. baseia-se no desenvolvimento econômico. Mas todos eles reagem também uns sobre os outros e sobre a infraestrutura econômica.” (ENGELS, apud LUKÁCS, 2010, p. 14). Não se trata de uma supervalorização da situação econômica, mas de uma cadeia dependente, cuja divisão acontece por meio dos níveis de organização e estruturação da sociedade.

Voltemos às considerações de Antonio Candido. Ele nos diz que na literatura cada função narrativa, estruturante, terá relação direta com o próprio funcionamento social. Não existe aleatoriedade, quando a obra é tomada como um sistema que mantém elementos e funções bem demarcados. Contrário ao ato fluido artístico, esse campo crítico defende a construção artística, tomada sempre como trabalho.

Os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra. [...] Hoje, sentimos que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, é justamente esta concepção da obra como organismo que permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam, pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fatos se torna componente essencial do caso em foco (CANDIDO, 2006, p. 25).

Na esfera internacional, um outro crítico literário, Terry Eagleton (2011), nos explica como o materialismo histórico visualiza a arte em sua dinâmica social e por meio de um projeto novo que pressupõe diferentes formas de socialização. Ele nos diz que a “teoria materialista da História nega que a arte possa, por si só, mudar o curso da história; mas ela insiste que a arte pode ser um elemento ativo em tal mudança.” (2001, p. 25). Eagleton toca na concepção dialética que, antes de tudo, ela “a forma

é produto do conteúdo, mas reage sobre ele em uma relação bilateral.” (2011, p. 44).

A arte e um projeto novo de sociedade caminham juntos, uma vez que existe uma proposta a ser alcançada como via capaz de trazer uma literatura que represente, de fato, uma produção originalmente nacional. O chamado “mal-estar da literatura”, nesse caso, se assemelha a essa proposta de nacionalização de uma literatura própria. Roberto Schwarz nos diz que comportamos “o sentimento da contradição entre a realidade nacional e o prestígio ideológico dos países que nos servem de modelo.” (1987, p. 30).

O caráter imitativo é visto como um esquema de assimilação e reprodução. Nas palavras de Schwarz: “uma pequena elite dedica-se a copiar a cultura do Velho Mundo”, destacando-se assim do gosto do povo, que permanece inculto.” (1987, p. 40). Existe um novo paradigma criado, fazendo desencadear uma série de escalas copistas, sufocando as produções de cunho popular.

Invertido a essa lógica, vemos o campo das pós-discussões, aqui trazido pela voz de Silviano Santiago. Com esse oportuno gancho, não nos atentemos ao crítico em suas múltiplas facetas como contista, romancista e poeta, mas nos ensaios e obras que elaborou críticas, colocando à mostra a posição de enfrentamento assumida por meio de uma abordagem de cunho pós-estruturalista.

Esse expoente, aqui chamado dessa forma por trazer à luz do campo crítico reflexões incomuns, estão para a formação da literatura brasileira, bem como, para a literatura latino-americana. É, segundo esse campo de análise, a dinâmica de compreender a questão do nacionalismo como fundamental diante da construção das identidades, das alteridades e do possível desvencilhamento da ótica europeizante diante das formas de vida e, portanto, de produção. Uma nova abordagem é pretendida através de recortes variáveis de um conjunto: classe, raça, gênero e sexualidade. Diante disso, cabe à função do crítico tocar nessas áreas e conceber como razão própria que o fundamenta.

Em “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Santiago nos diz que a nossa produção artística se encontra submetida à gama de fontes e influências. Essas produções podem ser lidas como “tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão.” (SANTIAGO, 2000, p. 21).

Em contraste, a importância do discurso literário da América Latina pode ser vista no seguinte excerto:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 2000, p. 16).

A unidade é posta como forma de poder e, com isso, a supressão das línguas locais aponta a intenção de bloquear qualquer tipo de diversidade. Como mecanismo

de dominação, Santiago discorre: “Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta.” (2000, p. 14).

A assimilação realizada e transformada pelo escritor latino-americano é feita como um ato de rebelar-se. Portanto, ele nunca é ingênuo, mas um ser desconfiado. Em suas palavras: “O artista latino-americano aceita a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão” (SANTIAGO, 2000, p. 25). Ter noção desses recortes e posicionar-se diante deles significa reconhecer o lugar de importância da produção brasileira e/ou latino-americana, o que para o crítico brasileiro faz parte da politização do discurso.

Segundo as fontes pós-estruturalistas, uma literatura que nasce das trocas e influências consegue ser original na medida em que surge em um novo espaço e, com efeito, mergulha em tudo aquilo que há de convergências e mesmo contrastes. No caso da América Latina e, especificamente, do Brasil, por estar inserido nessa via de mão dupla que é influenciado e influencia, se torna ainda mais coeso, segundo Santiago, propor a análise de uma obra de cunho nacional, sempre em diálogo.

Santiago defende que a nossa literatura carrega uma bagagem de alcances muito mais amplo ao passo em que supera o conceito de unidade e responde à crítica de modo a perceber o espaço político firmado na produção artística. Portanto, reconhecer as fontes não significa diminuir o valor estético ou temático, mas perceber que o passado nos preencheu de valores socioculturais e esses também fazem parte do nosso processo de formação e identificação individual, assim como, coletivo, na atualidade.

Ao concordar com esse roteiro, Gomes defende a “importância da memória cultural como elemento fundamental no processo de leitura e de revisão das identidades sociais” (2011, p. 62). Na estrutura pós-colonial da qual nos vemos inseridos, o diálogo se torna muito mais diversificado e referencial.

São oportunos os seguintes questionamentos: temos uma literatura eminentemente nacional? Se há, como compara-la às produções dos demais países? Se não, como conquistar a independência cultural? Pontualmente, a primeira pergunta é parte fundamental da abordagem de ambas correntes críticas, cuja resposta diferencia tanto na concepção da cultura, quanto no modo de vê-la a partir da sua relação com a sociedade. Ainda nesse quesito, Silviano Santiago alerta que não devemos nos prender às comparações meramente assimétricas. Se assim fizermos, cairemos no erro do desprestígio, pois “reduz a criação dos latino-americanos à condição de obra parasita, uma obra que se nutre sem nunca lhe acrescentar algo de próprio” (SANTIAGO, 2000, p. 18).

Já Antonio Candido (1987) nos diz que temos “influências de vários tipos, boas e más, inevitáveis e desnecessárias.” (p. 151). A dependência se dá pelo fato de não termos construído ainda um cenário de soberania nacional para que, como reprodução da política de dominação, passássemos a parar de imitar e alimentar paradigmas: “As

nossas literaturas latino-americanas [...] são basicamente galhos das metropolitanas. E se afastarmos os melindres do orgulho nacional, veremos que, apesar da autonomia que foram adquirindo em relação a estas, ainda são em parte reflexas” (p. 151).

Nos vale perceber que muitos teóricos e críticos literários brasileiros foram influenciados por produções geridas fora do país. Quando não por fonte direta, acabou dialogando entre escritos, como vemos o exemplo de Antonio Candido e Terry Eagleton trazidos.

Nos atentemos em primeiro plano, pois, ao filósofo argelino Jacques Derrida e as suas considerações inovadoras no âmbito da filosofia que fizeram gerar inquietações ao pensar a produção discursivo-literária. Em sua obra *A escritura e a diferença* (2004), especificamente no capítulo “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, há a iniciação ao conceito dado à estrutura e à proposição de desconstrução dela. Derrida nos chama atenção para o fato da existência de um centro, a própria organização do sistema, e a constante busca do desmembramento dela.

Substituindo o conceito de ‘ser’ e ‘verdade’ pela definição de ‘jogo’ e ‘interpretação de signo’, o filósofo nos orienta para o caminho das manifestações de linguagem, afirmando ser toda ciência um resultado de criações discursivas. O signo em Derrida é um ponto de extrema importância, dado a chegada à unidade de sentido acontece por meio dos princípios que a formam. Além da construção, a desconstrução pode ser parte integrante para compreender o seu significado. Existe um descentramento como pensamento da estrutura.

Com forte diálogo com os estudos desenvolvidos pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, Derrida defende a relativização a partir do conceito de estrutura visto no primeiro nome citado, pois, segundo as suas considerações, a estrutura faz parte da ação e tudo que é ação faz parte da natureza

Com o retorno ao passado a partir do critério do questionamento, há a formatação de nova estrutura que pressupunha a própria desconstrução dela.

A aparição de uma nova estrutura, de um sistema original, faz-se sempre – e é a própria condição da sua especificidade estrutural – através de uma ruptura com o seu passado, a sua origem e a sua causa. Só se pode, portanto descrever a propriedade da organização estrutural não levando em conta, no próprio momento dessa descrição, as suas condições passadas: omitindo colocar o problema da passagem de uma estrutura para outra, colocando entre parênteses a história (DERRIDA, 2004, p. 247).

Nos deslocamos à crítica literária canadense, Linda Hutcheon, cujo retorno ao passado de forma crítica e questionadora acerca da criação e legitimação do discurso é um fato em suas análises. Essa dinâmica do retorno faz surgir uma categoria nomeada por ela de ‘metaficção historiográfica’. Essa categoria “sugere isso de forma autoconsciente, mas depois o utiliza para ressaltar a natureza discursiva de todas referências – literárias e historiográficas. O referente é sempre já inserido nos discursos de nossa cultura” (HUTCHEON, 1991, p. 158).

Hutcheon afirma ser esse um campo de análise ainda cheio de contradições e em construção. O que nos interessa acerca da influência que ela exerce no debate da literatura brasileira se dá justamente no caráter de revisão do passado, o qual faz com que a problematização acerca da legitimação do discurso seja feita. Isso acontece porque os discursos oficiais, o histórico presente nos livros didáticos e em outros materiais de cunho institucional, apresentem versão homogeneizante, poucas vezes reveladores do ponto de vista da importância às singularidades.

A principal reflexão levantada depois de inseridas as contribuições em âmbito nacional e internacional a respeito da dependência cultural e das imanências do texto se dá pela concessão ou pela aquisição dos espaços conquistados e de quem faz uso deles. Seja por questões de ordem experienciais ou de apreço em particular pela temática em análise, as vozes ouvidas e visibilizadas causam ou deveriam causar desconfiança, uma vez que isso pressupõe o silenciamento de outras vozes.

Conforme nos adverte Michel Foucault (1996) não há um discurso raso no sentido de esvaziamento conteudístico e ideológico. Contrário a isso, existe uma ordem que apresenta contingências históricas e sistema de instituições.

Ora, se determinada fala recebe maior notoriedade por figuras e canais de comunicação, significa dizer que o apoio institucional, dirigido pelos poderes que dele fazem uso, acabam por legitimar posições. Podemos ver tal afirmação na formação do cânone da literatura nacional.

Se as relações de poder acabam por mediar os espaços e as autorizações que circulam neles, o discurso ainda faz parte do uso de controle. Por sua vez, isso gera a exclusão. Reescrevendo as proposições do crítico francês, há a criação de sistemas de exclusão, cujo principal exercício é a segregação a partir de uma base institucional com roupagem autoritária e despótica.

Em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, sabemos, no entanto, que na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais [...] Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas de possibilidade que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem. (FOUCAULT, 1996, p. 43-52).

Sem determinar um caminho exato para analisar as formações discursivas, pois elas não são uniformes, nem mesmo nascem de um mesmo princípio, o crítico nos direciona a desfazer-se do universalismo. Devemos, no entanto, localizar o discurso em seu acontecimento e mesmo como foram as condições que propiciaram seu exercício.

O conceito do interdito em Foucault concentra nos modos de como o discurso ainda sofre retaliações vindos das estruturas de poder, cuja expansão temática será reduzida, colocando determinados temas para o campo da estigmatização. Exemplo citado é a sexualidade.

Mas como pensar a atualidade das proposições de Foucault na produção

literária? Ainda vale uma segunda indagação: se o discurso é poder, quem o possui? A reunião do pensamento de Gayatri Spivak e Djamilia Ribeiro, mesmo com alguns distanciamentos pontuais, se fazem fundamentais para desdobrar melhor as questões postas. Para a primeira, as relações de poder pressupõem ou advém da disputa de classes. Essa defesa faz com que o alimento das segregações aconteça por intermédio da organização econômica e forma política imbricada nela.

A voz subalternizada não encontra espaço, fazendo com que haja um apagamento da sua expressão. É a retirada da voz um fato mutilador, uma vez que, o discurso é sempre uma verdade a ser construída, apresentada e é ao mesmo tempo produto de si. Retomando poeticamente as palavras do crítico francês: “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Spivak revela ser o sujeito subalterno o silenciado. Articulando a sua defesa, ela explica que a experiência concreta do indivíduo e a esse controle do que pode ser dito ou do que é dito está inteiramente ligada ao déficit de uma junção bem organizada contra hegemônica. Como papel de suma importância da crítica, a subversão do discurso ou o enfrentamento dessas relações de poder pré-estabelecidas deve estar como um frequente nos trabalhos e na atuação.

A introdutora do livro da estudiosa indiana, Sandra Regina Almeida, afirma ser na oposição crítica que o surgimento de espaços que possibilitem escutas acontecerá. Como solução do sufocamento dessas vozes, lê-se o enfoque dado às vozes de mulheres, é preciso romper essas barreiras criando novos lugares discursivos.

Essa exclusão da necessidade do déficit tarefa de realizar uma produção ideológica contra hegemônica não tem sido salutar. Acabou por auxiliar o empirismo positivista – o princípio justificável de um neocolonialismo capitalista avançado – a definir sua própria arena como a da “experiência concreta”, “o que realmente acontece”. (SPIVAK, 2010, p. 30).

Como a crítica pós-colonial se volta para o questionamento dos motivos levados ao sufocamento e à estigmatização dos sujeitos historicamente relegados, pensar a autoria na literatura é oportuno, dado que a segregação discursiva importa pelas relações de poder refletidas também no espaço artístico. Nesse sentido, Djamilia Ribeiro interliga o trabalho intelectual ao fazer político. Ambos caminham juntos, pois a sua finalidade explica o que há de principal na realização desse trabalho: a descolonização do pensamento.

A intersecção dessa abordagem, através de eixos complementares de classe, raça, gênero e sexualidade, abre espaço reconhecido de lugares particulares. Portanto, como o centro da discussão está no questionamento das produções literárias, de quem fala nessa esfera de trabalho artístico com a linguagem, compreendemos como as lacunas de mulheres escritoras na historiografia literária brasileira, entende-se a partir do parâmetro canônico alimentado pela crítica tradicional, exemplifica ainda o

lugar subalternizado destinado à categoria. Diante disso, se fizermos um recorte, por exemplo, da autoria feminina negra, esse quadro é ainda mais escasso.

Com a defesa apresentada por Ribeiro, o retorno à análise crítica desse fato aconteceu através da construção dos lugares de resistência. Em seus primeiros momentos com o protagonismo das mulheres brancas operárias de países situados na Europa e dos EUA, posterior a isso, com as mulheres dos movimentos negros, fazendo emergir o feminismo afrolatinoamericano. É reconhecida a “necessidade de auto definição é uma estratégia importante de enfrentamento a essa visão colonial” (RIBEIRO, 2017, p. 75).

Djamila Ribeiro revela ser através das forçosas interrupções e ações de enfrentamento que os sujeitos subalternos vêm conquistando espaços. A ruptura, mesmo que em escalas pequenas diante do pretendido, tem fomentado reflexões de cunho social, cujo principal foco concentra a proposta de desconstrução de paradigmas fomentado por anos por políticas de pensamento e ação colonialista.

3 | CONCLUSÃO

Por fim, sabemos que para tratar de literatura, estamos tocando necessariamente no “sistema literário”, cujo mentor do termo, Antonio Candido, se refere ao conjunto que forma escritor, obra e leitor. Um ponto de convergência entre as perspectivas é encontrado: a preocupação do acesso à arte. A linha dos estudos marxistas, bem como, das pós-discussões e especificamente do pós-estruturalismo, aqui ressaltado pela referência do Silviano Santiago, toca nesse ponto, tendo em vista a abrangência que a questão apresenta, concluindo que não adianta falar de uma literatura, seja nacional ou não, se ela não é lida. Diante desse embaraço, esbarramos em um outro problema: o alto índice de analfabetismo no país.

Assim, partindo para uma problemática concreta que encaminha a solução pelo viés político, para além dos nomes trazidos e trabalhados no decorrer do artigo, a reflexão acerca da autonomia ou não da literatura brasileira se torna secundária, quando temos o problema da não leitura dela. Retomando José Luís Jobim (2012): “literatura entre outras coisas, é também uma mercadoria e está relacionada a certas finalidades e práticas institucionais.” (JOBIM, 2012, p. 147).

Como o caráter polissêmico é característica própria da literatura, isso abre espaço para a diversidade de lentes possíveis de enxergar as camadas do texto e as questões que partam dele, fazendo erguer a compreensão particular de quem se debruça. Como alternativa, muitas vezes o próprio objeto de pesquisa já prenuncia a abordagem que melhor condiz com a sua interpretação, dado que o autor também é influenciado por correntes de pensamentos diversas. Na atualidade, isso se afunila a partir do recurso teórico-metodológico que pode ter uma direção específica, fechada em um campo teórico, ou mesmo a partir de um método híbrido, fazendo possível a reunião de diferentes visões.

Se para uma corrente de abordagem temos o aspecto do subdesenvolvimento, haja vista a observação do lugar que parte, discurso periférico em um mundo submetido às disputas política e econômicas, e para a outra corrente temos o caráter anfíbio, ou seja, a marca da adaptação de um discurso produzido sob formas locais, a metodologia volta a ser o ponto chave para compreendermos as motivações de desenvolvimento e identificação das análises. A história da crítica literária no Brasil além de ser retomada por essas duas linhas de pensamentos, vê-se colocada como um terreno fértil no sentido de reunir ou criar novas formas de interpreta-la. O rigor metodológico, portanto, deve ser preocupação daqueles que mantêm interesse em se aprofundar em um campo plural e recheado de redes dialógicas de conhecimento: seja pela dialética social, histórica e política, seja pelo entre-lugar e a politização do discurso que o termo sugere.

Mesmo sob forma de uma postura assumida diante das duas vertentes críticas, nos importa trazer a analogia feita por Christina Ramalho, e a resignificação de Antoine Compagnon à sentença de Bernard de Chartres do século XII. No artigo “O sujeito cultural híbrido: uma categoria para se repensar a identidade” (2008), ela afirma que as várias correntes não concordam entre elas, mas que, em um certo ângulo, quando aproximadas, elas podem compor uma forma artística própria, chegando próximo, até mesmo, do cubismo.

A junção dos vários retalhos pode trazer uma compreensão muitas vezes somatória do que excludente, o que eleva a qualificação da análise. Já no segundo nome referido, vemos uma atenção maior voltada para a literatura, pois sem ela não existia a própria crítica literária. De tal forma, a frase “Nanus positus super humeros gigantis” – Somos como anões nos ombros de gigantes –, evidencia a importância, em primeira instância, da obra literária.

Pensar o texto literário como um campo de encontros e mesmo de desencontros, neste último pelas abordagens muitas vezes discrepantes diante do que está exposto, nos faz percebê-lo em seu dialogismo. Cada corrente crítica apresenta caminhos distintos, fazendo surgir percepções próprias, mas é certo que a historiografia literária brasileira apresenta uma lacuna no que concerne à presença da autoria de sujeitos historicamente marginalizados. Nenhuma percepção, por maior caráter político que tenha e por maior projeção inclusiva, pode negar o fato de que a literatura ainda é uma área de privilégio, portanto, de contínua conquista.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: _____. **Literatura e sociedade**. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. In: **Teoria literária: abordagens históricas e**

- tendências contemporâneas. Org: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3º ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- EAGLETON, Terry. 1943. **Marxismo e crítica literária**. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GOMES, Carlos Magno. Estudos culturais e crítica literária. **Revista da Anpoll** – Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguísticas. Estudos literários: limites e interseções. Florianópolis. 2011, vol. 1. n. 30. p. 54-68.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- JOBIM, José Luís. Crítica literária: questões e perspectivas. **Revista de Literatura Itinerários**. Perspectivas da crítica literária. Araraquara. 2012, v. 1. n. 35. p. 145-157.
- LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: MARX, Karl. 1818-1883. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1º Ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.
- MARX, Karl. 1818-1883. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1º Ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.
- RAMALHO, Christina. O sujeito cultural híbrido: uma categoria para se repensar a identidade. In: GOMES, Carlos Magno; ENNES, Marcelo Alário (Orgs). **Identidades: teoria e prática**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2008, p. 15-25.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é o espaço de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2º Ed. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.
- SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: companhia das letras, 1995.
- SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: _____. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SPIVAK, Gayatri Chakravort. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AFRICANIDADE EM ALDA LARA

Analice de Lima Aquino

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

e-mail: analiima.aquino22@gmail.com

Raissa Ferreira da Silva

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

e-mail: raissaferreiraufpb@gmail.com

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Advogado. Doutor em Letras

e-mail: awsvasconcelos@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como finalidade apresentar uma reflexão acerca do artesanato poético de Alda Lara. O objetivo dessa análise qualitativa é cogitar sobre alguns traços de sua obra, como o sujeito poético feminino, a lembrança da infância e principalmente o amor à pátria. Tratando de uma pesquisa bibliográfica, o corpus deste trabalho é o poema “Presença Africana” (1953). Como embasamento teórico foram utilizados Carla Ferreira (2008), Érica Pereira (2009), Maria Eliane Pontes (2010), dentre outros estudiosos. Os resultados obtidos evidenciam que a Mãe-África é uma das temáticas essenciais de sua poesia. Lara dedicou-se a sua vida pela sua terra, exercendo uma atitude de amor ao próximo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia angolana. Alda Lara. Mãe-África. Nacionalismo.

AFRICANITY IN ALDA LARA

ABSTRACT: This article aims to present a reflection on the poetic crafts of Alda Lara. The objective of this qualitative analysis is to consider some features of his work, such as the female poetic subject, the memory of childhood and especially the love of the country. In a bibliographical research, the corpus of this work is the poem “African Presence” (1953). As theoretical basis were used Carla Ferreira (2008), Érica Pereira (2009), Maria Eliane Pontes (2010), among other scholars. The results show that Mother Africa is one of the essential themes of her poetry. Lara devoted her life to her land, exercising an attitude of love for her neighbor.

KEYWORDS: Angolan poetry. Alda Lara. Mother Africa. Nationalism.

1 | INTRODUÇÃO

Alda Ferreira Pires Barreto de Lara Albuquerque, mais conhecida por Alda Lara, nasceu em Benguela no dia 9 de julho de 1930 e faleceu em Cambambe na data de 30 de janeiro de 1962. Casada com o escritor Orlando de Albuquerque, este que foi responsável pela edição das obras póstumas, Lara dedicou-se aos estudos e se formou em Medicina com o único propósito de ajudar a sua nação. Ela se

destacou no cenário literário angolano como a precursora da poesia. Apesar de que a produção literária de autoria feminina ainda é principiante nos países africanos, hoje já podemos ter mais contato com algumas dessas criações a partir da circulação e divulgação dos livros. No caso de Lara, mesmo que não tenha publicado seus livros em vida, podemos encontrar três obras que reúnem sua produção literária: *Poemas* (1966), *Poesias* (1979) e um livro que reúne contos intitulado *Tempo de chuva* (1973). Portanto, este presente trabalho irá apresentar os resultados de uma análise acerca de um de seus poemas “Presença Africana”. Serão observados traços da produção poética da autora, tanto como a relação dos seus versos com a saudade, o sujeito poético feminino, a lembrança da infância e principalmente o amor à pátria.

Esta análise discute a forte relação do nacionalismo nas obras da poetisa angolana e entender o significado da personificação da terra africana como a “Mãe-África” em seus versos.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois os dados obtidos foram retirados de fontes em livros, artigos, sites que discorrem sobre a temática evidenciada neste artigo. Além disso, esta pesquisa é de abordagem qualitativa. Isso se deve ao fato deste trabalho priorizar dados a partir da “(...) interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados (...)” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

O corpus da análise é o poema “Presença Africana”, da escritora Alda Lara. Devido à escassez e falta de contato com as obras impressas da autora, o poema foi retirado em um site que consta informações sobre Lara, tanto como reúne alguns de suas poesias. Após a leitura de suas poesias, percebeu-se a forte presença de marcas referentes ao sujeito poético feminino, temática da saudade e da Mãe-África, portanto, do nacionalismo. A partir disso, selecionou-se “Presença Africana”, pois há todas essas temáticas em um só poema.

A partir de um estudo sobre a autora, características de suas obras, através de artigos que tratam de Lara, e a fundamentação teórica, iniciou-se a análise desde aspectos estruturais do poema a aspectos conteudistas, levando consideração o objetivo do trabalho.

2 | A “AFRICANIDADE” EM ALDA LARA

Há, ainda, uma lacuna, em que se duvidam da reciprocidade entre literatura e sociedade. Entretanto, numa obra é possível observar o entrelace entre a estética literária, tal como uma reflexão acerca de aspectos ideológicos e políticos que correspondem à sociedade.

Até os países africanos de língua portuguesa atingirem a independência, os escritores viviam entre a sociedade africana e a colonial, o que refletia em suas produções. Patrick Chabal (1994 apud FONSECA; MOREIRA, s/d), numa visão mais historicista,

refere-se ao relacionamento do escritor africano com a oralidade e propõe quatro

fases abrangentes das literaturas africanas de língua portuguesa. A primeira é denominada assimilação, e nela se incluem os escritores africanos que produzem textos literários imitando, sobretudo, modelos de escrita europeus. A segunda fase é a da resistência. Nessa fase o escritor africano assume a responsabilidade de construtor, arauto e defensor da cultura africana. É a fase do rompimento com os moldes europeus e da conscientização definitiva do valor do homem africano. Essa fase coincide com a conscientização da africanidade, sob a influência da negritude de Aimé Césaire, Léon Damas e Léopold Senghor. A terceira fase das literaturas africanas de língua portuguesa coincide com o tempo da afirmação do escritor africano como tal e, segundo o teórico, verifica-se depois da independência. Nela o escritor procura marcar o seu lugar na sociedade e definir a sua posição nas sociedades pós-coloniais em que vive. A quarta fase, da atualidade, é a da consolidação do trabalho que se fez em termos literários, momento em que os escritores procuram traçar os novos rumos para o futuro da literatura dentro das coordenadas de cada país, ao mesmo tempo em que se esforçam por garantir, para essas literaturas nacionais, o lugar que lhes compete no corpus literário universal.

De acordo com Hamilton (1981), o tema que abrange a Mãe-África nessas literaturas somou a um lugar comum, de modo que os poemas redigidos em volta dele apresentava uma certa regularidade. Desta forma percebemos essa consonância:

O retorno às origens resultou em Angola, como em outras colônias lusófonas, e quanto a isso, em todo o chamado mundo negro-africano, numa quantidade de poemas que invocam a terra natal ou ancestral em vãos emocionantes de devoção à Mãe-África ou Mãe-Negra. Neste nível de consciência a imagem da Mãe serve fins telúricos como o símbolo da fecundidade e da fidelidade às origens. (HAMILTON, 1981, p.97)

O canto a Mãe-África reintegrou a voz em forma de clamor e reafirmação ao pertencimento a “angolanidade” e “africanidade” revendo os primórdios ancestrais africano amparado pela aquisição cultural europeia fomentada pelo colonialismo, resultando assim no despertar do sonho adormecido, e da certeza de um amanhã livre das amarras do sistema colonial.

3 | A PRESENÇA AFRICANA EM ALDA LARA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

PRESENÇA AFRICANA

E apesar de tudo,
Ainda sou a mesma!
filha eterna de quanta rebeldia
me sagrou.
Mãe-África!

Mãe forte da floresta e do deserto,
ainda sou,
a Irmã-Mulher
de tudo o que em ti vibra
puro e incerto...

A dos coqueiros,
de cabeleiras verdes
e corpos arrojados
sobre o azul...
A do dendém
Nascendo dos braços das palmeiras...

A do sol bom, mordendo
o chão das Ingombotas...
A das acácias rubras,
Salpicando de sangue as avenidas,
longas e floridas...

Sim!, ainda sou a mesma.
A do amor transbordando
pelos carregadores do cais
suados e confusos,
pelos bairros imundos e dormentes
(Rua 11!... Rua 11!...)
pelos meninos

de barriga inchada e olhos fundos...

Sem dores nem alegrias,
de tronco nu
e corpo musculoso,
a raça escreve a prumo,
a força destes dias...

E eu revendo ainda, e sempre, nela,
aquela
Longa história inconsequente...

Minha terra...
Minha, eternamente...

Terra das acácias, dos dongos,
dos cólios baloiçando, mansamente...
Terra!
Ainda sou a mesma.

Ainda sou a que num canto novo
pura e livre,
me levanto,
ao aceno do teu povo!

Benguela, 1953 (de Poemas, 1966)

O poema “Presença Africana” foi escrito por Alda Lara em Benguela no ano de 1953. Estruturado em dez estrofes, é composto por quarenta e oito versos, sem forma fixa e sem rimas. Relacionando a temática abordada no poema, essa liberdade quanto à estrutura do texto está atrelada ao fato de que agora a terra africana não vive e nem segue os padrões de seus antepassados (colonização) e por este motivo a estrutura é “livre”. Além disso, há presentes na composição poética o uso de bastantes sinais de pontuação. No caso das reticências, é possível perceber certa pausa e vagueza, que podem estar atreladas as diversas quebras de descrições apresentadas no decorrer do poema. Quanto às exclamações declaram emoção do eu-lírico ao falar se sua terra.

Partindo para a linguagem é possível observar que não há um vocabulário complexo, e isso faz com que a leitura da poesia seja fluente. Existem algumas palavras como “Ingombotas”, “dongos”, “cólhos” que podem causar dúvida quanto ao significado, mas nada que um dicionário não ajude. Os rastros de algumas palavras do gênero feminino, “(...) Ainda sou a mesma!/ filha eterna de quanta rebeldia/ me sagrou (...)”, incidem para a conclusão de que o eu-lírico se trata de uma mulher. Lara trabalha com essa visão de adicionar em suas produções poéticas um sujeito poético feminino, quebrando muros que impedem a mulher ter voz na sociedade e no espaço literário.

O título do poema “Presença Africana” está remetendo à marca do nacionalismo, ou seja, ao amor que Alda Lara tem pela sua nação africana (angolana). Considerando que o eu-lírico se trate da própria autora subjacente à mulher angolana, é possível notar o aspecto da autoafirmação da nacionalidade no título. Dessa forma, é apresentado desde as primeiras expressões, o apego a terra e o forte sentimento de amor dos africanos a sua nação. Procedendo para uma segunda leitura, de que o eu-lírico do poema seja a própria “Mãe-África”, o título aborda as marcas (amor, saudade, passado, lembrança) que a terra africana produz em seu povo e por este motivo é tão pertinente perceber o quanto esses autores africanos tratam seu continente com tanta devoção.

Dessa forma, obtivemos duas leituras quanto ao eu-lírico: pode ser a própria Lara representando as mulheres angolanas e também pode ser a própria Mãe-África, ambas revelando o direito e a conquista de voz, especialmente, no espaço literário.

Ainda discutindo a presença da expressão “Mãe-África”, é possível notarmos a maiúscula alegorizante que propiciam a ideia central do poema, além de dar vida ao elemento. Segundo Maria Eliane Maciel Pontes (2010, p. 5), “a simbologia da Mãe-África, na qual a força da terra é personificada na figura feminino-materna ‘gera’ o homem livre da escravidão/colonização, inscreve outro olhar que procura descrever os cenários da terra aquecida por um sol ‘esplendoroso e quente’.” Por este motivo, é possível percebemos, a partir da segunda interpretação deste poema, que esta expressão é comparada com a figura feminina (materna).

Voltados à leitura de que a Mãe-África é o sujeito poético, iremos apresentar, agora, a interpretação. Logo no início do poema, é mencionada a expressão “E apesar de tudo”, que está interligada com o passado dessa terra, ou seja, com o processo de colonização. Mesmo com toda história de sofrimento que a nação enfrentou, ela

continua a mesma, “Mãe forte da floresta e do deserto”. Logo em seguida, iniciam as comparações da Mãe-África como a “Irmã-Mulher”. Neste caso, a terra está sendo apresentada como uma mulher, que se descreve como a “dos coqueiros, de cabeleiras verdes, e corpos arrojados sobre o azul”. Conforme Pontes (2010, p. 5), “as descrições apresentadas na poesia da autora são permeadas por um misto de mulher e Mãe-África, dando frutos e alimentando o sujeito poético, servindo como chuva que molha o chão da pátria, para que este reviva e gere em seu ventre materno um novo ser angolano repleto de vida e sonho.” Podemos ver que neste poema, os elementos da natureza são utilizados com outro sentido, ou seja, da construção do corpo da terra africana ligado a aspectos da maternidade, também ressalta aspectos de uma nova vida, visando a ideia de que agora o povo africano pode chamar a terra de “sua”.

Posteriormente, a partir dos versos “a do dendém, nascendo nos braços das palmeiras”, é possível construir a imagem relacionada à maternidade, ou seja, de um neném nascendo e sendo acolhido pelos braços da mãe. Assim como a mulher, a terra africana, conhecida pela sua forte fertilidade, também, gera seus “frutos”. Além disso, há a representação do sol, que remete a questão acolhedora e calorosa que remetida à mãe. Além disso, a utilização do sol introduz a ideia de uma nova vida, um novo dia, relacionado à independência e a liberdade do continente africano.

Uma parte bastante interessante dos versos seguintes é a utilização do passado versus presente a partir da representação das flores vermelhas das acácias. Quanto ao presente as únicas marcas de sangue que irão manchar a terra serão das flores vermelhas das acácias. Extinguindo o passado, este recurso é utilizado para contrapor as marcas de violência e mortes do povo africano durante a colonização.

A simbologia do cais também é apresentada nesse poema. O cais é um tipo de plataforma que dava suporte ao embarque e desembarque em navios. Levando em consideração o processo de colonização, esses cais possuem um valor negativo para o povo africano pois era a partir dele que muitos escravos eram levados e trazidos para serem explorados em sua própria terra, além de exportação de produtos para comercializarem. São várias as referências de cais em poemas africanos, como por exemplo, em Alda do Espírito Santo, no seu poema “Em torno de minha baía”.

Nos outros versos são descritos a força e raça do povo forte africano e o poema conclui com uma retomada de ideia apresentada no primeiro verso do poema. Assim, “e apesar de tudo, ainda sou a que num canto novo, pura e livre, me levanto ao aceno do teu povo”, ou seja, mesmo com todo passado triste que a Mãe-África enfrentou, ela resiste e ganha forças, levanta e utiliza de um canto novo para escrever uma nova história.

Partindo para a primeira leitura, da qual o eu-lírico pode ser a própria autora, é possível relacionar a temática de exílio pelo qual a autora teve que viajar para outros países pelos seus estudos, mas que a terra africana estava presente em si, apesar da distância. E é por este motivo que o eu-lírico inicia “E apesar de tudo, ainda sou a mesma”. E que a partir das descrições apresentadas em casa verso, há uma

relembração e nostalgia do passado. Nas lembranças são citadas ruas, árvores, frutos, paisagens, animais e de crianças. Analisando sutilmente, é possível percebermos alguns elementos traços da cidade em que ela nasceu como, por exemplo, a Rua 11 que faz parte de um bairro de Benguela. Esses aspectos estão ligados as temáticas trabalhadas por Lara como é o caso da saudade da infância e juventude. “Relembrar a infância à distância do tempo e do espaço, recorrendo ao poder da representação da consciência, implica, sobretudo, descobrir a diferença entre os universos africano e europeu, pertencendo ao primeiro o consolo telúrico e ao segundo o desconforto do desapego, numa evidente inadaptação e inconformidade do sujeito”, como defende Carla Ferreira (2008, p. 8). São diversos os poemas que Alda defende a ideia de saudade da pátria e da infância vivida em Benguela.

Ainda em relação à inclusão da criança em seus poemas, além desse forte vínculo com a saudade da infância, Lara defendeu sua tese sobre Psiquiatria Infantil e dedicou sua vida a ajudar o próximo. Se olharmos bem para o verso que a figura da criança é apresentada, podemos associá-la a esse fato de dedicação da vida de Lara ao povo africano.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme defende Silva (s/d, p. 244), “de outra forma, a participação de Alda Lara nas questões angolanas da libertação política, e mais ainda, as relacionadas com a Mãe África, em sentido lato ou restrito, estão expostas nas linhas mestras do poema Presença Africana, com que o eu-lírico manifesta sua adesão à terra africana, à Mãe África na sua extensão física e humana.” Portanto foi através dessa leitura que percebemos o forte laço de amor e dedicação da poetisa angolana com sua terra, a Mãe-África. A simbologia da maternidade não é relacionada à toa ao continente africano. Além de a África significar muito para o seu povo, Alda Lara também foi uma “Irmã-Mulher” para esta terra ao ponto de selecionar propositalmente e se formar num curso, cujo objetivo principal era ajudar o povo angolano da forma mais humana possível: o amor pelo próximo.

REFERÊNCIAS

CARREIRO, José. Alda Lara. LUSOFONIA. s/d. Disponível em: <http://lusofonia.x10.mx/alda_lara.htm>. Acesso em: 22 maio 2019.

FERREIRA, Carla. Poemas de Alda Lara: para uma leitura da infância. Revista Crioula. n. 3. maio, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/viewFile/54043/57973>>. Acesso em: 23 maio 2019.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. s/d. Disponível em: <http://www4.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121019162329.pdf> Acesso em 29 ago. 2019.

HAMILTON, Russell G. Literatura africana-literatura necessária-I Angola. Lisboa: Edições 70, 1981.

OLIVEIRA, Jurema José de. A poética e a prosa de Alda Lara, Noémia de Sousa, Ana Paula Tavares, Vera Duarte e Paulina Chiziane. Revista eletrônica do Instituto de Humanidades XXV. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/11/18>>. Acesso em: 24 maio 2019.

PEREIRA, Érica Antunes. Secreta encruzilhada: duas vozes femininas que (se) (trans)formam (n) a poesia angolana. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 127-144, 2º sem. 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6160277.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2019.

PONTES, Maria Eliane Maciel. Alda Lara: o poema como instrumento de reconstrução identitária angolana. 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278208436_ARQUIVO_AldaLara.pdf>. Acesso em: 23 maio 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Carlos da. Sentimento e memória: a representação do discurso feminino nas literaturas africanas de língua portuguesa. FAFIPA. Disponível em: <<https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/06/61.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2019.

DIÁRIO DO HOSPÍCIO DE LIMA BARRETO: CRONOTOPO E ROMANCE

Michele Muliterno

Doutoranda em Letras pela Universidade de
Passo Fundo, RS

RESUMO: O Diário do hospício foi escrito por Afonso Henriques de Lima Barreto entre os meses de dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, tempo em que esteve internado no Hospício Nacional de Alienados, em Praia Grande, no Rio de Janeiro, devido a problemas com alcoolismo. O registro íntimo, a princípio, servia como um diário, onde o autor escrevia suas impressões sobre o local e as pessoas que o circulavam, mas, aos poucos, começou a servir como base para *Cemitério dos vivos*, romance inacabado que o autor viria a escrever após seu período de internação, tendo como inspiração suas desventuras em manicômios. A medida em que o diário deixa de ser diário e passa a se tornar o texto que serviria como base para o livro que estava por vir, suas características começam a mudar. Mais do que o fato de ter originado *Cemitério dos vivos*, é possível encontrar características do romance no próprio Diário do hospício, ao investigar os elementos que possam comprovar que a obra pertence a tal gênero, tais como a relação entre autor versus personagens e as noções de cronotopo abordadas pelo teórico russo Mikhail Bakhtin. O exame desses elementos

comprova a romancização do diário, mediante à modificação do texto, que vai, aos poucos, perdendo características de diário e adquirindo as características do gênero romance.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Diário do Hospício. Cronotopo. Romance. Registros.

LIMA BARRETO'S ASYLUM'S JOURNAL: CHRONOTOPE AND ROMANCE

ABSTRACT: Asylum's journal was written by Afonso Henriques de Lima Barreto between the months of December 1919 and February 1920, when he was hospitalized at the Hospício Nacional de Alienados, in Praia Grande, Rio de Janeiro, due to problems with alcoholism. The intimate record at first served as a personal journal, where the author wrote his impressions of the place and the people who circulated him, but gradually began to serve as the basis for *Cemetery for living*, an unfinished novel that the author would come to write after his period of hospitalization, inspired by his misadventures in asylums. As the journal ceases to be a journal and becomes the text that would serve as the basis for the book to come, its characteristics begin to change. More than the fact that it originated *Cemitério dos vivos*, it is possible to find elements of the romance in Asylum's journal, by investigating elements that can prove that the work belongs to this genre, such as the

relationship between author versus characters and notions of chronotope approached by the Russian theorist Mikhail Bakhtin. The examination of these elements proves the romancization of the journal, by changes in the text, which gradually loses journal characteristics and acquires the characteristics of the romance genre.

KEYWORDS: Lima Barreto. Asylum's journal. Chronotope. Romance. Records.

1 | INTRODUÇÃO

Após a leitura de *Diário do hospício*, de Lima Barreto (2010), fica-se com a sensação de que a obra se trata, na verdade, de um romance, e não de um simples diário, como a maioria das resenhas a define. O “diário” em questão foi escrito entre os meses de dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, durante o período em que o autor encontrava-se encarcerado no hospício da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, e, baseado nele, Lima Barreto escreveu o romance inacabado *Cemitério dos vivos* (2010).

Talvez a intenção, a princípio, tenha sido mesmo de fazer um diário, visto que Lima Barreto sempre manteve o hábito de escrever diários, fato conhecido, pois esses registros foram publicados em 1953 como *Diário íntimo*. Ao que tudo indica, a ideia de criar um romance baseado em suas experiências pessoais, enquanto paciente do Hospício Nacional de Alienados, levou o autor a romancear o próprio relato tendo, assim, material para o *Cemitério dos vivos*, que sairia mais tarde. Dessa forma, o próprio *Diário do hospício* possui características de um romance.

Na tentativa de comprovar esse ponto de vista, busca-se embasamento teórico nas ideias do filósofo russo Mikhail Bahktin (1895-1975) desenvolvidas em *Questões de literatura e estética* (1988) e *Estética da criação verbal* (2003), com destaque para as noções de cronotopo e para a relação entre autor e personagem no romance. Com a análise de *Diário do hospício* e a comparação com *Cemitério dos vivos*, procura-se refletir sobre a relação entre autor e personagem em ambos os textos. A seguir, estabelece-se a análise dos cronotopos que aparecem no *Diário* e, na sequência, da crônica híbrida de relato pessoal e ficcional que aparece na obra, o que torna possível considerar a obra um romance, e não um simples diário.

2 | LIMA BARRETO

Quando a Lei Áurea, que declarava abolida a escravatura, foi assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, houve eufórico clima de confraternização social no Brasil. No entanto, com o golpe militar que resultou na proclamação da República no ano seguinte, o sentimento passou a ser de insegurança durante o período de legalização do regime. O Congresso foi fechado, medidas ditatoriais foram postas em prática, as minorias oligárquicas dos Estados e os segmentos militares autoritários começaram a ganhar força. O governo passou a adotar política de intervenção nos

Estados, mergulhando o país em um ciclo de rebeliões (PRADO, 1980). Foi neste contexto que cresceu Afonso Henriques de Lima Barreto, nascido em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro, filho de um tipógrafo e de uma professora primária, descendentes de escravos. Sua mãe morreu quando contava com apenas seis anos de idade. Seu pai perdeu o emprego de tipógrafo com a proclamação da República, por ser protegido do monarquista Visconde de Ouro Preto, que, como padrinho de Lima Barreto, patrocinou seus estudos na Escola Politécnica. O pai do escritor sofria de problemas mentais e foi recolhido à Colônia de Alienados da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, e Lima Barreto largou os estudos para sustentar a família.

Lima Barreto passou a ter seu sustento como amanuense na Secretaria da Guerra e colaborando com a imprensa local. Encontrou dificuldades em publicar sua obra e nunca obteve grande reconhecimento em vida. Como ele próprio era vítima de injustiças e preconceitos, abordou em sua obra as grandes injustiças sociais e criticava o regime político da República Velha. Sofria constantes crises de depressão e acabou entregando-se ao alcoolismo, o que o levou a ser internado duas vezes no Hospício Nacional de Alienados, em 1914 e 1919. Candidatou-se duas vezes à Academia Brasileira de Letras (ABL), não obtendo a vaga pelo fato de a ABL não aprovar sua forma, considerada popular, de escrever. Faleceu aos 41 anos, em 1º de novembro de 1922.

3 | DIÁRIO DO HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS VIVOS

Durante o período em que passou internado pela segunda vez no Hospício Nacional de Alienados, em Praia Vermelha, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, Lima Barreto escreveu o chamado *Diário* do hospício, composto, no início, em uma série de 79 tiras de papel, escritas a lápis e, mais tarde, em folhas maiores, escritas a caneta, nas quais registrava suas impressões durante seu período de confinamento. Hoje, esse manuscrito encontra-se na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Coleção Lima Barreto. Foi desse registro que surgiu *O cemitério dos vivos*, romance inacabado, que relata a história de Vicente Mascarenhas, escritor fracassado que fica viúvo e acaba internado em um hospício, inspirado na casa de saúde em que o autor fora internado devido ao mesmo problema: o alcoolismo.

O *Diário* é um texto razoavelmente curto, composto por nove capítulos numerados, em que o autor descreve a rotina do hospital, sua organização, escreve sobre os médicos, enfermeiros, doentes, pavilhões e sobre a biblioteca, além de fazer reflexões de cunho pessoal sobre a vida, sua carreira, sobre a loucura. Existe também um décimo capítulo, não numerado por Lima Barreto, cuja estrutura é diferente dos demais, pois é formado por entradas curtas, como anotações, também tratando de diversos assuntos. Aos poucos, o diário vai mudando de forma, romancizando-se, tornando-se o romance inacabado que Lima Barreto criou enquanto estava internado, *Cemitério dos vivos*, sobre o qual Alfredo Bosi diz:

[...] coligida postumamente, apresenta-se dividida em duas partes: a primeira contém o diário do escritor relativo à sua estada no casarão da Praia Vermelha (do Natal de 1919 a 2 de fevereiro de 1920); a segunda, que é propriamente o romance, constitui-se do esboço de uma tragédia doméstica cujos fragmentos alternam com as memórias da vida no hospício. Nessas páginas, que elaboram maduramente o conteúdo das primitivas notas, o escritor tentou configurar um pensamento discursivo cujo foco é o próprio mistério da vida humana lançada às mais degradantes condições da miséria, da humilhação e da loucura (2006, p. 322).

O texto do *Diário* apresenta-se em forma de registro íntimo somente nos dois primeiros capítulos e em algumas anotações do décimo capítulo, no qual podem ser encontradas as datas em que o autor as escreveu, o que por si só já contradiz a noção de Blanchot (2005) sobre um diário íntimo, quando afirma que esse tipo de registro deve seguir uma única cláusula: o respeito ao calendário. As páginas seguintes ali apresentadas constituem-se em uma narrativa de fatos do cotidiano e das observações do autor, tal qual a crônica se caracterizaria, o que leva Rocha (2008) a afirmar que o *Diário* teria um caráter híbrido, entre a crônica e a elaboração ficcional autobiográfica. Mais do que isso, o *Diário* confunde realidade e ficção, como observa Bosi:

O leitor se surpreenderá ao constatar que, no exato momento em que o depoente entra e escavar o passado e aprofundar sua 'angústia de viver', o texto confessional cede a um lance de ficção. O testemunho que, até então, parecia pura transcrição dos apontamentos de um internado, converte-se em matéria romanesca de uma novela inacabada cujo título será igualmente *O cemitério dos vivos* (2010, p. 20).

As semelhanças entre o relato pessoal encontrado no diário e o romance publicado posteriormente são enormes. Tem-se a impressão que Lima Barreto começou a transformar o diário em romance, já visando ao livro que seria escrito mais tarde. Há momentos em que o autor chega a confundir sua pessoa com a da personagem, trocando-lhe o nome. Em outros, descreve fatos da vida da personagem como se ele, o autor, os tivesse vivido.

4 | RELAÇÃO AUTOR X PERSONAGEM

Existem três fortes indícios de que o autor, no decorrer de sua narrativa, se confunde com o protagonista de *Cemitério dos vivos*, registrados no próprio *Diário do hospício*. O primeiro é quando o autor refere-se a si mesmo com um dos possíveis nomes pensados para a personagem, Tito Flamínio, conforme se pode observar no trecho a seguir:

Mas na Seção Pinel, aconteceu-me coisa mais manifesta da estupidez do guarda e da sua crença de que era meu feitor e senhor. Era este um rapazola de vinte e tantos anos, brasileiro, de cabeleira solta, com um ar de violeiro e modinheiro. Estava deitado no dormitório que me tinham marcado e ele chegou à porta e perguntou:

- Quem é aí Tito Flamínio?
- Sou eu, apressei-me (BARRETO, 2010, p. 81).

É possível encontrar a mesma cena em *Cemitério dos vivos*, na qual o narrador nomeia a personagem, desta vez, como Vicente Mascarenhas:

Outro guarda com quem impliquei, foi na Seção Pinel. O chefe dos enfermeiros tinha determinado que eu passasse do dormitório geral em que estava, para um quarto separado, como já contei. Estava eu sentado à borda da cama, quando apareceu na porta um guarda e gritou:

- Quem é Vicente Mascarenhas, aí?
- Sou eu, respondi (BARRETO, 2010, p. 235).

Outra passagem que também evidencia essa fusão entre realidade e ficção é quando Lima Barreto menciona no *Diário* sentir falta de sua falecida esposa. Entretanto, o escritor nunca se casara, sequer algum relacionamento amoroso foi apontado em toda sua biografia:

Não amei nunca, nem mesmo minha mulher que é morta e pela qual não tenho amor, mas remorso de não tê-la compreendido, mais devido à oclusão muda do meu orgulho intelectual; e tê-la-ia amado certamente, se tão estúpido sentimento não tivesse feito passar por mim a única alma e pessoa que me podiam inspirar tão grave pensamento.

Li-a e não a compreendi...

Ah! meu Deus! (BARRETO, 2010, p. 84).

O protagonista de *Cemitério dos vivos*, no âmbito ficcional, realmente vive à sombra da esposa falecida, a quem não dera o devido valor em vida e, postumamente, sente remorso por isso e sente sua falta:

Não tinha por minha mulher grandes extremos de sentimento; dominava em mim, porém, a imagem das minhas responsabilidades de marido, e as cumpri como um dever sagrado. Estimava-a, prezava-a, mais como um companheiro, como um amigo, do que mesmo objeto de uma profunda solicitação da minha total natureza. Reprimia mesmo o mínimo movimento nesse sentido, porque sempre tive vexame, pudor de amar (BARRETO, 2010, p. 190).

O terceiro registro no *Diário* menciona uma mãe que delira, um filho que futuramente virá a delirar e a falta que sente de sua mulher falecida. Como já mencionado, nunca houve esposa, tampouco filho. E o autor tinha seis anos de idade quando perdeu a mãe:

Aborrece-me este Hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade. Não tenho meus livros à mão; entretanto, minha casa, o delírio de minha mãe... Oh! Meu Deus! Tanto faz, lá ou aqui... Saírei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa. Meu filho ainda não delira; mas a toda hora espero que tenha o primeiro ataque...

Minha mulher faz-me falta, e nestas horas eu tenho remorsos como se a tivesse feito morrer. Logo, porém, como vem de mim mesmo ou de fora de mim uma voz que me diz: é mentira (BARRETO, 2010, p. 94).

Já protagonista de *Cemitério dos vivos* tem uma sogra que sofre de delírios, um filho com problemas de aprendizagem e uma esposa falecida, como comprova o fragmento a seguir:

Voltava-me para trás da minha vida e lá via minha sogra louca, às vezes, delirando; às vezes, calada, a olhar tudo com um olhar intraduzível e sobretudo meu filho, seu neto, que passava dos dez anos e não sabia absolutamente nada. Não havia ameaça, não havia afago, não havia promessa que o fizesse dar um pouco de atenção à cartilha. Eu não sabia o que fazer. [...] No Hospício, porém, estas duas lembranças dolorosas não me abatiam tanto quanto em casa ou solto em qualquer parte (BARRETO, 2010, p. 209).

Observando-se as semelhanças entre os textos das duas obras, é possível afirmar que *Cemitério dos vivos* foi baseado nas experiências pessoais do autor enquanto esteve internado e que o protagonista do romance foi inspirado nessas experiências. No entanto, é preciso ter em mente que mesmo em uma biografia a representação do autor-pessoa será construída de forma artística, revelando o autor-personagem (BAHKTIN, 2003, p 139). Mesmo existindo semelhança entre fatos da vida do autor e do personagem, *O cemitério dos vivos* é uma obra de ficção, e não uma autobiografia, enquanto que *Diário do hospício* parece já ter sido criado visando à obra de ficção que se seguiria, mesclando assim o que é memória e o que é ficção.

Segundo Bakhtin, existe uma relação “arquiteticamente estável e dinamicamente viva” entre autor e personagem e essa relação baseia-se em “seu fundamento geral e de princípio assim como em peculiaridades individuais” (2003, p. 10). Tendo isso em mente, é possível afirmar que, apesar de a personagem ser inspirada no autor, ela não é o autor, e sim sua representação ficcional. Existem histórias, razões e motivações diferentes, ainda que autor e personagem vivam situações similares, por motivos parecidos, no mesmo ambiente. São perceptíveis os fatos que o autor não viveu, mas que foram vivenciados na obra por meio da personagem, como é o caso da relação com uma esposa e um filho.

Bakhtin (2003) ainda salienta que não é impossível comparar de modo cientificamente produtivo as biografias do autor e da personagem, assim como suas visões de mundo. O que não deve ser feito é a comparação sem nenhum princípio, que confunda o autor-criador, que é elemento da obra, com o autor-pessoa, que é elemento do acontecimento ético e social da vida, pois esse tipo de comparação levaria à incompreensão e/ou à deformação do princípio criador da relação do autor com a personagem. Ao observar o autor-criador de *Diário do hospício*, é possível concluir que se trata de uma representação artística tanto do autor-pessoa, Lima Barreto, como do protagonista de *Cemitério dos vivos*, Tito Flamínio.

5 | CRONOTOPO

Existem ainda passagens do *Diário* em que é possível identificar outros elementos do romance, como algumas formas de cronotopo. Por cronotopo entende-se “a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto”, em que o tempo e o espaço se interligam no enredo e na história, fazendo o espaço se revestir de sentido e o tempo transparecer no espaço (BAKHTIN, 1990, p. 211).

No *Diário*, o tempo se entrecruza com o espaço. O próprio hospício pode ser considerado um cronotopo, no qual o autor vive situações no momento presente, relembra o passado e imagina o que possa vir a ser no futuro. O autor-pessoa, que já havia estado internado no hospício anos antes, faz com que o autor-personagem cruze informações sobre fatos com suas impressões do local no momento presente e de anos antes. Isso faz com que o espaço se condense com o tempo, dando a impressão de que passado e presente acontecem simultaneamente, como se constata na cena:

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria (BARRETO, 2010, p. 43-44).

Em seguida, tem-se a passagem em que o autor-personagem não apenas revive sua primeira experiência no hospício como também retoma, por meio da imaginação, a experiência de Dostoievski, quando o autor russo esteve internado em um manicômio na Sibéria, relatada em *Memórias da casa dos mortos*. Pode-se dizer que existe um encontro de ambas as experiências, aquela vivida pelo autor-pessoa e a outra, literária, não vivenciada por ele, como se pode perceber a seguir:

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, e as portas abertas, eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na Casa dos mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que peço dela (BARRETO, 2010, p. 45-46).

O trecho a seguir também demonstra esse encontro do passado com o presente, quando o autor-personagem muda da seção *Pinel*, a dos indigentes, para a *Camell*, mais condizente com seu poder aquisitivo, e reconhece as mudanças ocorridas durante

o período em que estivera fora:

Logo ao entrar na seção, no meado do dia da segunda-feira, notei que a biblioteca tinha mudado de lugar. Mudei a roupa, pois meu irmão me apareceu com outra de casa. Esperei o Dias, que me marcasse o dormitório, e sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! (BARRETO, 2010, p. 56).

E há ainda, no décimo capítulo, aquele composto por anotações, três registros nos quais o autor-personagem depara-se com uma situação em que encontra o que poderia ser ele mesmo em um outro tempo, no mesmo lugar. O sentido é figurado, visto que não foi o próprio autor-pessoa a desempenhar tal papel, mas outra pessoa. No entanto, existe a constatação e o medo causado por esse reconhecimento de si mesmo na atitude do outro. O autor-personagem se vê nas atitudes daquele interno alcoolizado, de certa forma, prevendo algo que ele mesmo poderia vir a fazer, cruzando presente e futuro em sua imaginação.

Os registros, exceto pelo primeiro, são uma sequência, formando três entradas diferentes sobre o mesmo assunto. Esse é um dos raros casos em que a data aparece:

Dia 20-1-20

Hoje, o D.E. ..., sobrinho de um funcionário daqui, embriagou-se e, no furor alcoólico, conseguiu subir até o telhado de uma dependência do Hospício e, de lá, prorrompendo nos maiores impropérios, pôs-se nu em pelo, enquanto bebia aguardente. Na hora do café, lá estavam os caibras ou coisa parecida. Alguns tem um ar bom e modesto; mas outros tem a morgue de estudantes. Eu já tive (BARRETO, 2010, p. 120). [...]

D. Estrada. Veio o corpo de bombeiros, com uma escada, para tirá-lo de cima do telhado. Ele partiu as telhas e pôs-se a atirá-las em cima do povo que assistia o espetáculo do lado da rua. Não parece intimidado. Está seminu e, apesar de saber perfeitamente que está tomado de loucura alcoólica, de pé, na cumeeira do pavilhão, destinado à rouparia, como que vi, naquele desgraçado, a imagem da revolta (BARRETO, 2010, p. 121). [...]

Esse acontecimento causa-me apreensões e terror. A natureza deles. Espelho (BARRETO, 2010, p. 121).

Levando em consideração as semelhanças já mencionadas e outros fatos que serão aqui discutidos, é possível questionar se, antes mesmo de *Cemitério dos vivos* ser escrito, *Diário do hospício* já era um romance. Os indícios mostram que o romance inacabado viria a concretizar-se por intermédio do texto híbrido de crônica com narrativa ficcional/autobiográfica, tratada como diário e que, na verdade, pertence ao gênero romance.

Esse tipo de hibridização pode ser explicado pelo fato de o romance, como gênero, não ser constituído e acabado. Ele ainda está em processo de evolução, por ser um gênero mais recente, que nasceu e passou a se desenvolver durante a Era Moderna, enquanto outros gêneros, já constituídos e acabados, chegaram até ela como legado. O romance modifica-se e recria-se, influenciando os demais gêneros a fazer o mesmo. Além disso, ele se autoparodia, criando subgêneros (BAKHTIN, 1990,

p. 400).

Os gêneros tornaram-se mais livres e soltos, com linguagem renovada devido ao plurilinguismo extraliterário. E é esse aspecto que pode ser considerado em *Diário do hospício*: definido como diário, mas renovando a ideia de diário ao criar um misto de crônica com narrativa autobiográfica/ficcional, estabelecendo um diálogo entre esses dois gêneros. Assim, mais uma vez, o romance se renova, se recria, assimilando a forma de diário pessoal.

Mikhail Bakhtin diz que um dos problemas mais fundamentais no romance é “a denúncia de toda espécie de convencionalismo pernicioso, falso, nas relações humanas” (1990). Lima Barreto sempre denunciou a injustiça social ao longo de sua obra e em algumas passagens de *Diário do Hospício*, isso não poderia ser diferente. O trecho a seguir, por exemplo, denuncia como era a seção de indigentes no hospício, ou seja, a seção Pinel:

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até o Hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.

O mobiliário, o vestuários das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social (BARRETO, 2010, p. 48).

Outro exemplo é a passagem em que o autor critica padres que vê saindo do refeitório do hospício, sintetizando sua opinião sobre a Igreja da época:

Houve festa na capela e ao sair do café (à uma hora) cruzei-me com os padres. Que lorpas! E a Constituição! Padres como esses não fariam mal se não fossem eles a guarda avançada do Estado maior jesuítico que nos pretende oprimir, favorecendo os ricos e pavoneando os seus preconceitos (BARRETO, 2010, p. 121).

Para concluir, apresenta-se um exemplo em que é possível sentir a ironia nas palavras do autor ao reproduzir uma conversa de cunho racista que escutara:

O F.P. atirou fora os abacates que lhe deram porque os temperaram com açúcar de terceira. Ele é branco de primeira ordem e não negro, nem mulato, para usar tal açúcar (BARRETO, 2010, p. 134).

O autor observa o espaço ao seu redor e faz a denúncia das mazelas que vê. Mesmo dentro de um espaço mais restrito como aquele em que se encontrava, conseguia observar as injustiças e se incomodar com elas, demonstrando um viés ideológico que flui melhor na estrutura de romance.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lima Barreto escreveu *Diário do hospício* durante o período em que esteve internado no hospício da Praia Vermelha, devido ao seu problema com alcoolismo. O *Diário*, provavelmente, era um passatempo para as longas horas passadas no cárcere, alguém com quem conversar, função primordial de um diário íntimo. A medida em que o tempo foi passando, o autor começou a registrar fatos sobre a vida da personagem que estava criando para seu romance como se fossem vivências suas, fazendo com que o texto que aparece no diário começasse a mudar e, aos poucos, acabasse por se tornar o texto que seria usado para, mais tarde, escrever o romance *Cemitério dos vivos*.

Elementos próprios do romance, como a relação entre autor-pessoa e autor-personagem, que foram analisadas comparando *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos*, e o cronotopo do hospício, que é uma constante na obra, se apresentam no *Diário*, corroborando a tese de que o registro pode ser considerado um romance, ao assumir esses elementos, mesmo que mascarados dentro da formação tipológica do diário.

O romance, como gênero, não dispõe de uma posição fixa, está em constante transformação. Ele se recria, se autoparodia e se modifica. No caso da obra aqui abordada, o romance se traveste em diário, assumindo características que são próprias do gênero. Aos poucos, ele transmuta sua forma e os conteúdos iniciais, de maneira que deixa de cumprir a função à qual se propunha primordialmente e assume outra função, com outras características, passando de diário íntimo a romance.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício e Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Cemitério dos vivos: testemunho e ficção*. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

ROCHA, Fátima. *Cemitério dos vivos, de Lima Barreto: entre o documento bibliográfico e a elaboração ficcional*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. Anais on-line... São Paulo: Abralic, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/FATIMA_ROCHA.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

SANTIAGO, Silviano. **Uma ferroada no peito do pé: dupla leitura de Triste fim de Policarpo Quaresma**. In: _____. Vale quanto pesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SILVA, Tiago Nascimento. **O cemitério dos vivos e a distinção entre autor e personagem no campo estético**. Miguilim: revista eletrônica do netlli, Urca, v. 2, n. 1, p.108-119, abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/432>>. Acesso em: 2 maio 2017.

“TRIUNFO DOS PELOS”: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Juliane Della Méa

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen - R.S.

RESUMO: O presente trabalho visa a avaliar, a partir da leitura do conto “Triunfo dos pelos” (2000), de Aretusa Von, a transposição da identidade sob uma perspectiva revisionista histórica, pensando as relações de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea. Por apresentar um narrador que desconstrói os binarismos, deslocando-se pelo espaço urbano enquanto transita livremente pelas fronteiras de gênero e sexualidade, o conto representa um espaço queer, na medida em que apresenta a condição sexual da protagonista, perante a sua própria vivência no contexto social. Para a análise, utilizamos os preceitos da teoria queer, as teses de Judith Butler sobre gênero, e os estudos de Zygmunt Bauman, sobre o pós-modernismo. Desse modo, “Triunfo dos pelos” propõe um novo olhar sobre a condição sexual, ilustrando o caráter opressor do sistema patriarcal. A crítica delineada sobre o conto reforça o argumento a favor da desconstrução do gênero no que tange a opressão de mulheres e de homens que não se enquadram no modelo de sexualidade legitimamente aceito socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: “Triunfo dos pelos”; teoria queer; identidade; gênero; sociedade contemporânea.

“HAIR TRIUMPH”: A REFLECTION ON IDENTITY, GENDER AND SEXUALITY IN CONTEMPORARY SOCIETY

ABSTRACT: The present work aims at to evaluate, from the reading of the story “Triumph of the ones for” (2000), of Aretusa Von, the transposition of the identity under a historical revisionist perspective, thinking the relations of sort and sexuality about the society contemporary. For presenting a narrator who desconstrói the binarismos, dislocating itself for the urban space while it freely transits for the borders of sort and sexuality, the story represents a space to queer, in the measure where it presents the sexual condition of the protagonist, before its proper experience in the social context. For the analysis, we use the rules of the theory to queer, the teses of Judith Butler on sort, and the studies of Zygmunt Bauman, on the one after-modernismo. In this manner, “Triumph of the ones for them” considers a new to look at on the sexual condition, illustrating the oppressing character of the patriarchal system. The critical one delineated on the story strengthens the argument in favor of the desconstrução of the sort in what it refers to the oppression of women and men who are not fit

socially in the legitimately accepted model of sexuality.

WORDKEYS: Triumph of the ones For; Theory to queer; Identity; Sort; Society Contemporary

INTRODUÇÃO

A sociedade pós-moderna trás consigo, além de diversas conquistas nas áreas da ciência, da tecnologia e da economia, muitos questionamentos sobre a fluidez dos valores humanos e sociais, tendo em vista o consumismo desenfreado, a informação em alta escala e as relações dilaceradas. O tempo cronometrado passa a ser um valor de troca, assim como o espaço que é algo a ser visto, medido e materializado.

A nova maneira de ver o mundo celebra o presente, unifica o espaço em um só tempo cronológico. O sujeito pós-moderno vive em uma era de ciberespaço, conectado à alta tecnologia, inserido na segmentação e na efemeridade. Sendo assim, as distâncias já não importam mais, pois o que está sendo apresentado é o fim da geografia em termos de espaço, sendo as fronteiras meras formas simbólicas e sociais, “a distância é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida” (BAUMAN, 1999, p. 19).

Apesar dessa condição pós-moderna, a busca da identidade é um tema de ordem e fator social, cultural e coletivo, que envolve identificações externas em um confronto de si com o outro para se identificar como sujeito uno, desestabilizando quadros de referências que oferecem aos indivíduos um lugar estável e definido em seu meio social. Consequentemente, ocorre um choque entre as representações socialmente definidas e a identificação pessoal do sujeito, que é diretamente afetado pelas alterações sociais e culturais, provocando seu deslocamento individual.

O sujeito pós-moderno possui uma identidade que se desarticula continuamente, sofrendo mutações e fragmentações, dando origem a novas políticas identitárias, que se encontram em transição e adaptação para com a sociedade atual. Segundo Stuart Hall,

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (1998, p. 7)

Esse processo de adaptação à contemporaneidade, ao qual Hall se refere, caracteriza-se pela expansão de múltiplos campos sociais autônomos, com representações sociais acerca de gênero, identidade de gênero e sexualidade, bem como as inserções diferenciadas do travestismo.

O conto “Triunfo dos pelos”, de Aretusa Von, narrativa vencedora do concurso organizado pelas “Edições GLS”, da editora Summus (2002), permite uma reflexão sobre

as representações sociais acerca de gênero, identidade e sexualidade, colocando em xeque os conceitos de binários construídos historicamente e legitimados socialmente. Isso porque o conto, além de desestabilizar os conceitos de sexo e gênero, denunciando as relações de poder que hierarquizam os espaços geográficos e discursivos, expõe a arbitrariedade patriarcal, que aprisiona a própria condição humana, denunciando a opressão de mulheres e de homossexuais.

Assim, todas as certezas, os sólidos construídos na modernidade, adquirem uma forma líquida, flexível, mutável, que pode, a qualquer momento, fluir para o desejado.

O entorno no conto “Triunfo dos pelos”

Com a ascensão da tecnologia global, é impossível ignorar as imensas transformações sociais, culturais e políticas dentre a humanidade. O que era tido como “anormalidade” (homossexuais, transvestis, gays, lésbicas,...), hoje emerge como individualismo.

Nesse sentido, a busca desenfreada pela inclusão afasta a noção de definido e definitivo, pois não existe nem no mundo heterossexual, nem no mundo gay, uma identidade fixa, imóvel, transmutável. Ambas as diversidades são flexíveis, como ocorre na literatura, na cultura e na arte. O *queer* permanece à margem do padrão social imposto, o que contribui para que sistemas de exploração e exclusão se perpetuem até os dias atuais, é nessa fluidez de quebra de parâmetros e paradigmas que o *queer* sustenta atenções:

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004: p. 7-8)

No conto “Triunfo dos pelos”, a narradora/personagem começa dizendo: “Hoje acordei homem”. No entanto, não age conforme tal gênero. Ao acordar com um pênis, possui réstias da feminilidade que lhe acompanhou durante todo o tempo em que fora mulher. Nas linhas seguintes, recorda-se do pedido que fez a Oxum na festa de casamento, que esteve e onde pegou o buquê da noiva, para tentar justificar o corpo de homem com as insatisfações e tristezas de esposa que horas antes se consola em um mero pedido, sua vida infeliz, como sugere ao dizer: “agora apanho do marido, só porque engordei e não dou o loló” (VON, 2000, p. 15).

A metamorfose da protagonista ocorre em um período cronológico curto, porém, sua realização é notória no decorrer da narrativa, destacando que, enquanto mulher, sua aparência física estava deplorável e, ao se transformar no estereótipo do homem desejado, possui todo o poder físico e social que o gênero masculino lhe proporciona:

“tenho um pau lindo de 21 centímetros [...]. Agora como homem sou uma paisagem! Cabelos escuros, bem curtos, pescoço poderoso, corpo musculoso sem aquelas ridículas dobras de gordura (VON, 2000, p. 15-16).

Descobrimo-se homem, abandona sua casa, filhos e marido e parte para a rua, em busca de aventuras sexuais. Declara ela (agora transfigurada em ele): “estava louca para testar minha nova condição, ter mil opções, transar com todo mundo, aceitar qualquer proposta em que eu pudesse exercitar meu novo instrumento” (VON, 2000, p. 16), e sai de casa rumo às ruas de São Paulo, sendo admirada(o) por onde passa. “Pego uma lotação na rua Yervant Kissadjikian, lá no Jardim Consórcio, bairro pobre da zona sul de São Paulo, onde nasci e sempre morei. Vou para os Jardins, zona chique da cidade [...] descemos a pé a rua Augusta, antes glamorosa, hoje toda decadente e pichada. De manhã, é mais deprimente, mais crua, as boates fechadas, as putas dormindo (VON, 2000, p. 16-17). Em meio à transgressão de gênero, observa-se a mutação do espaço social urbano, onde periférico e central comungam da mesma demanda pela legitimação das subjetividades marginalizadas pela matriz heterossexual: os anseios e desejos sexuais de sujeitos que se apropriam do discurso (literário) para expor sua posição, enquanto membro de uma sociedade que classifica e condena sexo-gênero-desejo.

No conto em análise, a protagonista utiliza-se de performances, que não têm nitidez de escolhas e/ou opções, sendo um ato involuntário no decorrer da narrativa, suas ações decorrem de modo automático, submetidas a linhas de discurso e poder. “*O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado*”, defende Butler (2010, p. 25), “[...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”, aspectos que produzem a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina etc.

Essas desconstruções binárias são observadas na sequência dos fatos, quando, ao encontrar uma bela mulher, a narradora/protagonista sente-se atraída sexualmente por ela, sem tremeluzir, convida-lhe para uma aventura, pois, na condição de homem, isso é extremamente normal e aceitável.

Após o ato sexual culminado, decepciona-se com seu desempenho como homem, porque não consegue satisfazer sua parceira: “Fico naquela depressão pós-coito, sem graça, visto as calças [...]. Quis dar uma de machinho e me danei” (VON, 2000, p.18). Neste momento, a personagem nota que, na verdade, o gênero masculino não é garantia de ter uma satisfação sexual plena, mesmo que este lhe proporcionasse total liberdade para buscá-la. Assim, não desiste de retribuir através da sexualidade tudo o que lhe foi mal atribuído por parte do marido.

Aretusa Von deixa evidente nessa narrativa a representação do masculino, como ser superior, másculo, detentor de toda liberdade e representante legítimo do poder

– aos olhos da sociedade – características postas em contradição pela protagonista.

Evidencia-se novamente características da teoria que, quando abre espaço para o indivíduo optar pela pluralidade de relações, constituindo modelos que rompem com o autoritarismo do patriarcado. Configurada como uma busca, uma reconfiguração das identidades sexuais e uma transgressão às regras tradicionais dos relacionamentos estabelecidos pela sociedade, onde predomina o relacionamento homem\mulher.

Prosseguido seu itinerário de experimentos sexuais, depara-se com um guarda de trânsito que demonstra interesse por ele/ela: “um guarda de trânsito me olha interessado, parece disposto a me pagar um cachorro-quente com purê de batatas. “Ah, homens em uniformes” (VON, 2000, p. 18), esse fora apenas um sexo passivo em troca de roupas. Nesse momento, a identidade sexual da protagonista volta à tona quando a narradora afirma que, após a relação sexual anal (antes repudiada), quando realizada com carinho, é motivo para que a própria se apaixone. “Minha alma continua com a velha mania das mulheres. É só alguém te comer direitinho que pronto, o coração se entrega que nem pizza no sábado à noite” (VON, 2000, p. 19).

Esse “enquadramento” geográfico, sentimental e social, designa-se a elevação das memórias de um grupo ao plano hegemônico envolve o combate e a supressão das memórias de outros grupos, que passam a ocupar uma condição de marginalidade. No entanto, ainda que sofram com a opressão e a censura, esses grupos não deixam de produzir suas próprias memórias. Pollak refere-se a esta modalidade de lembranças como “memórias subterrâneas”: são elas as memórias dos grupos marginalizados, das minorias políticas, dos segmentos mais pobres, dos movimentos sociais, etc. Por serem reprimidas, elas tendem a assumir um aspecto traumático, mas ao mesmo tempo é isso o que explica sua força. Se, por um lado, elas se veem relegadas ao silêncio e ameaçadas pelo esquecimento durante longos períodos, como a protagonista desse conto, quando ao sentir seus desejos sexuais latentes pela colega de aula, fica em dúvida de que conduta seguir, por outro, elas tendem a vir à tona com muita intensidade quando suas ações rompem com a ordem social vigente, ao ver-se na possibilidade de uma relação com outro do mesmo gênero.

Satisfeita e realizada, segue com seu ideal – permitir-se a tudo. Uma suposta identidade feminina novamente ressoa ao passar na zona de travestis e sentir saudades de suas roupas de mulher.

Ao entrar um boteco do bairro Marquês, encontra uma manicure carente, cuja fantasia era transar com os papéis de gênero invertidos, que concorda trocar as roupas com ele, emprestando ainda uma peruca loira, batom e pó compacto para completar o visual, “Vamos ao banheiro trocar as roupas. [...] Encho a parte de dentro do top de papel higiênico úmido, com o aparelho de barbear que a moça sempre carrega na bolsa dou um trato geral nos pelos da perna” (VON, 2000, p. 19).

Depois de conseguir as roupas com a mulher, a personagem a deixa porque não está interessada em ter relações com uma pessoa do sexo feminino: “não estou interessada, quero rua” (VON, 2000, p. 19). Sua vontade agora era sair como travesti,

usar roupas femininas, novamente. A protagonista deseja viver suas identidades transitórias e as diversas formas de sexualidade que a elas é permitido, enquanto transita livremente pelas fronteiras escorregadiças de gênero e sexualidade. Nesta literatura nômade, que está na fronteira, que se encontra além e por isso é chamada “pós”, nega o passado tal qual se conhece, estranha o que é homogêneo, desloca as fronteiras entre o real e a invenção, entre a casa e o mundo. É o próprio caminho de areia que abre para o mundo, é a viagem além das fronteiras geográficas e discursivas.

O modo hegemônico binário de aceitação do corpo sexuado é transitório na medida em que seus desejos sexuais são concretizados e confidenciados na narrativa, tal qual a categorização do desejo erótico em heterossexual, bissexual e homossexual. Toda essa classificação de identidades biológicas e suas divergências são compreendidas para Thomas Laqueur (2001) como um jogo de domínio hierárquico, em que o masculino se sobrepõe ao feminino: “Uma anatomia e fisiologia de incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem” (LAQUEUR, 2001, p. 17).

Apesar de transfigurada em homem, a voz feminina continua ao longo da narrativa, declinando-se no feminino, porém alteram-se as posições sociais. Comprovando assim, que o sujeito não é nada mais que um instrumento das memórias do grupo, mesmo quando lembra individualmente:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 2006, p.30)

Para Halbwachs, o sentimento de liberdade e singularidade do indivíduo não passa de uma ilusão: a diversidade de comportamentos individuais pode ser entendida como o resultado das diferentes combinações de forças sociais sobre cada sujeito. Ou seja, cada indivíduo é como uma configuração específica criada pelo cruzamento de diferentes forças sociais concomitantes. O sujeito sofre, ao mesmo tempo, a influência de diversas correntes de pensamento coletivo, mas por não poder atribuir seu comportamento a nenhuma delas exclusivamente, passa a creditar a si mesmo a responsabilidade por seus atos, acreditando na possibilidade de agir de modo totalmente autônomo.

Discorrendo, a narradora segue pela rua onde as travestis que ali fazem ponto a ameaçam: “- Ei, aqui é o meu ponto! - berra um travesti alto e negro [...] O negócio estava ficando feio para o meu lado. Os amigos do negro começam a se juntar contra mim e eu sozinha e abandonada com o pinto entre as pernas (VON, 2000: p. 20)”, fato que provavelmente resultaria em uma briga, se não fosse o carro que para e a manda entrar. Quem está ao volante, para surpresa, é o seu marido, aparentemente

frequentador assíduo da zona, pois pergunta se ela é nova por ali.

Propõe o motorista um hotelzinho próximo ali. Nesse momento, todas as memórias de agressões sofridas pelo marido retornam com intensidade, e as identidades feminina e masculina da personagem entram em conflito, pois o medo e a raiva são maiores que seu desejo, porém o segue, refletindo que como homem pode revidar a violência. “Estou besta. Boquiaberta. Não consigo dizer nada. [...] Muda, sigo o gordo do meu marido pela escada ensebada do hotel. O velho medo que tenho dele me assombra e esqueço que estou homem, que posso sair na porrada e quebrar os dentes do infeliz (VON, 2000, p. 20).

Chegando ao quarto, mais uma surpresa lhe reserva o destino, o marido tira a calça, e está vestindo seu conjunto novo de lingerie negro. A inversão de papéis é completa, quando: “Parece que a ocasião é especial para ele. Desfilando as banhas trêmulas, pergunta: - Gosta? Roubei esta calcinha da vaca da minha mulher. Ai me dá um tesão! Fica de quatro na cama, com o bundão branco empinado, implora. - Faz de mim sua mulherzinha, faz...” (VON, 2000, p. 21).

Nesse momento, o homem, que até então tem sido o detentor de todo o poder, acaba por apresentar seu desejo sexual com alguém que julga ser desconhecido, deixando de reprimir o que lhe proporciona prazer, nada parecido ao seu comportamento social. Seu desejo homossexual é revelado, rompendo com a matriz heterossexual.

A partir das diversas funções, experiências e novas identidades, a personagem se identifica como parte absoluta do universo. “Sou homem, sou mulher, sou gay, sou travesti, sou o universo” (VON, 2000, p. 21), e aproveita a oportunidade para vingar-se do marido: “meu membro acorda de repente, assanhado com a possibilidade de sodomizar aquele homem que tanto me fez sofrer” (VON, 2000, p. 21). Finalmente ela se dá por vingada, após exaurir sexualmente o próprio marido: “horas de selvageria depois, deixo o homem lá, acabado, prostrado” (VON, 2000, p. 21).

Homi Bhabha (1998), afirma que essas identidades múltiplas são “hibridismos culturais que se formam a partir de conflitos e que emergem num momento de transformação histórica” (BHABHA, 1998, p. 21). É a partir de um lugar entre o antigo e o novo que essas identidades emergem. O conceito de identidade não pode mais ser visto dicotomicamente como no passado e, sim, de uma forma múltipla, já que não somente as fronteiras externas foram diluídas mas também as internas.

A protagonista não sente apenas como mulher ou homem, mas como um sujeito fragmentado, reunindo em si várias identidades, que pode ser chamada de identidade *queer*, revelando a instabilidade do sujeito inserido na sociedade, na desconstrução das dicotomias de sexo, gênero e sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre o conto “Triunfo dos pelos”, escrito por Aretusa Von, é possível destacar na narrativa a subversão da identidade de sexo, gênero e sexualidade que

condizem com uma crítica *queer*, pois desconstrói as dicotomias de sexo, gênero e sexualidade, salientando que as identidades do sujeito pós-moderno são instáveis. Segundo Louro (2007):

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais. (2007, p. 12)

A ruptura da identidade fixa abre espaço para amplas possibilidades afetivas. O que a narradora demonstra com a passagem do conto, que dá origem ao título. “Uma penugem preta recobre todo o meu rosto. De nada adiantaram as depilações, anos de luta com pinças e águas oxigenadas para disfarçar o buço. Os pelos haviam vencido triunfalmente” (VON, 2000, p. 16). Os pelos são alusão ao gênero masculino da sociedade patriarcal, que reflete o poder, o domínio, a satisfação de realizar todos os desejos contidos, sem recriminação ou julgamento. Ideia que fortalece a suposta incapacidade feminina em construir uma subjetividade para além do estereótipo da passividade. Reafirmando o que Pollak reconhece, quando relata que, o poder de agência dos sujeitos e a importância das práticas individuais para a constituição, mudança e atualização das estruturas sociais, parte das memórias do sujeito “uno” para as transformações do meio em que vivem.

A quebra dos binarismos desmantela a ficção dos gêneros masculino e feminino e das sexualidades hetero e homo. Essa quebra é notória, no momento em que a protagonista (em corpo masculino), posterior à insatisfação da primeira relação sexual, com uma mulher, afirma: “Como mulher eu podia dissimular, mas como homem não dá” (VON, 2000, p. 18). Essa metamorfose, apesar de não inteligível racionalmente, é aceita pela narradora/personagem como natural, o que a motiva em suas aventuras sexuais.

Dentro dessa fragmentação binária, é interessante destacar o campo geográfico centro/periferia, e o campo social público/privado. A desigualdade no espaço urbano reflete a iniquidade entre homens e mulheres perante a globalização e seu constante processo de hibridização, quebrando as fronteiras geográficas, sociais e espaciais, pois, segundo Bauman (1999), “a distância é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida” (BAUMAN, 1999, p. 19), sendo que no conto a protagonista, fragmenta-se em diferentes esferas sociais e sexuais, o que na sociedade patriarcal, a associação da mulher ao espaço privado (lar) e do homem ao espaço público (sociedade), no conto se mescla trazendo transformações em diferentes espaço geográficos que interagem e com distintos desejos.

Aretusa Von deixa explícito nessa narrativa, o quão importante, plausível e opressivo é a reflexão sobre a diferença sexual dentro do caráter cultural, social e

empírico, aos quais homens e mulheres se submetem em prol das relações de poder que hierarquizam os espaços, os discursos e os desejos.

REFERÊNCIAS

BHABHA, HOMI K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª Ed, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOSTER, David William. *Propuestas*. In: _____. **Producción cultural e identidades homoeróticas: teoría y aplicaciones**. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

POLLAK, Michael. **“Memória, Esquecimento, Silêncio”**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. . “Memória e identidade social”. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

VON, Aretusa. **“Triunfo dos pelos”**. In: _____. **Triunfo dos pelos e outros contos gls**. Prefácio de João Silvério Trevisan. São Paulo: Summus, 2000.

HUMANIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO DO VAMPIRO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Natane Emanuelle Rangel

Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-graduação em Letras
Passo Fundo, RS.

Francisco Fianco

Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-graduação em Letras
Passo Fundo, RS.

RESUMO: Os vampiros são seres fascinantes que desde sua existência instigam a curiosidade e o fascínio das pessoas sobre sua figura enigmática. Dessa forma, o presente artigo foi desenvolvido a partir de questionamentos acerca do que faz as pessoas serem tão fascinadas pela figura do vampiro, esse ser que povoa a cultura de vários povos e as mentes dos supersticiosos, em pleno século XXI. Assim sendo, o seguinte trabalho procurou aprofundar o estudo nas raízes históricas, nos fatos, mitos e lendas sobre os vampiros, com o intuito de recriar a verdadeira imagem dessa criatura, para confrontá-la com a dos vampiros literários dos séculos XIX, Drácula, de Bram Stoker, e XX, Lestat, da obra O Vampiro Lestat, de Anne Rice, observando o processo de humanização e erotização durante a transição do mito para a literatura nas respectivas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Homoafetividade, vampiros, literatura.

HUMANIZATION AND EROTIZATION OF THE VAMPIRE IN THE CONTEMPORARY LITERATURE

ABSTRACT: Vampires are fascinating creatures that since their existence have instigate people's curiosity and fascination about their enigmatic image. So, the present article was written from questions about what makes people so fascinated by the vampire's image, the creature that populates the culture of many people and the minds of the superstitious in the 21st century. Thus, the following work was intended to investigate the historical roots, facts, myths and legends about vampires in order to recreate the true image of this creature, to confront it with that one of 19th literary vampires, Dracula, by Bram Stoker, and 20th, Lestat, by Anne Rice's The Vampire Lestat, observing the process of humanization and eroticization during the transition from myth to literature in their works.

KEYWORDS: Homoaffectivity, vampires, literature.

1 | NA TRILHA DO VAMPIRO

A epidemia de vampiros que assolou desde a Península Balcânica até a Europa Ocidental no século XVIII, dizimando povoados inteiros e provocando uma onda de terror na

população, revelou que pelo mundo afora existiam relatos de seres que regressavam de seu túmulo à noite e se alimentavam da energia vital dos vivos, bebendo seu sangue e deixando um rastro de morte, como afirma Manuela Dunn-Mascetti, em seu capítulo introdutório na obra *Vampiros além da Saga Crepúsculo* (2010).

Contudo, estudiosos descobriram que esses seres são muito mais antigos do que se imaginava e que existem relatos de tais criaturas chupadoras de sangue em tempos mais remotos e em diferentes culturas espalhadas pelo mundo, como Egito, China, Filipinas e Indonésia.

Ao que parece, existiam vampiros em todo o mundo e em uma variedade de culturas. A palavra “vampiro” deriva do termo eslavo *vampyr*, e não há dúvidas de que essa criatura é bem conhecida pelos aldeões romenos. *Nosferatu*, *necuratul* e *stregoica* também são termos que eram bastante utilizados pelos camponeses para se referir a esses seres, esse último significando mulher vampira (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 94). Na Grécia, por exemplo, *vrykolakas* era a palavra utilizada para se definir um vampiro.

De acordo com Claude Lecouteux (2005, p. 158), historicamente, os vampiros floresceram no século XVIII, o chamado século das Luzes, em que a religião era posta em causa e a ciência deveria explicar tudo; para Dunn-Mascetti, “é fácil encontrar referências às origens dos vampiros nos primórdios da humanidade, quando o ser humano tentava compreender o sentido da vida e da morte, porque se algo podia ser definido, talvez pudesse ser controlado” (2010, p. 162-165). E foi justamente aí que os vampiros se espalharam como uma epidemia, dizimando povoados inteiros, infestando as aldeias rurais do leste da Europa, como nas províncias da Hungria, da Romênia e da Transilvânia e alimentando o imaginário dos supersticiosos (2010, p. 15).

Além da epidemia de vampiros coincidir historicamente com as invectivas da Razão, outro fato histórico também desempenhou importante papel na construção do mito. Os eruditos Gábor Klaniczay e Karin Lambrecht, em estudos, acabaram por descobrir que a emergência do vampirismo coincidiu exatamente com o fim da caça às bruxas na Europa e tomou o seu lugar, como se as pessoas daquele tempo tivessem necessidade de exorcizar seus temores, necessidade de uma explicação para os males que as atingiam, aquelas epidemias repetidas de peste e de cólera (LECOUTEUX, 2005, p.159).

Para a Igreja, teoricamente, só o corpo dos excomungados não se decompõe. Segundo a Igreja Ortodoxa da Europa Oriental, os corpos presos por uma maldição não são recebidos pela terra, não se desfazem, mantendo-se incorruptos e inteiros. Esse morto-vivo perambula à noite e gasta o dia em sua tumba até que alcance a absolvição, ou seja, eliminado por algum processo. Para Berta Waldman (1982, p. 4), talvez isso explique por que a crença em vampiros seja tão difundida nos países ortodoxos, particularmente na Transilvânia.

1.1 SANGUE É VIDA

A história dos vampiros se desenvolve em torno da ligação simbólica entre sangue e vida, onde o sangue possui um simbolismo muito forte. Segundo Idriceanu e Bartlett (2007, p. 81), “o sangue é o centro do vampirismo em que é incontável o desejo experimentado pelo vampiro de beber a força vital de outro”. Traços do vampirismo remontam ao passado mais remoto e aparecem aliados à identificação do sangue como fonte vital. Untar o corpo com sangue, ou bebê-lo, era uma prática inserida no ritual de renovação da vitalidade que, transferida do vivo para o morto, abre uma fenda por onde entra em cena o vampiro (WALDMAN, 1982, p. 3).

Para Lecouteux (2005, p.175), a grande inovação do mito moderno foi a de subordinar a vida do vampiro à sua alimentação sanguínea, a fazer crer que ele se nutre daquilo que durante muito tempo foi considerado a própria essência da vida.

Em quase todas as culturas do mundo, o sangue foi a verdadeira base da superstição e magia, temos como exemplo a tribo dos *caffres*, uma tribo africana, que acredita que seus mortos podem voltar e rejuvenescer bebendo sangue humano (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 166-167). Já, de acordo com Idriceanu e Bartlett (2007, p. 81), na tradição vampírica, o sangue não é simplesmente a maneira de conseguir a eterna juventude e força, mas também é o veneno que não traz a morte, mas a perdição. O sangue associa-se à violência e à sexualidade, em oposição ao amor e à vida, em um jogo de ilusões e dualidades, criando laços diretos e estreitos com o vampirismo.

2 | GENEALOGIA DO VAMPIRO

Os vampiros são um interessante construto mental, que reúne o mito, a lenda, a história e a literatura (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 9), são seres que habitam o imaginário dos seres humanos há muitos séculos, que não estão mortos, não estão vivos e coexistem em uma estranha existência paralela entre dois mundos, entre o céu e a terra, entre a vida e a morte. Não são anjos caídos, não são fantasmas, não são demônios. Sabe-se que desde muito tempo acontecem tentativas de se definir com exatidão a sua natureza.

Sabe-se que fisiologicamente o vampiro está morto, porém, de alguma forma sobrenatural seu espírito retornou do mundo dos mortos para reanimar seu corpo sem funções vitais:

mas os vampiros não entram em nenhuma ordem, em nenhuma classe, em nenhum cálculo da criação. Eles não são nem a vida nem a morte, eles são a morte que afeta a vida; ou antes, são a máscara assustadora de uma ou outra. Os mortos os repelem com pavor à noite, e os vivos não os temem menos (apud LECOUTEUX, 2005, p. 16).

Segundo nos conta Dunn-Mascetti (2010, p. 52), o vampiro se encontra fora da

ordem do tempo que rege as nossas ações, pensamentos e sentimentos humanos, tornando-se um ser capaz de sentir e ter percepções além das de um ser humano. Além disso, ele não envelhece e, por isso, está fadado a viver eternamente com a aparência que possuía no momento de sua morte.

É como se o vampiro, ao transpor as cortinas da morte, passasse a ter uma percepção mais intensa das coisas. Isso faz sentido, uma vez que o vampiro é mais um “animal” do que um ser humano. Ele é um predador, precisa matar para sobreviver e, portanto, precisa ouvir e ver muito bem tudo à sua volta para capturar a sua presa. Ele se tornou, além disso, um ser sobrenatural e como tal possui poderes que vão muito além das capacidades humanas das quais depende a nossa sobrevivência (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 52).

As origens primitivas do folclore medieval sobre vampirismo, segundo Dunn-Mascetti (2010, p.148), basearam-se no horror do derramamento de sangue em sacrifícios e carnificinas verdadeiras, enquanto que a literatura gótica e romântica sobre os mortos-vivos, surgida durante os séculos XVIII e XIX, é uma versão do vampiro mais erótica e aceitável, onde vampiros vulgares transformam-se em sedutores de rosto pálido e bem barbeado, vestidos a rigor.

De acordo com Dunn-Mascetti (2010, p. 56), precisamos perceber que o vampirismo, com todo seu charme e elegância superficiais, está vinculado a um único aspecto da vida, que é a morte. E é justamente a morte a origem do olhar hipnótico do vampiro, como ele a contém, a vítima é hipnotizada e atraída para o mundo dos vampiros (2010, p. 63).

Os vampiros vivem no mundo das sombras, onde a matéria não tem substância nem importância, onde o tempo não existe, onde a vida é eterna e os poderes, desconhecidos e irreconhecíveis aos nossos olhos, governam e se movem de maneiras que vão além da nossa compreensão.

O medo de vampiros tem sido uma constante desde que os registros escritos passaram a existir e, assim, essas figuras ameaçadoras de mortos-vivos têm sido encontradas nos mitos mais remotos, por isso, ninguém poderá negar a importância do tema para o imaginário humano uma vez que, segundo Lecouteux (2005, p. 72), o vampiro faz parte da história da humanidade, desempenha um papel, tem uma função e se inscreve num conjunto complexo de representações.

3 | OS VAMPIROS

A literatura tem tido uma grande produção de livros com a temática vampiresca nos últimos tempos, além disso, a atração do público por esses livros faz com que sejam esses leitores sejam guiados até os clássicos que apresentam essa personagem, como é o caso de Drácula, de Bram Stoker, entre outros.

3.1 CONDE DRÁCULA

Para caracterizar o Conde Drácula e confrontá-lo com o vampiro das lendas, partiremos da descrição de Jonathan Harker ao conhecê-lo. Harker faz anotações em seu diário sobre as impressões do Conde: “um homem alto, bem barbeado, com exceção de um longo bigode de fios brancos, e vestia-se de negro dos pés à cabeça, sem qualquer mancha de cor em todo o corpo” (STOKER, 1998, p. 28). Logo, ao observar o Conde com mais calma, ele desenvolve uma descrição mais completa, observa o rosto, o formato do nariz, da testa e do cabelo.

Jonathan demora-se ao analisar detalhes como as orelhas pontiagudas, os dentes protuberantes e as mãos, que têm pelos na palma e unhas que mais parecem garras. Por toda sua descrição, principalmente as últimas características, parece-nos que ele está descrevendo uma criatura totalmente repugnante cuja sua imagem iguala-se à descrição de um monstro horrendo.

3.2 LESTAT DE LIONCOURT

A caracterização de Lestat é feita logo na primeira página por ele mesmo (RICE, 1999, p. 9): “sou o vampiro Lestat. Sou imortal. Tenho um metro e oitenta de altura, cabelos louros e ondulados, meus olhos são cor de cinza. Tenho um nariz bem pequeno e estreito, uma boca bem desenhada, só que um pouco grande demais para meu rosto. Pode parecer muito cruel ou extremamente generosa a minha boca. Mas sempre parece sensual”.

Pela descrição, percebe-se que Lestat é muito mais provido de beleza do que o Conde Drácula, sua descrição é de uma face harmônica e de uma beleza impressionantes. Ele é um vampiro sedutor, que nessa obra é um astro de rock provocante.

4 I (DES) VAMPIRIZANDO-SE

Ao analisarmos a palavra “vampiro” e sua etimologia, perceberemos que ela parte de uma raiz comum na maioria das línguas mediterrâneas e em territórios mais próximos da pátria de Drácula, possuindo o significado de “chupador de sangue”. A referência mais antiga a essa palavra surgiu na Eslovênia.

Segundo explica Dunn-Mascetti (2010, p. 157), “a palavra é formada por vam, que significa “sangue”, e pyr, que significa monstro, e esse monstro sanguinário não era, em hipótese alguma, aristocrático, sexy, culto ou imortal, mas simplesmente muito, mas muito repugnante”. Para ela, a criação e constante difusão da crença humana nas lendas de vampiro têm sido alimentadas de maneira muito eficiente pela literatura (2010, p. 145).

Nos contos folclóricos originais, vampiros, lobisomens e outras criaturas abomináveis saltam sobre suas vítimas, com a cara coberta de pelos e exalando um odor nauseabundo, e lhe abrem a garganta como um animal selvagem sobre a vítima convulsiva. Não há nenhum romantismo nem nada de agradável, intelectual ou minimamente humano nesse ataque, e provavelmente todo o processo durava apenas alguns segundos. Sem dúvida não tinham nada em comum com os romances de sucesso. (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 148)

A partir da afirmação de Dunn-Mascetti, observa-se que, ao longo dos tempos, houve uma alteração da imagem do vampiro de um monstro chupador de sangue para uma figura extremamente sensual e sexual, aproximando-se mais da figura humana e abandonando sua monstruosidade.

No romance gótico do século XIX, o vampiro se torna um homem alto, magro, bem vestido e com amplos conhecimentos de temas mundanos, acumulados ao longo de centenas de anos de viagens e em meio a pratos refinados (embora ele não coma nem beba), entretendo seus convidados com conversas intelectuais e seduzindo as suas vítimas do sexo feminino com olhares hipnóticos, gestos refinados e promessas de prazer sexual. O modo de matar passa da cavidade torácica para o pescoço, com implicações bastante explícitas, de penetração sexual e submissão eterna (DUNN-MASCETTI, 2010, p. 148).

Tal alteração de imagem deveu-se inicialmente pela visão romanceada do vampiro na literatura e, posteriormente, impondo mais apelo sexual, o cinema tem contribuído muito na construção e fixação desse estereótipo do vampiro ligado à erotização.

Isso foi explorado ao máximo por Hollywood: o vampiro do sexo masculino foi estereotipado como possuidor de um poder hipnótico que deixa sem defesas qualquer garota (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 195). Dessa forma, cabe ressaltar que, a figura do vampiro ligada à sexualidade e erotismo tem ligação direta entre o conceito de vampiro aristocrático, inspirado na imagem e personalidade de Lord Byron.

4.1 LUXÚRIA E SANGUE

Como visto anteriormente, o vampiro é tido como um monstro que, à noite, chupa o sangue de suas vítimas em busca da substância vital, o sangue. Por sua condição de poder transitar entre dois mundos, desperta grande curiosidade em seu entorno, o que gerou durante muito tempo várias tentativas de se definir sua existência. Segundo Lecouteux (2005, p. 169), o mito do vampiro continua a exercer fascinação sobre os espíritos mais científicos que estão à procura desesperada de uma explicação. Observamos também que, essa imagem monstruosa, ao longo dos tempos, foi sendo modificada na literatura, caracterizando o vampiro como um ser de natureza sensual, que exala erotismo, fascina e seduz suas vítimas com o “poder hipnótico de seu olhar” (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 184).

O vampiro, exótico e misterioso, foge a todas as explicações e, portanto, provoca um sombrio fascínio. Ele prende a atenção do leitor com a mesma força hipnótica

usada para atrair suas vítimas fictícias mordidas no pescoço, e a nossa curiosidade lhes dá tanta vida e força quanto o sangue das pessoas inocentes e de boa aparência atraídas por ele (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 176).

Para Idriceanu e Bartlett (2007, p. 204), a sugestiva sensualidade do vampiro e os atos a que se entrega são um dos mais notáveis aspectos do mito. É difícil de resistir a um desses aspectos, a combinação de sexo e terror [...], em todas as acepções da palavra, o vampiro continua a exercer seu sinistro fascínio. Do mesmo modo, Dunn-Mascetti relaciona a atração sexual exercida pelo vampiro ao fato de ele ser tão repulsivo:

ele influencia de maneira tão poderosa a nossa imaginação porque representa uma distorção da natureza humana, a inversão de tudo o que é considerado normal. Essa é uma das armas que o vampiro utiliza para convidar as suas vítimas a encontrar a morte e o processo de transformação que as fará ser como ele. Ele captura a nossa imaginação e nos atrai para um caminho de desesperança enganosamente atraente. Essa é a sua maior habilidade, a sua poderosa força de sedução (2010, p. 15).

Ao longo da história, encontramos o vampirismo relacionado a perversões, ao sexo implícito e à insinuação (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p. 200), existindo uma ampla ligação entre vampirismo e sensualidade. Segundo Idriceanu e Bartlett, a sexualidade sempre presente, permanece como parte importante do fatal fascínio do vampiro (2007, p. 61). Observa-se que sexualidade é um aspecto que se tornou mais manifesto ao longo dos anos, e, esse tema, em particular, surge em *O Vampiro*, do Dr. Polidori.

4.2 VAMPIROS E SEXUALIDADE

Para Idriceanu e Bartlett (2007, p. 202), em vista da natureza perversa do vampirismo, em que há penetração no corpo por meio da mordida em vez da relação sexual e o prazer máximo é a retirada de sangue, não surpreende que exemplos extremos de depravação sexual tenham sido vinculados a tendências vampírescas. De acordo com Jesus Antônio Durigan (1985, p. 80), teórico que estuda o erotismo na literatura:

existem certas características que acompanham e configuram a personagem e a ajudam a compor as representações eróticas do texto, por exemplo, a transgressão às normas como forma de realizar seu desejo, o auxílio de outras personagens no sentido de criar-lhe condições para suprir suas vontades e o poder de sedução adquirido através da transformação mágica que, ao desobrigá-lo de atuar como sujeito da ação, transfere ao maravilhoso a responsabilidade de conseguir-lhe o objeto sexual desejado.

Percebe-se que tais afirmações acima citadas relacionam-se à figura do vampiro e sua representação erótica nos textos literários. Embora o vampiro seja um ser

erótico, de acordo com Waldman (1982, p. 11), seu erotismo não é genital, pois, dada sua impotência fisiológica, seu centro erógeno muda de lugar e passa para os dentes (incisivos) que se alongam e que, ao invés de transmitir vida, a subtrai. Aparecendo como instrumento erótico, embora impotente, a relação entre vampiros é geralmente heterossexual. Contudo, Anne Rice, em sua obra, contradiz Waldman ao apresentar relações homoeróticas entre vampiros.

Na sua prática, o Vampiro situa-se no rol das criaturas cuja ação o nosso desejo rejeita. Se para nós ele caminha em pleno domínio negativo, é preciso considerar que essa negatividade se revela, na atuação vampiresca, como prazer. Instrumento erótico, embora de um erotismo não genital, o Vampiro reúne em si as pulsões sexuais que são autênticas pulsões de vida, e, ainda, as pulsões de destruição e morte. As categorias divergentes em Freud Eros e Tanatos – em que a segunda revela o sentido da primeira como aquilo que resiste à morte, enfeixando-se, portanto, as pulsões sexuais como autênticas pulsões de vida, atuantes contra o designio da outras pulsões que conduzem à morte -, são configuradas como convergentes na prática vampiresca, já que no próprio ato da conjugação sexual se instila a morte. É desse modo, como figura erótico-assassina, que o Vampiro marcará sua presença em toda uma tradição literária, a do romance gótico (WALDMAN, 10982, p. 11).

Idriceanu e Bartlett (2007, p. 202) relacionam o comportamento sexual extremo vinculado ao vampirismo como forma de cativar o público leitor, particularmente nos tempos vitorianos, quando a sexualidade, com muita frequência, era encoberta. Para Idriceanu e Bartlett, o sexo está na raiz do fenômeno vampírico, onde essa sexualidade, sem muita sutileza, pode ser encontrada no poema de Charles Baudelaire *Metamorfoses do Vampiro*, que mostra a imagem da vampira sedutora, figura que não é encontrada nos relatos das epidemias vampirescas do século XVIII, mas, segundo Idriceanu e Bartlett (2007, p. 197), possui antecedentes muito mais antigos.

Observa-se que não somente o vampiro é desenvolvido em torno da figura tentadora e com irresistível charme magnético, mas também a vampira, como mulher voluptuosa, que ameaça explodir em vulcânica sexualidade (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p 194). Ela é ligada à sensualidade e grande apetite sexual, que as supostas vítimas são incapazes de resistir, isso pode dever-se ao fato de (IDRICEANU; BARTLETT, 2007, p 108) a lua ter uma associação às mulheres e à sexualidade.

4.3 EROTIZAÇÃO E LITERATURA

Ao criar seu personagem vampiro inspirado nos costumes de Lord Byron, Dr. Polidori relacionou de vez o conceito de vampiro ao erotismo, que pratica muito mais do que só sucção de sangue. Porém, como citado anteriormente, o vampiro é um ser morto, tornando-se biologicamente impotente, mas a ficção literária faz alusões ao fato de o vampiro atacar jovens mulheres em busca de gratificação sexual, e não de sangue simplesmente (IDRICEANU; BARTLETT, p. 194), contudo, os atos sexuais são implícitos nas obras: “Polidori nos deu o protótipo do vampiro, ou seja, um nobre, arredo, brilhante, que provoca arrepios, fascina as mulheres e é friamente maligno

(apud IDRICEANU; BARTLETT, p. 46)”.

O domínio do vampiro inicia-se através do seu poder de fascinar as suas vítimas com o seu olhar hipnótico. Segundo Dunn-Mascetti (2010, p. 149), tal ligação entre o vampiro e a figura de Lord Byron, serviu para trazer à nossa vida atual a aristocrática e erótica criatura das trevas.

Os vampiros decidiram viver entre nós justamente porque parecemos obcecados pelo que não podemos possuir, porque ansiamos obter o impossível, porque satisfazemos os nossos desejos, medos e expectativas e acabar com o vácuo na nossa vida com o que eles representam. Poderíamos até dizer que o vampiro é um espelho perfeitamente polido no qual projetamos todos os nossos sonhos e fantasias, sexuais e intelectuais, e a projeção dota essa estranha criatura de uma atração a que achamos impossível resistir (Dunn-Mascetti, 2010, p. 36).

Segundo Idriceanu e Bartlett (2007, p. 61), somos fascinados pelos vampiros porque o “horror” sempre exerceu atração sobre os seres humanos. Pode-se dizer que esse seja seu maior poder sobre os simples mortais, que se sentem atraídos pela sua beleza fugidia, por algo que parece real, mas não é, pelo poder de uma criatura que é, na verdade, uma ilusão “humana”.

Para Dunn-Mascetti (2010, p.36), os vampiros exercem um poder sutil sobre a psique, que faz com que projetemos sobre ele qualquer forma que se ajuste à nossa imaginação, pois preferimos acreditar mais nas nossas fantasias do que naquilo que percebemos com os nossos sentidos. Dessa forma, ao formar sua imagem, fantasia e realidade, o vampiro suga não só o sangue, mas também a energia psíquica que controla as funções físicas e mentais, tornando-se uma projeção perfeita dos nossos desejos.

5 | CONCLUSÃO

Observa-se que a humanização dos vampiros tem sido um processo evolutivo ao longo dos tempos, aonde o vampiro vem se descaracterizando em partes do seu aspecto monstruoso e aproximando-se da figura humana, fato que pode ser comprovado com as descrições comparativas entre Drácula e Lestat.

Cabe destacar que, ao serem introduzidas nos vampiros características relacionadas a práticas sexuais, à sedução e ao desejo não só por sangue, mas sexual, ele torna-se menos monstruoso, pois tais práticas e sentimentos são propriamente da natureza humana, o que faz com que ele se aproxime da humanidade outrora perdida.

A atual propagação mundial de sagas e coleções de livros com a temática vampiresca, e também de obras cinematográficas e séries televisivas vem acrescentar à pesquisa e comprovar a inscrição da importância do vampiro na construção do imaginário dos povos. Dessa forma, o presente artigo pode confirmar que os processos evolutivos da descrição e apresentação do vampiro na literatura só pode torná-lo mais acessível como objeto de desejo afetivo e sexual por tê-lo concomitantemente tornado

mais próximo do humano, mais distante do grotesco e mais tangível no imaginário leitor.

REFERÊNCIAS

BOURRE, Jean-Paul. **Os vampiros**. São Paulo: Publicações Europa-América, 1986.

DUNN-MASCETTI, Manuela. **Vampiros além da saga Crepúsculo: tudo o que você precisa saber sobre vampiros e Stephenie Meyer não contou em seus romances**. São Paulo: Pensamento, 2010.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

IDRICEANU, Flavia; BARTLETT, Wayne. **Lendas de sangue: o vampiro na história e no mito**. São Paulo: Madras, 2007.

LECOUTEUX, Claude. **História dos vampiros: autópsia de um mito**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

RICE, Anne. Entrevista com o vampiro. Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

_____. O Vampiro Lestat: segundo volume de crônicas vampirescas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

STOKER, Bram. Drácula. Porto Alegre: LPM, 1998.

WALDMAN, Berta. Do vampiro ao cafajeste: uma leitura da obra de Dalton Trevisan. São Paulo: Hucitec; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1982.

FICÇÃO E REPORTAGEM EM CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

Fábio Luis Rockenbach

Universidade de Passo Fundo – Faculdade de
Artes e Comunicação
Passo Fundo – RS

Márcia Helena Saldanha Barbosa

Universidade de Passo Fundo – Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
Passo Fundo – RS

RESUMO: Ainda que apresentem evidentes proximidades, jornalismo e literatura possuem características que podem ser apontadas como marcos reguladores de uma grande diferença entre as duas áreas: o fato de o jornalismo trabalhar, necessariamente, com a verdade, e da literatura permitir o uso da ficção. A partir de tais definições básicas, o presente busca apontar técnicas do texto jornalístico e da rotina produtiva do jornalismo que o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez faz uso para produzir verossimilhança na narrativa de “Crônica de uma morte anunciada” (1981). O corpus foi escolhido por ter sido definido, pelo próprio autor, como uma falsa reportagem e, simultaneamente, um falso romance, conceitos antagônicos e aparentemente inconciliáveis, mas que coabitam os parágrafos de todo o livro, obra emblemática por representar o retorno do escritor ao mercado literário após seis anos, o mais extenso período de inatividade de sua

carreira após o sucesso de “ Cem Anos de Solidão”.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, literatura, veracidade, verossimilhança.

FICTION AND JOURNALISTIC REPORT IN CHRONICLE OF A DEATH FORETOLD

ABSTRACT: Although they present evident proximity, journalism and literature have characteristics that can be pointed as regulatory milestones of a great difference between the two areas: the fact that journalism necessarily works with the truth, and literature allows the use of fiction. From these basic definitions, the present text seeks to point out techniques of the journalistic text and the productive routine of journalism that Colombian writer Gabriel Garcia Márquez uses to produce likelihood in the narrative of “Chronicle of a Death Foretold” (1981). The corpus was chosen because it was defined by the author itself as a false journalistic report and, simultaneously, a false novel, antagonistic and apparently irreconcilable concepts, but which cohabit the paragraphs of the entire book, an emblematic work because it represents the writer’s return to literary market after six years, the longest period of inactivity in his career after the success of “One Hundred Years of Solitude”.

KEYWORDS: journalism, literature, veracity,

Mesmo que jornalismo e literatura tenham, ao longo da história, continuamente mantido relações de proximidade, uma indecisão no que se refere às condições de convergência entre ambas as áreas tem dominado as discussões que regem chamado exercício do jornalismo de fôlego (as grandes reportagens e os livros-reportagem). O motivo é o fato de ambos – jornalismo e literatura – apoiarem-se nas mesmas bases para sua existência (o texto e a narrativa) porém com diferentes aproximações. Essa mesma base, que aproximou as duas áreas em muitos momentos, distanciou-as a partir do tempo em que o jornalismo passou a ser regulado por características e preceitos definidos pelas necessidades do ato informativo.

Escritor e jornalista, o colombiano Gabriel García Márquez sempre defendeu que as duas áreas mantêm mais proximidades do que separações. O escritor teve, ao longo de quarenta anos, uma destacada atividade no jornalismo e na literatura e, em diversos momentos de sua trajetória, creditou boa parte de seu estilo e crescimento como escritor aos ensinamentos aprendidos na redação de um jornal - inclusive à uma peculiar capacidade de conferir verossimilhança aos relatos mais mágicos; de inserir interesse humano a histórias aparentemente banais, algo que ele aplicou em sua carreira como escritor. O presente trabalho condensa as considerações abordadas em uma dissertação de mestrado acerca desse peculiar talento e sua aplicação em um caso específico: o livro “Crônica de uma morte anunciada”.

CONVERGÊNCIAS ENTRE LITERATURA E JORNALISMO

Quem se dedicou a tentar encontrar características específicas que discernissem o texto literário do jornalístico foram Fiorin e Savioli, que encontram na função do texto um elemento que pode servir de base para essa diferenciação. Enquanto o texto jornalístico tem a função de informar, o texto literário, segundo os autores, tem função estética, onde “o plano de expressão não serve apenas para regular conteúdos, mas recria-os em sua organização de um modo que importa não apenas o que é dito nele, mas o modo como se diz. Ao resumi-lo, perde-se o essencial dele” (FIORIN & SAVIOLI, 1997, p. 17-18)

Ponte (2005, p.46) enxerga, por parte do jornalismo, uma apropriação de certas técnicas comuns a uma corrente literária, o realismo, que fazia uso de um narrador “obrigado a dar à ficção as aparências de realidade”. Desenvolvendo-se paralelamente à essa corrente literária, o jornalismo do século XIX encontra “no realismo algumas de suas metáforas fundadoras, como ‘espelho da vida’ [...] ou a sua matéria-prima, os acontecimentos, como mimeses dos seres e das coisas” (PONTE, 2005, p.45). A autora também destaca a importância do papel do narrador, que pode, então, controlar os eventos reportados, os personagens, o tempo e os cenários, “mantendo as distâncias entre o real e a ficção”, havendo no processo a opção de escolher quem será chamado

para o lead. (p.46), elemento textual rotineiro do texto jornalístico desde antes da metade do século XX, que busca responder às perguntas básicas do jornalismo no primeiro parágrafo da matéria, de forma que as principais informações sejam recebidas pelo leitor desde o início. (LUSTOSA, 1996, p.78).

Abordando as proximidades entre jornalismo e literatura em artigo publicado em 2004, Herscovitz menciona um grupo de escritores hispânicos que conduziram a literatura produzida na América Latina a um outro patamar em termos mundiais – e que ajudaram a criar o chamado “realismo mágico”, particularidade que se tornou uma espécie de estereótipo da época para os leitores europeus, quando o tema era a literatura hispânica.

É difícil traçar um perfil daquela geração de escritores. Eles não faziam parte de uma escola literária específica, mas compartilhavam uma preocupação com a linguagem e a forma [...] Alguns deles começaram sua carreira profissional como jornalistas, entre eles García Marquez, Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Alejo Carpentier, Julio Cortazar [...]. Grande parte desse grupo tinha formação intelectual influenciada pela avant-garde europeia, a novela francesa e o modernismo norte-americano (HERSCOVITZ, 2004, p.176)

Parte desse grupo influente, Gabriel García Márquez, mesmo sem uma formação específica na área, aprendeu de forma natural, pela experiência conquistada em diferentes jornais da Colômbia, que para cada gênero jornalístico poderia haver um tipo específico de tratamento textual. É particularmente interessante a opinião proferida em 1981 pelo próprio García Márquez sobre o uso da descrição detalhada, um estratagema para tornar suas narrativas fantásticas em passagens de realismo claramente mágico, mas ainda assim aceitáveis a seus leitores. Diz Márquez:

É um truque jornalístico, quando você também pode aplicá-lo à literatura. Por exemplo, se você diz que há elefantes voando no céu, as pessoas não acreditarão em você. Mas se você disser que há quatrocentos e vinte e cinco elefantes voando no céu, as pessoas provavelmente acreditarão em você. (MÁRQUEZ apud STONE, 1981)

O uso dessa ferramenta narrativa adquire, em muitos textos de García Márquez, um significado que Erbolato (1997) considera fundamental a partir do sentido ou da motivação do que se escreve. Para o autor, a atenção a um detalhamento de cenário, costumes, expressões e outras descrições “só farão sentido se o repórter souber atribuir significados aos símbolos e tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor

FICÇÃO E NÃO-FICÇÃO EM UMA MORTE ANUNCIADA

Ao lançar “Crônica de uma morte anunciada” em 1981, García Márquez definiu seu novo livro como uma “falsa” obra de ficção, e uma “falsa” obra jornalística (MARTIN,

2010, p.403), por mais difícil que possa ser, inicialmente, compreender como o livro poderia situar-se entre essas duas definições. É normal vincular a origem da influência jornalística apontada por García Márquez, no livro, aos acontecimentos que deram origem à sua trama. O escritor esperou três décadas para poder, enfim, relatar um caso de assassinato que, se não foi presenciado por ele, envolveu diretamente familiares, amigos e conhecidos na cidade de Sucre, no interior da Colômbia, onde a família García Márquez vivia no início dos anos 50, enquanto o escritor trabalhava em El Heraldo.

De fato, García Márquez relata um fato verídico, mas nunca usa nomes reais para recriá-lo, o que justifica que o escritor tenha descrito a obra como uma “falsa reportagem”. Talvez motivado pela proximidade que Martin (2010) lembrou ser incômoda a ele e à sua família, o escritor nunca nomeia a pequena cidade onde ocorreu o crime, nem identifica, diretamente, a data em que ele ocorreu. É possível aludir tal medida ao desconforto citado anteriormente porque, curiosamente, García Márquez modifica o nome de todos os envolvidos, mas mantém reais os nomes dos membros de sua família, como forma de incluir-se na narrativa.

Público e crítica começaram a compreender a estranha definição oferecida por García Márquez a seu livro tão logo ele foi lançado: uma matéria denominada García Márquez lo vio morir, dos jornalistas Julio Roca e Camilo Calderón, reportagem exclusiva para a revista colombiana Al Día, minuciosamente recuperou os fatos acontecidos em 1951 e comparou-os com a trama escrita pelo escritor. Para Díaz-Migoyo (1988, p.74-75), foi o próprio García Márquez quem teria sugerido a reportagem aos dois jornalistas, mas o escritor salientou as diferenças entre a forma como os fatos são narrados em ambos os textos, em uma declaração dada enquanto estava no México, poucos dias após o lançamento do livro:

O romance foi lançado segunda-feira, e uma revista em Bogotá já publicou uma história no lugar onde tudo acontece, com fotografias dos supostos protagonistas. O trabalho deles é excelente de um ponto de vista jornalístico, mas é surpreendente que o drama contado aos jornalistas por testemunhas seja totalmente diferente do que ocorre no romance. Talvez a palavra “totalmente” não seja correta. O ponto de partida é o mesmo, mas a evolução é diferente. Eu fico lisonjeado por ver que o drama no meu livro é melhor, mais controlado, mais estruturado (DIÁZ-MIGOYO, 1988, p.426).

A mais importante diferença pode ser encontrada na própria estrutura narrativa: a recriação feita por García Márquez coloca o narrador como uma testemunha dos fatos, e também como uma personagem. Para Díaz-Migoyo (2010, p.81), a opção por usar a primeira pessoa foi praticamente uma necessidade, porque, “como narrador da história, ele precisa ter sido o investigador dos eventos”.

A importância desse fato está em constatar, também, que mesmo não nomeando a si próprio durante a trama, o escritor, em diversos momentos, demonstra que o narrador-testemunha é ele próprio, ao identificar os únicos personagens reais que insere

na trama, a sua própria família. Estão presentes na narrativa, em diferentes momentos, sua irmã, seus irmãos e sua tia, com seus nomes reais. Se, comprovadamente, García Márquez, o narrador-testemunha, não estava em Sucre na manhã em que Gentile foi assassinado, pode-se compreender suas afirmações em contrário como parte de uma estratégia para emular uma reportagem investigativa em seu livro. Tais pistas são fornecidas pelo próprio escritor em seu texto, já que ele encarrega-se de inserir nele outras passagens que comprovam o caráter ficcional da obra. A passagem em que ele afirma ter reencontrado Ángela Vicário é um exemplo:

Muito depois, em um tempo de dúvidas, quando tentava entender algo de mim mesmo vendendo enciclopédias e livros de medicina pelos povoados da Guajira, cheguei por acaso àquele morredouro de índios. Na janela de uma casa frente ao mar, bordando à máquina na hora mais quente, havia uma mulher de meio luto com óculos de arame e cãs amarelas, e sobre sua cabeça estava pendurada uma gaiola com um canário que não parava de cantar. Vendo-a assim, dentro do marco idílico da janela, não quis acreditar que aquela mulher fosse quem eu pensava, porque me recusava a admitir que a vida acabasse por se parecer tanto à má literatura. Mas era ela: Ángela Vicário 23 anos depois do drama (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p. 130-131).

Essas liberdades criativas com as quais o escritor busca conferir verossimilhança à sua obra de forma planejada não perdem seu valor quando confrontadas com informações reais, externas à trama, sobre os fatos ocorridos. No relato de Crônica de uma morte anunciada, a verossimilhança é mais importante que a suposta verdade dos fatos reais ocorridos em Sucre.

A REPORTAGEM COMO INSPIRAÇÃO

Pode-se tentar compreender a afirmação do autor analisando a obra a partir de dois aspectos: o primeiro referente aos valores de gênero jornalístico presentes na trama, e o outro relacionado às marcas textuais típicas do texto jornalístico, de forma semelhante ao que foi feito anteriormente, quando foram analisados textos da obra jornalística do escritor.

O primeiro aspecto, que se refere aos valores de gênero, também dizem respeito a processos de produção do jornalismo. Pela sua extensão, pelo número de fontes utilizadas pelo narrador e pelo desenvolvimento temporal do fato narrado, claro parece que „Crônica de uma morte anunciada“ é uma obra de ficção profundamente ancorada em conceitos próprios da reportagem jornalística.

Para reconstruir o assassinato, García Márquez faz uso de diferentes hábitos produtivos do exercício jornalístico, e é então que surgem elementos que permitem relacionar a obra ao jornalismo: a história do assassinato é recontada a partir de inúmeros depoimentos recortados, que são unidos a partir das lembranças do repórter, como testemunha dos fatos e como investigador, trinta anos depois. Esses dois tempos misturam-se na narrativa e são identificados por Álvarez-Borland (2007)

como dois níveis temporais da percepção do narrador – e do leitor também. O primeiro nível, contemporâneo ao assassinato, envolve as declarações das testemunhas e as memórias do narrador, pois ele estava na cidade, na madrugada do crime, como se percebe nos fragmentos abaixo:

O navio foi embora com as luzes acesas, deixando uma trilha de valsas de pianola, e, por um instante, ficamos à deriva sobre um abismo de dúvidas, até que voltamos a nos reconhecer uns aos outros e nos afundamos na bagunça da festa (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p.67).

Santiago Nasar e eu, com meu irmão Luís Enrique e Cristo Bedoya, fomos para a casa de virtudes de Maria Alejandrina Cervantes. Por ali passaram entre muitos outros os irmãos Vicario, e estiveram a beber conosco e a cantar com Santiago Nasar cinco horas antes de o matarem (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p.68).

O segundo nível temporal, segundo Álvarez-Borland (2007, p.220), “inclui a retrospectiva da memória de múltiplas testemunhas, bem como as memórias da própria reminiscência do narrador sobre o crime”. O narrador, então, coloca-se em um tempo posterior aos fatos narrados, assumindo sua condição de investigador, ao afirmar como reencontrou e conversou com os envolvidos, muitos anos depois. Percebe-se isso em passagens como a do seu reencontro com Ângela Vicário e em passagens como as abaixo:

Segundo me disseram anos depois, tinham começado por procurá-lo na casa de Maria Alexandrina Cervantes, onde estiveram com ele até as duas (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p.75).

Durante anos, em minha casa, continuaram falando que meu pai voltara a tocar o violino de sua juventude em honra dos recém-casados, que minha irmã freira dançou um merengue com o hábito de rodeira, e que o doutor Dionísio Iguarán, primo irmão de minha mãe, conseguiu viajar no navio oficial para não estar aqui no dia seguinte quando viesse o bispo (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p.65).

Independentemente do nível temporal em que se encontra o narrador, García Márquez desenvolve sua narrativa como se a construísse a partir da veracidade oferecida por um repórter escrevendo uma reportagem, gênero em que “o narrador observa [...] atitudes exteriores [dos personagens] e flagra seus comportamentos contraditórios, engraçados, mesquinhos ou, mesmo, trágicos” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p.87). Assim, García Márquez parece motivado a deixar claro que o livro é resultado de um processo investigativo, ainda que autores já citados anteriormente deixem claro que os fatos, personagens e detalhes da trama não condizem com o que realmente ocorreu. As duas passagens abaixo exemplificam essa busca por verossimilhança através da reprodução de um processo de reportagem jornalística investigativa:

Três pessoas que estavam na pensão confirmaram que o episódio tinha acontecido, mas outras quatro puseram dúvidas. Em compensação, todas as versões coincidiam em que Angela Vicario e Bayardo San Román se tinham visto pela primeira vez nas festas patrióticas de Outubro, durante uma verbena de beneficência em que ela tinha por encargo cantar os números das rifas (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p.44).

Os primeiros clientes eram raros, mas vinte e duas pessoas declararam ter ouvido tudo quanto disseram, e todas coincidiam na impressão de que eles disseram o que disseram com o propósito único de serem ouvidos (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p. 77).

Ao inserir a menção do narrador ao testemunho de sobreviventes do fato, anos depois, o escritor evidencia o caráter jornalístico da narrativa, conduzida não por um personagem que estivera na cidade naquela época, mas pelo repórter que voltou anos depois para investigar o ocorrido.

JORNALISMO, VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA

No livro de García Márquez, identificam-se não apenas elementos relacionados aos processos de produção jornalística. Se a estrutura é construída sobre dois tempos que nos permitem perceber a presença de um “repórter investigador” e todo o desenrolar dos fatos se constrói através de depoimentos, é importante lembrar que o narrador inicia o livro anunciando sua “notícia”: mataram Santiago Nasar.

A inevitabilidade do fato que sustenta toda a trama do livro, por si só, aproxima do relato jornalístico por não esconder, em momento algum, o fato em si, e apenas se preocupar em explicar ao leitor “como” ele aconteceu – tal inevitabilidade diz respeito a algo que já ocorreu e não há como essa verdade básica ser alterada. García Márquez inicia Crônica de uma morte anunciada com uma prolepse, que anuncia o que aconteceria com o personagem futuramente, e instiga no leitor a curiosidade de conhecer o fato gerador de toda a trama já na primeira sentença: “No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30m da manhã para esperar o navio em que chegava o bispo” (p.9).

Ao utilizar esse processo anacrônico e, ao anunciar o fato, abrir mão do mistério maior em torno “do que” aconteceu, García Márquez provoca, também, a curiosidade no leitor, que provido de uma informação tão importante volta sua atenção para a busca de respostas para outras duas perguntas básicas do fazer jornalístico: “como” e “por quê”.

Se, contrário ao que seria de se esperar de uma reportagem, García Márquez nunca estabelece conclusões definitivas sobre os acontecimentos, ele constrói seu relato utilizando uma riqueza descritiva de diferentes elementos de sua trama como parte de sua estratégia de propiciar essa interpretação livre dos fatos, bem como de assegurar o interesse do leitor e conferir ao suposto relato testemunhal a necessária verossimilhança. A descrição detalhada não é uma característica exclusiva do jornalismo factual. Ainda que a descrição de personagens, cenário e elementos importantes ao fato

possa ser vista como imprescindível, ela está presente também na literatura. A técnica, que foi importante para o desenvolvimento do realismo mágico de suas narrativas, surge em *Crônica de uma morte anunciada* com outros objetivos. Inicialmente, García Márquez faz uso da riqueza de detalhes para dar autenticidade ao relato: o leitor, mesmo o sabedor de que a trama do livro não é totalmente verídica, confere aos fatos narrados o benefício da dúvida a partir da rica quantidade de informações que os acompanham. Tais detalhes são fruto de uma investigação real ou são uma forma do escritor convencer seu leitor acerca da veracidade das informações? A dita liberdade que García Márquez exaltou ao comparar seu texto com textos jornalísticos a respeito do assassinato está diretamente relacionadas ao uso dessa estratégia, mas Williams (2010, p.119) chama a atenção para outro estratagema adotado por García Márquez. Para o autor, um dos segredos do escritor colombiano é oferecer um texto ambíguo ao leitor, de forma a nunca deixá-lo completamente ciente das informações importantes à história. “Uma de suas técnicas para a criação da ambiguidade em *Crônica* está no uso de observações detalhadas sobre assuntos irrelevantes, enquanto é impreciso e vago a respeito de pontos de real importância.” Há discrepâncias, até mesmo, nas lembranças de como estava o tempo na manhã em que o personagem morre, mas o narrador reconstrói as últimas horas de vida de Nasar com uma precisão cirúrgica em alguns aspectos. Sabe-se que Santiago chega da festa de casamento às 4h20m, levanta-se às 5h30m, sai de casa às 6h05m, cruza a praça com Bedoya às 6h25m e entra na casa de sua noiva às 6h45m, para então descobrir que querem matá-lo. Percebe-se essa precisão desde a primeira frase do livro, e ela se repete ao longo da narrativa:

As muitas pessoas que encontrou desde que saiu de casa às 6h05m até que foi retalhado como um porco, uma hora depois, lembravam-se dele um pouco sonolento, mas de bom humor, e com todos comentou de um modo casual que era um dia muito bonito. Ninguém estava certo se ele se referia ao estado do tempo (GARCÍA MÁRQUEZ, 1981, p.10).

Importa a García Márquez provocar no seu leitor o que Cristina Pontes (2005, p.48) relaciona com o realismo literário. A autora cita Jan François Tétu ao afirmar que a descrição não funciona como mero ornamento, mas como elemento constitutivo para uma impressão de “ter estado lá”. É essa busca, pela impressão de veracidade, que constrói uma curiosa relação de dubiedade com as informações falsas por meio das quais García Márquez parece brincar com o leitor. Ou, por outro lado, a possibilidade de que o livro possa ser uma proposta de García Márquez de “derrubar as fronteiras entre jornalismo e literatura para criar uma obra especial para o homem contemporâneo, que é um homem inegavelmente influenciado pelos meios de comunicação de massas (RABELL, 1994, p.41-42)”.

CONCLUSÃO

Se García Márquez, na juventude, concebia o jornalismo como “um meio para alcançar um fim maior, e uma forma inferior de escrita” (MARTIN, 2012, p.110), é possível constatar, pela recuperação de sua trajetória e por suas declarações ao longo de quarenta anos, que o tempo legou ao escritor o reconhecimento da importância da prática jornalística no seu amadurecimento pessoal e profissional. Veio também do jornalismo a principal ferramenta para que acontecimentos mágicos presentes em seus livros fossem aceitos pelo leitor com uma insuspeita verossimilhança, envolvendo mulheres que voam, rios de sangue e pessoas que se transformam em porcos, como ocorre em *Cem anos de solidão*: a descrição detalhada ao extremo. As pessoas não acreditarão em um elefante voando, mas 425 elefantes voando é um exagero por demais detalhista para ser mentira.

O lançamento de *Crônica de uma morte anunciada*, em 1980, permitiu ao escritor unir suas duas grandes paixões: a liberdade criativa da ficção e o poder de denúncia de uma grande reportagem. García Márquez fez de seu livro (baseado em um acontecimento real), como ele próprio afirmou, um falso romance (porque construído a partir do estilo de uma reportagem e baseado na declaração de dezenas de fontes identificadas como tais na narrativa) e uma falsa reportagem (porque dotado de mudanças feitas pelo escritor em torno dos fatos e personagens que apresenta). García Márquez transita entre esses dois gêneros, evitando a objetividade excessiva de um texto jornalístico. Porém, ele concebe sua narrativa a partir do processo de construção de uma reportagem, ainda que composto por depoimentos inconclusivos e divergentes. O escritor opta por “anunciar” sua notícia já em seu primeiro parágrafo e, tal qual uma reportagem jornalística, jamais esconde do seu leitor a natureza do fato: Santiago Nasar morreu, e seus assassinos são conhecidos. Cabe ao repórter/jornalista descobrir como isso aconteceu, e quais foram os motivos. Para tanto, mesmo sem jamais nomear a si próprio, García Márquez deixa implícito que o narrador da história é ele mesmo, pela identificação que faz de seus familiares como testemunhas e participantes dos acontecimentos.

É através dessas estratégias – textuais e de procedimento – que García Márquez consegue conferir verossimilhança a uma história que se mantém entre a ficção e a reportagem de forma harmônica, por mais que a simples ideia de que uma narrativa seja ficcional e real, simultaneamente, possa soar absurda. Nesse caso, é compreensível: poucos escritores tornaram o absurdo tão palpável quanto Gabriel García Márquez.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ-BORLAND, Isabel. From Mystery to Parody: (Re)readings of García Márquez's *Crônica de una Muerte Anunciada*. in BLOOM, Harold (ed). **Bloom's Modern Critical Views: Gabriel García Márquez**, Updated Edition. Chelsea House: New York, 2007.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904 – 2004**. São

Paulo:Companhia das Letras, 2005.

DIÁZ-MIGOYO, Gonzalo. Truth Disguised: Chronicle of a Death (Ambiguously) Foretold in ORTEGA, Julio (ed). **Gabriel Garcia Marquez and the Powers of Fiction**. Austin:University of Texas Press, 1988.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Crônica de uma morte anunciada**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. O jornalismo mágico de Gabriel Garcia Márquez. In **Estudos em jornalismo e mídia**, vol. I, nº 2, 2004

JOZEF, Bella. **História da literatura hispano-americana**. Petrópolis: Vozes, 1971.

LUSTOSA, Elcias. O texto da notícia. Brasília:Unb, 1996

MARTIN, Gerald. **Gabriel García Márquez: uma vida**. Rio de Janeiro:Ediouro , 2010

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**, vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2009

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis : Insular, 2005.

RABELL, Carmen. **Periodismo y ficción en Crónica de una muerte anunciada**. Santiago de Chile: Departamento de Estudios Humanísticos de la Universidad de Chile, Monografías del Maitén, 1994. Disponível em <https://www.academia.edu/attachments/6979964>. Acessado em 28 dez. 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem** : notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

STONE, Peter H. **Gabriel García Márquez: The art of fiction**. The Paris Review, N.82, Paris, 1981. Disponível em

<http://www.theparisreview.org/interviews/3196/the-art-of-fiction-no-69-gabriel-garcia-marquez>. Acessado em 22 out. 2013

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In N. Traquina (Ed.), **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993

WILLIAMS, Raymond Leslie. **A Companion to Gabriel García Márquez**. Woodbridge:Tamesis, 2010

CAPÍTULO 7

VIVER E ACREDITAR: CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES DO SERTÃO NORDESTINO

Liliane Viana da Silva

Universidade Estadual do Ceará, campus
Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos
Limoeiro do Norte - Ceará

RESUMO: A obra *A Casa* (1999) da autora Natércia Campos é uma narrativa poética que retrata por várias gerações a vida de seus habitantes dentro das dependências da casa natal. Natércia Campos viveu a maior parte de sua vida em Fortaleza e sempre demonstrou encanto pelas contações de histórias dos mais velhos, fantasias, crenças e superstições vivenciados pelo povo cearense. A autora cearense dá vida e voz a uma casa centenária, que assume a qualidade de personagem da história narrada, com o objetivo de contar, recontar e participar de um ciclo de gerações dentro de suas próprias dependências. Nosso objetivo é discutir como as crenças e as superstições acompanham as pessoas dessas gerações e como elas se entrelaçam na fé dessas mesmas pessoas. Como suporte bibliográfico, destacamos os escritos do pesquisador Câmara Cascudo, tendo em vista que a própria autora o cita como inspiração e grande contribuição para sua busca em função das raízes do povo cearense; bem como das ideias de alguns pesquisadores sobre as crenças e superstições.

PALAVRAS-CHAVE: A Casa. Sertão. Gerações. Crenças. Superstições.

LIVING AND ACCREDITING:

**BELIEFS AND SUPERSTITIONS OF THE
NORTHEASTERN BACKWOODS**

ABSTRACT: The work *The House* (1999) by the author Natércia Campos is a poetic narrative that portrays for several generations the life of its inhabitants inside the dependences of the native house. Natércia Campos lived most of his life in Fortaleza and always showed charm by the accounts of stories of the elders, fantasies, beliefs and superstitions experienced by the people of Ceará. The author from Ceará gives life and voice to a centennial house, which assumes the character of the story narrated with the purpose of counting, recounting and participating in a cycle of generations within its own dependencies. Our goal is to discuss how beliefs and superstitions accompany the people of these generations and how they intertwine in the faith of these same people. As bibliographical support, we highlight the writings of the researcher Câmara Cascudo, considering that the author herself cites it as inspiration and great contribution to its search in function of the roots of the people of Ceará; as well as some researchers' ideas about beliefs and superstitions.

KEYWORDS: The House. Backwoods. Generations. Beliefs. Superstitions.

1 | A CASA, O SERTÃO E A ARTE DE ACREDITAR

A história da humanidade é envolta em suas crenças e valores religiosos, porque o homem é um ser histórico e sua existência é vista dentro de uma cultura; cultura essa regida pelo povo, atravessando gerações e sujeita a modificações. O ato de crer em superstições é uma forma antiga em que o humano precisa para ter sustentação em seu meio material e espiritual. Neves, em seu Dicionário de Superstições, afirma essa questão:

O homem comum permanece na nossa contemporaneidade, muito longe de observar os fenômenos sob esse espírito – está ainda próximo da perplexidade do homem primitivo. Daí que, para ter equilíbrio emocional, procure nas religiões e nas crenças – por mais absurdas que se nos apresentem – explicação para a complexidade dos fenômenos e do mundo em geral. É esta espécie de conforto moral que explica a permanência das superstições no ser humano como forma de ordenar o caos mental em que se encontra (NEVES, 2004, p. 4-5).

Ao longo da história o ser humano sente-se angustiado diante do sobrenatural, do acaso, por não saber defini-los; assim, procura nas crenças, nas superstições, no misticismo uma explicação para levá-lo a equilibrar o emocional e o mental. O povo nordestino, assim como em outras regiões, carregam suas crenças em amuletos, objetos; mostram-se supersticiosos nas ideias populares comuns e naturais; sentem-se e precisam de um elo religioso para direcionar seu ser no mundo.

A escritora cearense Natércia Campos exemplifica bem essas manifestações populares dentro da obra *A Casa* (1999) e como uma sertaneja e cearense nos convida para ouvirmos as histórias dessa Casa numa linguagem tanto erudita como popular. Natércia começou a escrever tarde, em comparação às demais escritoras que temos em nosso rol da literatura; na verdade, seu primeiro escrito só veio a público quando a autora já tinha tido seus seis filhos e com o nascimento de seu primeiro neto. A escritora, na verdade, já nasceu entre os livros e sua paixão pelo Nordeste fez com que a autora surgisse e, em pouco tempo, ganhasse destaque entre os outros de sua categoria de escritor. Sua obra *A Casa*, pode até ser vista por algumas pessoas como uma narrativa curta, por conta de suas 89 páginas, mas é justamente nessas poucas, porém, ricas páginas, que nos deparamos com um encontro fantástico e enriquecedor da escrita poética dessa autora cearense.

As primeiras páginas da narrativa é destinada a criação da Casa tanto como espaço como seu primeiro sopro de vida. Com uma voz *antropomorfizada* e um tempo de vida diferente do tempo dos humanos a Casa, de nome *Trindades e com o apelido de Casa Grande*, nos relata as crenças e superstições destinadas a sua criação:

Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade

tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrames ensamblados nos esteios, deu-me solidez. As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo: o estipe das carnaúbas, os troncos do jucá, os da ibiraúna, a braúna, a madeira preta dos índios fechada à umidade por ser impregnada de resinas e tanino (CAMPOS, 2004, p. 7).

Percebemos que as madeiras eram bem selecionadas, de acordo com os momentos e vitalidade da natureza, e eram cortadas em dia de lua crescente para assim durarem por longos anos, anos esses que viraram séculos. Segundo a própria Casa sua estrutura foi levantada em um local de águas enfeitadas: “Meus alicerces foram feitos muito depois que a lagoa de águas salinas se evaporou. A causa foi o aprisionamento da fonte por gigantesca pedra ali colocada com magia e silêncio pelos índios cariris” (CAMPOS, 2004, p. 11); no entanto, ela tinha ciência que um dia tais águas iriam voltar a sua origem, sentindo-se parte daquele espaço mágico: “Esta a única a ouvir dia e noite o fragor das águas contidas, que um dia retornarão à luz do sol e das estrelas apossando-se do seu antigo leito. Certa noite, escutei este fragor e deu-me a sensação de que deste mundo marinho, latente, faço parte” (CAMPOS, 2004, p. 12).

Seu construtor José Gonçalves Campos, português, e também seu primeiro dono, “o dono vindo do Ente-Douro e Minho”, (CAMPOS, 2004, p. 8) deu-lhe vida quando colocaste uma pedra de lioz na soleira da casa. Nesse momento a Casa explica todo um ritual de crenças com o intuito de dar-lhe segurança e permanência de seus habitantes, visando as dependências da própria casa:

Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra de lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares. Meu dono descobriu-se solenemente antes de levantá-la, ajudado por dois mestres em cantaria. Os três em silêncio a fixaram na entrada, defensora e guardiã, daí em diante, dos malefícios. Sob ela se guardariam amuletos, simpatias e seriam enterrados os umbigos dos recém-nascidos para que fossem apegados à casa paterna. Nela se pediriam graças e se dariam bênçãos nas partidas. Era no seu limiar que a mãe recebia, de volta dos braços da madrinha, a criança já batizada (CAMPOS, 2004, p. 09-10).

E falando em batismo, assim como todas as crianças que ali nasceram, a Casa também fora batizada ganhando o nome de Trindades: “Foi em junho, na Hora-Aberta e solene do toque das Aves-Marias [...] que fui batizada pela chuva repentina e alvissareira [...]. Sorvi e senti-me renascer. Encantei-me com aquelas gotas de água vindas do céu” (CAMPOS, 2004, p. 15). O foco do seu batismo, como em outras situações ao longo dos anos, é a superstição das horas do meio-dia e meia-noite, também conhecidas como Horas-Abertas, que segundo os antigos são as horas para pragas e rezas de grande força: “Meu dono falou aos homens sobre esta Hora-Aberta, a meridiana, hora sem defesa em que os demônios do meio-dia libertam-se. Hora

grave de ameaças, já que pragas e rogos são atendidos pelos céus” (CAMPOS, 2004, p. 10).

Camâra Cascudo em seus estudos sobre o folclore, superstições e impressões do povo brasileiro mostra no seu livro *Coisas que o povo diz* o que são essas Horas-Abertas e a hora meridiana do meio-dia:

As horas abertas são quatro: meio-dia, meia-noite, anoitecer e amanhecer. São as horas em que se morre, em que se piora, em que os feitiços agem fortemente, em que as pragas e as súplicas ganham expansões maiores. Horas sem defesa, liberdade para as forças malévolas, os entes ignorados pelo nosso entendimento e dedicados ao trabalho da destruição (CASCUDO, 2009, p. 49).

Encontramos nas próprias palavras da autora Natércia Campos que Luís de Câmara Cascudo foi sua grande inspiração, afinidade e influência: “Através de seus livros, aprofundi-me nos costumes, tradições populares, fábulas, cantigas, acalantos, assombros, jogos, danças de roda (a milenar ciranda), artesanatos, superstições de antigas culturas que nos procederam e as que nos colonizaram” (GUTIÉRREZ; MORAES, 2007, p. 37).

Câmara Cascudo, ainda em seu livro, nos mostra a definição de algumas superstições contidas ao longo da nossa narrativa estudada. Um exemplo forte é quando a Casa relata o fato de um homem ter que abraçar a bananeira para torná-la fértil, Cascudo nos diz que “[...] Certas árvores de fruto dependem de ser ou não tocadas ou tratadas por mulheres outras o plantio é privativo de um sexo [...] Outras espécies, como o mamão ou a babaneira, só o homem deve plantar e colher. Algumas devem ser abraçadas por homem para que frutifiquem” (2009, p. 98).

A própria Casa diz que “as superstições do além-mar, logo aliaram-se às que aqui existiam” (CAMPOS, 2004, p. 13). Uma crença que atravessa gerações e que também atravessou esse além-mar da narradora que remete a Portugal são as metamorfoses da Morte. A palavra metamorfoses é utilizada dentro da narrativa para demonstrar as facetas e as situações que a Morte se posta na vida dos humanos. Vida e Morte são tratados como entidades sobrenaturais que ganham espaço dentro da narrativa, até porque fazem parte da existência humana na terra. Cascudo fala: “O povo acredita que a Morte tenha forma e limitações somáticas” (2009, p. 105) e ainda ressalta que “A credence fixa um conceito popular sobre a personificação da Morte. (2009, p. 106).

A Morte é vista como aquela que invade as dependências da casa sempre com uma missão a realizar. Observemos a primeira vez que a Casa sentiu a sua visita:

Lembro-me da primeira vez, e havia de ser nas Trindades, quando Ela aqui chegara em missão. Uma das portas abriu-se sem que ninguém a empurrasse e nem a frágil aragem a tocasse. Os ventos haviam me alertado que a Morte assim entra nas casas quando, silenciosas e inexplicáveis, as portas se abrem (CAMPOS, 2004, p. 15).

Ela lhe daria o nome de Moça Caetana para designar-lhe o pavor e a sangrenta morte do sertão, como também em situações de mau agouro, vista na narrativa pela aparição e pio estridente da Rasga-Mortalha: “A crença agoureira da morte, pousou nesta terra sobre as asas da pequena coruja alvacenta, a rasga-Mortalha [...] Era esta coruja de canto lúgubre voar baixo e insistente sobre uma casa onde houvesse um doente de cama, para se acatar seu prenúncio.” (CAMPOS, 2004, p. 13).

Retornando ao pesquisador Câmara Cascudo, vejamos o que ele tem a nos dizer sobre isso:

Há uma família inteira que não merece relações de amizade. São as sisudas strix. Todas as corujas são da intimidade da Morte e se dão ao desplante de vir rasgar mortalha, quando o defunto ainda está vivo, ou piar-lhe à porta numa cantiga que é um arrepio sinistro. As penas da coruja, molhadas no próprio sangue e enterradas na soleira da porta ou morão da porteita do curral, afugentam fantasmas e anulam bruxarias (CASCUDO, 2009, p. 136).

No sertão a morte também vem acompanhada pelo flagelo da seca, que traz a fome como sua representante. Assim como a Morte possui um nome para designá-la, a fome é conhecida como a *Velha-do-Chapéu-Grande*, esta que assiste o padecer dos viventes e leva os sertanejos em tempo de seca a tornarem-se retirantes, deixando sua moradia e só voltarem quando os céus mandarem chuva. Tal situação também é percebida na narrativa, a Casa aos poucos fora entendendo o porquê de seu abandono: “Longo foi o tempo sem chuva e de estranha solidão de sons, pios e vozes. As cigarras eram as únicas a continuarem a cantar, chamando o sol e provocando o sono. Os vaga-lumes apagaram-se na Grande-Seca, e quando isto ocorreu, soube que fora abandonada.” (CAMPOS, 2004, p. 23)

Uma prática forte do sertanejo é o clamor aos santos. Em época de seca os homens rezam a seus protetores pedindo-lhes chuva, e as superstições são colocadas em prática para que tal pedido venha logo a se realizar. Notamos que a Casa faz referência aos ritos religiosos e que, de acordo com o tempo, o homem vem praticando superstições, chegando a modificá-las, mas permanecendo sua intenção. Podemos entender melhor tal ideia no trecho narrado pela Casa:

Os homens demoraram a infligir aos seus santos os maltratos de colocá-los ao relento, expostos à ardência e calor do sol para melhor sentirem o horror da sede, do flagelo da seca. [...] Se ela não caía, era castigo infligido por não respeitarem as leis divinas. Desde aí vem a colocação das seis pedrinhas de sal expostas e alinhadas ao relento no final do dia, véspera de Santa Luzia, a representarem os seis primeiros meses do ano. Na manhã seguinte, antes do sol esquentar, se as pedrinhas de sal não chorarem, é presságio de seca e, naquele ano, nenhuma se transmudara em aljôfar, em lágrima (CAMPOS, 2004, p. 14).

Percebemos que na narrativa muitos foram os santos rogados, porém três nutriam a esperança de mudança no tempo. No dia de São Vicente os homens atearram fogo em gravetos com intenção de espreitar os ventos e assim as fumaças se espalharem

como as águas, mas não aconteceu, a fumaça subiu linheira continuando sua empreitada. O dia de Nossa Senhora da Purificação, Nossa Senhora das Candeias, foi a segunda tentativa, rezavam à noite ascendendo velas à santa; neste mesmo dia tinham uma prática de batizar os pagãos e as crianças mortas, despejando águas nas suas sepulturas, porteiras dos currais e caminhos em forma de cruz. O dia de São José era a terceira e última tentativa de mudanças no tempo; sabiam que se não chovesse nesse dia seria tempo de seca e assim se fez. Padroeiro do Ceará e patrono da Igreja Católica, São José é visto, principalmente pelos nordestinos, como o santo para um bom período de chuva. Em várias tradições religiosas, trabalhadores da terra desenvolvem mitos, ritos e louvores a santos para conseguirem boas colheitas.

A Casa, assim como um humano, vai aprendendo as coisas pelo o que chega a ouvir e vivenciar por seus habitantes. Suas primeiras lições sobre manifestações religiosas veio do seu primeiro dono: “Aprendíamos com ele, por suas histórias, sobre os Santos do Dia, das estrelas cadentes que eram as lágrimas de São Lourenço, morto em braseiro de fogo ardente” (CAMPOS, 2004, p. 19); porém foi com Tia Alma, uma das moradoras da casa, que aprendera as histórias de vida dos santos, as superstições das almas penadas que vagueiam na terra e os períodos santos como a Quaresma, Semana Santa e Natal.

Em dezembro tia Alma era quem armava, em dois nichos próximos à lapinha, o presépio e o calvário, unindo nascimento e morte. Tinha saudade do detonar da pólvora nas ronqueiras e as melodias dos pífanos no Natal. Os seus santos do oratório, ela os amortilhava de roxo por toda a Quaresma, mas os deixava iluminados com a luz mortiça da lamparina de prata com azeite. Na noite de Sexta-feira da Paixão para o Sábado de Aleluia, nas doze badaladas da meia-noite, rezava de olhos fechados o Rosário das Alvíssaras para Nossa Senhora, pedindo graças pela ressurreição do crucificado, seu Bento Filho (CAMPOS, 2004, p. 29).

Tia Alma, a personagem de maior representação religiosa em toda narrativa, ganhara tal apelido dos sobrinhos por ser muito devota. Fora batizada de Maria por sua mãe e por possuir o nome santo e ter boa mão era destinada a tarefa de semear a horta. Ela esteve junto a Trindades por quase cem anos e por esse longo tempo demonstrou sua veia religiosa sempre ligada às superstições da terra: “Sorria tia Alma ao dizer que não se deve passar a mão nos cabelos ao despertar de um bom sonho, pois este virá a se perder, esfumaçado e esquecido nas voltas da memória” (CAMPOS, 2004, p. 27-28), e ainda dizia: “Não se deve pronunciar o nome de alguém que já morreu para não interromper seu repouso, fazendo-o voltar. Antes do nome ponham a palavra – finado -, pois ele ao ouvi-la saberá sua nova condição” (CAMPOS, 2004, p. 29).

Foi também no tempo de tia Alma que notamos as mudanças de costumes sentidas de geração a geração:

Noite de guarda ao morto, de choros e orações. Derramaram toda a água aqui

existente, a dos cântaros, gametas, jarras, cabaças, quartinhas, vasilhas, ancoretas e potes. Preceito dos antigos. Lei Velha, pois a alma do morto podia vir banhar-se e nelas o Anjo lavara sua espada percuciente. [...] Nas gerações seguintes o preceito de derramar as águas foi sendo esquecido e outros costumes surgiram, entre eles, os cantos entoados nos velórios diante do morto, as excelências, e o de cobrirem com crepes na primeira semana nos lutos e nas noites de trovoadas e relâmpagos o belo espelho oval, emoldurado por querubins, laços e folhas de acanto de madeira (CAMPOS, 2004, p. 30).

O belo espelho oval citado acima é uma das superstições fortes dentro da casa. Feito por um artesão chamado de o mago dos espelhos, chegou na Trindades já com a superstição que o seu criador não viu o próprio reflexo, sinal que a morte estava por vir. O espelho não é um mero objeto/refletor de imagens, em momentos-chave da narrativa percebemos que ele está sempre ligado à figura da morte, como na parte em que seu próprio criador não consegue ver seu refletor, o que anunciava a chegada de sua morte. Em alguns episódios, há o momento em que a Casa vê a entrada da Morte pelo espelho às vezes repentina e em outras demorada: “Presenciei durante várias gerações a chegada Dela abrindo portas, refletindo-se no grande espelho ao invadir meus espaços e muito aprendi sobre suas metamorfoses e disfarces” (CAMPOS, 2004, p. 17). E finalizando com a morte de Bisneto, o responsável por trazer o espelho a Trindades: “Ele a viu chegar pelo espelho. Seus olhos a fixaram levemente surpresos. Enfrentou-a sem medo. O espelho trincou de alto a baixo e só notaram quando mais velas foram acesas naquela sala onde o velaram.” (CAMPOS, 2004, p. 83).

Na cultura popular o espelho é sinal tanto de azar como de sorte, vejamos o que diz Chaves sobre essa questão:

Surgido na Itália, tal qual conhecemos hoje, o espelho é visto como algo mágico, aquilo que reflete a imagem do que somos. Associado à magia, muitos são os que creem que ele guarda todas as cargas positivas ou negativas adquiridas ao longo de sua existência e vislumbrado por ele. Tantos outros acreditam que quem o quebra, carregará consigo sete anos de azar; é consolo saber que se enterrados os cacos, o azar será enterrado com eles; absolvendo o indelicado que ousou quebrar (CHAVES, 2012, p. 33).

Para a Casa o espelho era também uma fonte de visão externa que, ao abrir portas e janelas, lhe dava a possibilidade de ampliar sua visão: “Nas noites do Senhor São João Batista, na sua festa de superstições, de plantas e águas purificadoras, as labaredas da fogueira dançavam no espelho, e quando portas e janelas eram cerradas, só a luz das velas e das candeias dava-lhe vida” (CAMPOS, 2004, p. 31); ou seja, a Casa só conhece o que se passava em seu interior, ficando a escutar o que dizem os Ventos e os outros contadores de histórias ao seu redor.

O tempo de Trindades durou alguns séculos, seus donos foram mudando e com eles o cuidado com sua estrutura: “Há muitos anos, quando fui doada de porta cerrada, o novo dono mandou ferrar o tabuado da minha grande porta com o seu ferro. Posse vã” (CAMPOS, 2004, p. 84). A mudança geográfica do sertão também é descrita: “O

sertão não era mais a vastidão de terras sem limites, começara a ser demarcado com cercas e arames farpados” (CAMPOS, 2004, p. 84); como também as atitudes humanas: “Muitos foram os que furaram meu chão, cavaram ao meu redor à procura de botijas” (CAMPOS, 2004, p. 84). Ao findar-se, a Casa encontra-se submersa no mundo das águas de uma bacia hidráulica, as mesmas águas aprisionadas do tempo de sua criação e que tanto sentia fazer parte.

2 | CONCLUSÃO

Ao transformar um espaço físico em moradia projetamos nele nossos sonhos, desejos e intimidade. A Casa, de Natércia Campos, não é diferente, porque além de sentirmos parte da narrativa por representar uma casa sertaneja, somos puxados a nos entrelaçarmos no seu tear de histórias fantásticas, envoltas nas crenças e superstições da cultura popular com apoio em ritos e manifestações religiosas.

Trabalhar com Natércia é tornar relevante como uma autora da “pancada do mar” consegue captar e transcrever os aspectos e detalhes de um sertão nordestino. É se deitar plenamente na rede de um alpendre e se debruçar ouvindo uma verdadeira contadora de histórias, estas histórias que, independente de onde morarmos, farão parte da cultura nordestina e será espelho para nossa literatura.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Natércia. **A Casa**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Coisas que o povo diz**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009.

CHAVES, Sérgio Wellington Freire. **Transculturalidade em solo sertanejo: aspectos da brasilidade no romance A Casa**. Dissertação (Mestrado em Letras), UERN, Pau dos Ferros, 2012.

GUTIÉRREZ Angela; MORAES Vera (Org.). **Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007.

NEVES, Orlando. **Dicionário de Superstições**. Portugal: Oficina do Livro, 2004.

JESUS CRISTO NO EPOS DA NAÇÃO

Ellen dos Santos Oliveira

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Letras

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001”.
São Cristóvão – Sergipe

RESUMO: Nesse artigo analisamos a presença dos feitos redentores de Jesus Cristo, e os referenciais simbólicos da tradição judaica – cristã, envoltos na edificação do epos da Nação por Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988), que se engajou na criação de um projeto político - literário voltado a narrar a Nação no século XX, projetando-se além dela e sob a ótica assumidamente cristã. Compreendem o corpus de nossa análise, as obras: Os ‘Gatos’ e o remédio (1949), Noite Feliz (1958), Súplica ao Negrinho do Pastoreio (1959), Cretino é quem toma de uma enxada (1960), Sepé - o morubixaba rebelde (1964) E Preto e Branco (1986). As metodologias utilizadas são a Análise Literária e Literatura Comparada. Por meio delas, apresentamos os aspectos épicos dessas obras, e propomos uma reflexão criticamente sobre questões envolvendo político e religião, desde o período colonial até a contemporaneidade do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Epos. Jesus Cristo. Fernandes Barbosa.

JESUS CHRIST IN THE EPOS OF THE NATION

ABSTRACT: In this article we analyze the presence of the redeeming deeds of Jesus Christ, and the symbolic references of the Judeo - Christian tradition, wrapped in the building of the nation ‘s epos by Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988), who engaged in the creation of a political project. - literary narrative focused on the Nation in the twentieth century, projecting beyond it and under the admittedly Christian perspective. Understand the corpus of our analysis, the works: ‘Cats’ and the medicine (1949), Happy Night (1958), Supplication to the Negrinho do Pastoreio (1959), Cretino is the one who takes care of a hoe (1960), Sepé - o rebel morubixaba (1964) and Black and White (1986). The methodologies used are Literary Analysis and Comparative Literature. Through them, we present the epic aspects of these works, and propose a critical reflection on issues involving politics and religion, from the colonial period to the contemporary author.

KEYWORDS: Epos. Jesus Christ. Fernandes Barbosa.

1 | INTRODUÇÃO

A presença de Jesus Cristo nas identidades épicas dos heróis nos poemas de Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988) se institui como um dos feitos sublimes mais gloriosos na consagração dos épicos. Nas obras – *Os ‘Gatos’ e o remédio (1949)*, *Noite Feliz (1958)*, *Súplica ao Negrinho do Pastoreio (1959)*, *Cretino é quem toma de uma enxada (1960)*, *Sepé - o morubixaba rebelde (1964)* e *Preto e Branco (1986)* – Cristo não só está presente como tem uma aura simbólica sobrenatural na identidade dos heróis épicos.

Além dos sete épicos que compõem o corpus da proposta de análise, cuja eleição decorreu por meio do reconhecimento dos aspectos épicos e do simbolismo tocante a Jesus Cristo, aprecia-se, dentre a obra lírica do poeta, 68 poemas que referenciam explicitamente a Deus, a Jesus Cristo, e outros referentes da tradição judaica - cristã e símbolos religiosos. Importa pontuar que contemplamos poemas que fazem intertextualidade por meio de referentes explícitos, ou seja, até o momento da pesquisa não nos debruçamos para averiguar e analisar aqueles que permitem uma leitura intertextual implícita, estilística ou temática.

Nota-se nesses poemas, que de modo semelhante ao que guiou o Senhor Jesus escolheu pessoas pobres, loucos, frágeis, miseráveis e marginalizadas de seu tempo para torná-los heróis epopeicos, poderosos e ricos pela fé, Fernandes Barbosa acolhe personagens desvalorizados, segregados e oprimidos –, tais como: crianças, negros, índios, trabalhadores, geralmente pobres e silenciados socialmente, – para torna-los heróis épicos de seus poemas. Aliás, são associados à imagem de Jesus que eles têm seus heroísmos consagrados e superam as crises da condição humano – existencial.

Vale lembrar que o cenário mundial no século XX estava estritamente abalado por guerras e crises generalizadas que atingiram o Brasil e serviram como fontes históricas na maioria dos poemas épicos de Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988) que viveu em um período marcado por duas catastróficas guerras mundiais: a primeira, de 1914 a 1918; e a segunda, de 1939 a 1945. E nesse contexto, o drama do Holocausto nazista (1933 – 1945). Já no cenário brasileiro, duas ditaduras: a do Estado Novo (1937-1945) e a Civil - Militar (1964-1985).

Expondo algumas linhas bibliográficas, acentua-se que: Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988) foi poeta, cronista, contista, jornalista, advogado e servidor público. Além das obras que compõe o corpus literário dessa tese, há outras obras, como: *Frutinha proibida (1938)*, *Minhas flores de Jacarandá (1944)*, *Carreirada (1954)*; *Esbôço de uma época (1987)*; *Figurinhas do Bazar (1956)*, *Tradição Relambória (1984)*, *Trovas ao vento (1986)*, Sonetos do cotidiano (?) entre outros poemas em antologias, inéditos e esparsos. Suas obras encontram-se disponíveis nas versões originais encontradas no Museu de Cachoeira do Sul-RS, familiares e amigos.

Pensando nas características do Modernismo, percebe-se em sua obra: a concisão; o realismo social; a tematização do cotidiano; a crítica social; a valorização

do trabalhador, bem como do negro, do índio, do caboclo; a linguagem híbrida, entre a coloquialidade e o erudito; a preocupação com o caos humano existencial da modernidade; o regionalismo; os estrangeirismos; a intenção de internacionalização do regional; entre outros.

Quanto à temática lírica religiosa, em seus poemas apreendemos algumas atitudes e características, tais como: reverência e submissão somente a Deus; crítica à igreja e ao cristianismo, enfrentar, ironizar, satirizar e ridicularizar autoridades religiosas; leitura crítica do sincretismo religioso; leitura crítica do marxismo e da teologia da libertação dentro da igreja; a literatura como forma de praticar o evangelho e combater o mal; linguagem poética semelhante à oração; referência explícita e implícita a personagens, símbolos, acontecimentos e ideias bíblicas.

O signo de Jesus está presente em uma parte expressiva de sua obra e em todos os poemas épicos. Neles, percebe-se a busca espiritual pela conciliação do homem com Deus, através da oração que é uma constante em sua lírica: seja referindo explicitamente; seja no comportamento do poeta ou na voz engajada do eu-lírico quando se manifesta no poema dialogando com a personagem e, mesmo sendo esse humano, o exalta com os atributos e feitos incorporados do signo Divino, principalmente o episódio da crucificação e da ressurreição que acabam sendo decisivos na definição do heroísmo e do maravilhoso épico.

Em nossa análise e no que diz respeito ao Gênero Épico, consideraremos as teorias contemporâneas desenvolvidas por Anazildo (1984), Ramalho e Silva (2007; 2015), Silva (2012), Ramalho (2004, 2013; 2017) e as reflexões teóricas de Neiva (2009; 2012), Mesa Gancebo (2009), entre outros. Em relação às classificações referentes aos planos literários, históricos, maravilhosos, proposição, invocação, divisão em cantos, e heroísmo épico, adotaremos as classificações sugeridas por Ramalho (2013), em *Poemas épicos: estratégias de leituras*.

Em relação às reflexões teóricas sobre intertextualidade e referenciação contaremos com as contribuições teóricas de Silva (1999) e Huthceon (1991), e Koch (1991, 2007, 2009). Já sobre o double coding, ou ironia intertextual, que envolve o conceito de intertextualidade e ironia, pensamos a partir de Eco (2003).

2 | JESUS CRISTO NO EPOS DE OS 'GATOS' E O REMÉDIO (1949), DE FERNANDES BARBOSA

Em *Os 'Gatos' e o remédio* (1949) identifica-se o apego com o Divino como uma forma de combate e superação do fascismo, do nazismo, do roubo, da corrupção, da miséria, da fome, da violência, entre outros problemas que causam as mazelas físicas e espirituais do homem do século XX. O eu-lírico compartilha a crença de que a regeneração humana dos maus políticos e daqueles que praticam o roubo e a corrupção só é possível através da intervenção Divina.

Embora classificado como livro de poemas, em nossa leitura conseguimos

identificar aspectos épicos na obra. Assim, consideramos que os sonetos e as sextilhas que compõe *Os 'Gatos' e o remédio* (1949) constroem uma estrutura épica fragmentada em comparação à epopeia clássica, relatando e delatando, em dupla instância de enunciação (a lírica e a narrativa), o Brasil pós-guerras e ainda sobre o influxo decorrente da crise financeira, política e espiritual do Estado Novo.

Como épico, a obra apresenta uma divisão, em canto, inventiva e híbrida, temática e simbólica, dividida em duas partes nomeadas como: “1ª Parte - Os 'Gatos' e o remédio” ; e “2ª Parte – Conselhos a honesto Pato”. Uma obra com múltiplas proposições, cujo centramento temático tem enfoque no plano histórico e conteúdo referencial, com várias referências a acontecimentos históricos e personalidades políticas. Identifica-se duas invocações convocatórias, uma pátria direcionada ao General, outra Cristã e direcionada ao Senhor, ambas mescladas à proposição logo na primeira parte. Ou seja, à medida que o eu-lírico apresenta a matéria épica, invoca ao General e ao Senhor em busca de solução para a crise generalizada.

Sobre o plano histórico, ele se apresenta de forma fragmentada elaborado a partir de um conteúdo especificamente histórico construído a partir de fontes referenciadas ao contexto histórico do Brasil no século XX e seu envolvimento com a corrupção internacional decorrente das Guerras mundiais. Dessa forma, o poema permite uma leitura intertextual entre a Literatura e a História política do século XX.

Nessa leitura, percebe-se que o plano histórico é composto por fontes literariamente elaboradas, cujo plano literário valoriza a linguagem lírica simbólica em que se reconhece a voz engajada de um eu – lírico / narrador que se apresenta: ora revoltado com as mazelas humanas; ora descrente com os políticos; ora sensibilizado com o povo vitimado pelos corruptos. No entanto, apesar de sua revolta, o eu – lírico / narrador busca por meio da oração o equilíbrio na busca por Deus e, por meio da fé, crê na regeneração dos políticos corruptos. Como se percebe em “Oração dos pobres”, cujo fragmento é citado abaixo:

VÓS que governais as terras e os oceanos,
Fazendo do mundo um brinquedo nas mãos,
Guiai, Senhor, os gatunos deshumanos,
Pelo caminho da regeneração. (...)
(FERNANDES BARBOSA, 1949, p.11)

Assim sendo, *Os 'Gatos' e o remédio* (1949) é um épico que narra a nação do século XX, e enxerga as consequências da crise decorrente das guerras mundiais e da corrupção durante o Estado Novo como um maldição semelhante à que Cristo teve que vencer no Calvário.

Na primeira parte, o povo é associado à ovelha ou cordeiro sacrificial que enfrentam um deserto e um calvário. Ou seja, percebe-se à crítica satírica do poeta ao associar o heroísmo do povo aos feitos redentores de Cristo, pois, por meio do *double*

coding, ou ironia intertextual, denuncia que o povo estava sendo sacrificado de modo semelhante ao do Messias que foi sacrificado por causa da corrupção dos políticos.

Na segunda parte, o heroísmo é construído em torno da imagem simbólica do Pato que é silenciado e separado do cenário de roubo e de corrupção, apresentado na primeira parte. Nesse cenário, o eu – lírico / narrador dialoga intimamente com ele apresentando propostas absurdas e antiéticas a fim de testar a honestidade do Pato que, pelo seu silenciamento e sua resistência às propostas do tentador, aparenta uma imagem santificada comparada aos outros personagens desse ambiente caótico.

Ao final do épico, o eu – lírico / narrador atribui heroicidade a todos que se identificam com o Honesto Pato, apresentando-o como exemplo de honestidade. Assim sendo, como afirma o poeta em texto de apresentação, herói é “todo aquele que se preocupa com o estado de miséria do povo brasileiro” (p.13). Em síntese, podemos afirmar que o heroísmo consiste no engajamento político e na busca pelo Divino, no cultivo de um pensamento que busque soluções para os problemas sociais da Nação e na busca por uma conduta ética e moral incorruptível.

3 | JESUS CRISTO NO EPOS DE NOITE FELIZ (1958), DE FERNANDES BARBOSA

Em Noite Feliz (1958) identifica-se Jesus Cristo nascido homem no psicológico da “garota”, personagem anônima e principal na narrativa. Cristo passa a fazer parte de sua identidade por meio do signo da viagem heroica através do sonho e vivenciando o nascimento do menino Jesus. O poema está escrito em um canto único, ou seja, não apresenta divisão em cantos.

Em relação ao plano histórico, ele é construído numa perspectiva fragmentada e em uma narrativa psicológica, pois a maior parte se passa no sonho. O poema é construído a partir de um conteúdo histórico com uma temática famosa, consagrada mundialmente, e compartilhada pelo cristianismo, que é a noite do Natal, na qual celebra-se pela tradição religiosa o nascimento do Messias tão esperado. Vejamos essa cena no relato épico:

Em longínqua estrebaria,
Ao doce olhar de Maria
E de São José também,
Sorrindo nasce o Menino,
Que traz do mundo o destino,
A começar de Belém.
(Fernandes Barbosa, 1958)

Percebe-se no plano maravilhoso uma imagem mítica literariamente elaborada em um plano literário, cuja narração revela a voz engajada do eu-lírico que participa da matéria quando, ao final do poema, revela que o sonho não foi arquitetado pela garota, mas contada pelo poeta indiscreto. Fazendo-nos lembrar da tradição popular

de contação de histórias, em uma narrativa lírica cuja linguagem é híbrida e vai do erudito ao popular, adequa-se à linguagem infantil que é reforçada pelos tratamentos diminutivos dos adjetivos.

Em relação ao heroísmo, a garota transita do plano histórico para o maravilhoso, partindo do cotidiano da noite natalina de uma criança que realiza um percurso cíclico, transitando da realidade para o sonho e, ao acordar, retorna ao mundo real. Temos assim, um épico infantil, cujo texto demonstra a intenção de aproximar as crianças de Jesus Cristo.

4 | JESUS CRISTO NO EPOS DE SÚPLICA AO NEGRINHO DO PASTOREIO (1959), DE FERNANDES BARBOSA

Súplica ao Negrinho do pastoreio (1959) é um poema em que o autor dá um tratamento épico à lenda Rio Grandense do Negrinho do Pastoreio. Uma lenda crioula e cristã, nascida da memória popular, das lembranças dos campeiros, em que é narrada com terror e crueldade a morte de um menino negrinho, vítima dos castigos da escravidão. O mito reflete o meio pastoril, o poder e a religiosidade. O Negrinho do Pastoreio é considerado santo pela igreja católica, e a valorização da memória do mito vai desde a recontação cultural e literária da lenda à homenagem pública em forma estátua no Rio Grande do Sul.

Em relação aos aspectos épicos do poema de Fernandes Barbosa, notamos uma divisão em canto inventiva, dividida em duas partes: a lenda e a súplica. Trata-se de uma divisão de função espacial, pois está centrada no espaço psicológico do autor, em um enredo construído misturando a interpretação que o autor faz da memória popular da lenda e da súplica do eu-lírico sensibilizado com o sofrimento do menino negro. Identifica-se no poema, uma intenção de invocação multireferencial, mesclada à dedicatória ao povo do Rio Grande, com conteúdo convocatório:

Ah! se eu rezasse, negrinho!
Ao Divino Menininho
Do tal José Carpinteiro,
Eu rogaria de joelhos
Que não mais houvesse rêlhos,
Nem morresse mais pretinho
À boca de formigueiro.
(...)
Traze-me, negrinho, a vela...
Quero ir a uma capela
E rogar que Deus nos mande,
NEGRINHO DO PASTOREIO
Pra juntar num só rodeio
Todo o povo do Rio Grande.
(FERNANDES BARBOSA, 1959, p.40 - 41)

O plano histórico é apresentado em uma perspectiva fragmentada, a partir de flashes da memória e intromissões psicológicas da evasão lírica. Nele reconhecemos as fontes explicitamente referenciadas a “Jesus Cristo”, a “José Carpinteiro”, a “Nossa senhora”, etc. Estabelecendo um diálogo intertextual com a tradição judaica – cristã, a fim de criar uma identidade correlacional a partir da fusão da cultura negra com a cultura judaica permitindo interpretar o “negrinho do pastoreio”, não apenas no contexto da escravidão dos negros no período colonial, mas também como uma metonímia dos negros e dos judeus vítimas do Holocausto nazista (1933-1945), no contexto das guerras mundiais. Nesse sentido: na dimensão explícita, o épico dialoga com a história colonial brasileira, lembrando as crueldades do tempo da escravidão; na dimensão implícita, percebe-se o diálogo com a História do Holocausto nazista no século XX.

Em relação à elaboração do plano maravilhoso, o poeta utilizou fontes míticas tradicionais da lenda do negrinho, resgatada da cultura popular, e a história de Cristo da tradição judaica - cristã. Já no que diz respeito ao plano literário, o relato épico é construído em torno da linguagem híbrida, mesclando a lírica e a simbólica, com traços de oralidade e com marcas de vários regionalismos, tais como do Rio Grande do Sul, Pernambuco, e São Paulo. Nesse relato, a voz do eu-lírico é engajada na causa e no sofrimento do “negrinho do pastoreio”, com o qual se identifica ao ponto de se colocar no lugar do herói judiado pela vida.

Quanto ao heroísmo, o “negrinho do pastoreio” é um herói mítico individual que transita do plano histórico para o maravilhoso, em uma narrativa marcada pelo relato da viagem heroica do negrinho em busca do cavalo, enfrentando, com uma “fé inquebrantável”, um cenário espiritual carregado de tristeza, sofrimento, dor, injustiça e maldades do patrão e seu filho. Temos a consagração do herói quando o “negrinho judiado”, após três dias de morto à chibatadas, e depois de ter seu corpo, em forma de cruz, lançado ao formigueiro realiza o feito redentor de Cristo ao ser visto ressuscitado.

5 | JESUS CRISTO NO EPOS DE CRETINO É QUEM TOMA DE UMA ENXADA (1960), DE FERNANDES BARBOSA

Em Cretino é quem toma de uma enxada (1960), temos uma longa procissão da “marcha batida dos calvários” dos trabalhadores para conseguir empréstimo no Banco do Brasil. Um assunto do cotidiano da vida do poeta que ganha um tratamento épico com os trabalhadores associados por metonímia a Jesus, mostrando que “a vida é um perfeito corredor” e lembrando, pelo viés do comparatismo pela diferença, a corrida cristã para a salvação da qual nos fala Paulo, quando afirma “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Timóteo, 4:7, p. 1592), diferente de Paulo que comemora a vitória na fé, o eu lírico lamenta e satiriza, descrente, o fato dos trabalhadores rurais serem tratados como “boi sacrificial”, aludindo a Jesus

Cristo o “Cordeiro sacrificial”, pelos políticos nacionalistas ou “patriotas artistas”. Assim lamenta em canto épico a voz do homem rural:

Que suador, meu Deus! Meu Deus, que suador!
A vida é um perfeito corredor
Pra quem a trabalhar nela se mete...
Quem trabalha e produz nesse País,
Do corredor jamais tira o nariz
E mais se aperta como boi no brete.
(FERNANDES BARBOSA, 1960)

Em relação aos aspectos épicos, o poema apresenta uma proposição não nomeada integrada à primeira estrofe de um canto único, com enfoque no plano histórico e um conteúdo referencial. A história é contada em uma perspectiva linear, relatando o percurso da viagem dos trabalhadores rurais até o Banco do Brasil. Ou seja, um conteúdo especificamente histórico, com fontes especificamente referenciadas aproveitadas da história de vida do autor.

No plano maravilhoso, as fontes das imagens míticas são literariamente elaboradas, a partir da referência ao “Calvário” – lugar de morte e sacrifício de Cristo – que é incorporada à identidade heroica dos trabalhadores. Sobre o uso da linguagem, no plano literário, o poema é predominantemente narrativo com trações de oralidade, e bem próximo da linguagem da “peonada”, na voz engajada do eu-lírico / narrador. A construção do heroísmo se dá em torno dos trabalhadores rurais, homens do campo, assim como o poeta que foi reconhecido como representante da classe dos orizicultores de Cachoeira do Sul. Temos um heroísmo mítico coletivo, cujo enfrentamento épico que consagra os heróis é construído durante o percurso cíclico das “machas batidas do calvário” e dos feitos redentores, pois Cristo também “marchou” até chegarem ao local da crucificação. No épico, Jesus Cristo é identificado como homem pobre e trabalhador.

6 | JESUS CRISTO NO EPOS DE SEPÉ – O MORUBIXABA REBELDE (1964), DE FERNANDES BARBOSA

Dos poemas longos do poeta, Sepé – o morubixaba rebelde (1964) é o maior, seja em extensão da estrutura métrica, seja na elaboração dos planos literários, históricos e maravilhoso, em que se percebe uma riqueza de fontes culturais e históricas. O épico apresenta proposições múltiplas, com enfoque na figura do herói Sepé Tiaraju e um conteúdo referencial.

O poema está construído em uma divisão inventiva, com oito partes, escritas em “Tábuas” e que tem função episódico-narrativa. No plano histórico as fontes explicitamente referenciadas no corpo do poema, e no paratexto que mostra a bibliografia, histórica e literária, consultada pelo autor. A história é contada em uma

perspectiva linear, seguindo a ordem da história oficial dos acontecimentos históricos, que são a disputa por terra entre as tropas luso – espanholas e o enfrentamento dos índios catequizados pelos jesuítas e liderados por Sepé no episódio dos Sete Povos das Missões. Temos, portanto, um conteúdo especificamente histórico.

Na elaboração do plano maravilhoso o poeta recorre à fonte mítica tradicional, ao resgatar a imagem do Sepé da tradição popular, literária e histórica. No plano literário reconhecemos a voz engajada do eu-lírico que se demonstra íntimo de Sepé, dialogando com o personagem.

Quanto ao heroísmo é evidente a intenção do autor em não deixar dúvidas sobre o heroísmo do Sepé Tiaraju, o “inconfundível guasca do torrão”. Porém, quando ele associa Sepé a Moisés – líder, gago, legislador, procurado por assassinato – e os índios, ao povo israelita, atribui uma aderência mítica cristã a uma coletividade. Ou seja, trata os índios como o povo de Israel que, segundo a Bíblia, é a Nação Santa escolhida por Deus. E também o associa a Jesus Cristo, pois assim como o messias o índio foi condenado a uma cruz por causa da ambição dos políticos e dos religiosos:

Teus santos eram bons e milagrosos,
Mas dêles se esqueceram os poderosos,
Te condenando ao peso dessa cruz,
E pondo à calva as garras miseráveis,
Talvez aquelas mãos abomináveis,
Que ergueram troncos pra surrar Jesus.
(sic. FERNANDES BARBOSA, 1964, p.49)

Além do protagonismo do Sepé Tiaraju – que realiza um feito redentor semelhante ao de Cristo quando, após três dias de morto, é visto ao céu em forma de estrela, servindo de guia para os índios, crença compartilhada até os dias atuais, – identifica-se a ação heroica dos índios, associado ao povo de Israel, porém diferente do êxodo bíblico em que migravam para a terra farta que manava leite e mel, a Canaã prometida, os guaranis viram-se diante da injusta migração forçada de suas terras e a resistência resultou na chacina de mil e quinhentos índios guaranis.

7 | JESUS CRISTO NO EPOS DE PRETO E BRANCO (1986), DE FERNANDES BARBOSA

Em Preto e Branco (1986) o poeta repete o feito de resgatar a lenda do “negrinho do pastoreio” que ele usou em sua Súplica ao negrinho do Pastoreio (1959) e outro poema lírico com o título homônimo. Nesse épico de 1986, o poeta parte da história do negrinho para dá ênfase à História do negro no Brasil relacionando-a à lenda do negro João Cândido, ou Almirante Negro, conhecido na História oficial como Zumbi dos Palmares, tal como é referenciado no épico.

Embora o poeta classifique Preto e Branco (1986) como livro de poemas, lendo-o

como um todo e não por partes fragmentadas, é possível identificar nele aspectos épicos. A obra remete a dois momentos traumáticos da história do negro Brasil-Nação: o período escravocrata, no século XIX, e a Revolta da Chibata (1910) no século XX. Na primeira parte temos o negro submisso ao patrão, na segunda temos o negro revoltado na Marinha, ambos carregam sua cruz e morrem chicoteados, tal como Jesus Cristo. Sobre a cruz do “negrinho do pastoreio”, o eu – lírico / narrador lamenta:

Somente, negrinho, agora,
Talvez por Nossa Senhora,
A santa Mãe de Jesus,
O mundo acorda do sono
E os homens descem do trono,
Pensando na tua cruz.
(FERNANDES BARBOSA, 1986,)

Em relação ao João Candido, o eu-lírico / narrador, fundindo as duas lendas em um relato fragmentado, relata:

Em Rio Pardo, aqui pertinho,
Também nasceu um negrinho,
Pra sofrer no cativeiro...
Quase igualzinho ao lendário,
Que teve cruz e calvário
E morreu num formigueiro.
(FERNANDES BARBOSA, 1986, p.27)

E trazendo à memória a História Revolta da Chibata (1910):

Quando julgava a Nação
Já abolida a escravidão,
Sem mais amo e sinhazinha,
Dos velhos navios negreiros
A chibata e os chibateiros
Imperavam na Marinha.
(FERNANDES BARBOSA, 1986, p.31)

Em Preto e Branco (1986), identifica-se uma divisão em cantos inventiva com função híbrida: com duas, partes episódico-narrativa e, também, temáticas; e duas partes lírica simbólica, onde o negro já é tratado no sentido coletivo e sem desejo de vingança em relação ao colonizador, pois doa seu coração ao homem branco. No plano histórico as fontes estão explicitamente referenciadas, de conteúdo histórico, narrado em uma perspectiva fragmentada. As fontes que compõem o plano maravilhoso são imagens míticas tradicionais, o Negrinho do pastoreio, da tradição popular, e João Cândido, da tradição popular e histórica, e Jesus Cristo da tradição judaica - cristã.

No plano literário, o poeta utiliza uma linguagem híbrida: nas duas primeiras partes, predomina o tom narrativo, em forma de sextilhas; nas duas últimas, sobressai a lírica simbólica, em forma de sonetos.

Em relação ao heroísmo, podemos dizer que o negro, em sentido coletivo, é considerado herói histórico coletivo metonímico híbrido, criado a partir da relação entre as imagens míticas: do “negrinho do pastoreio”, de João Candido, e de Jesus Cristo. Uma vez que ambos realizam feitos redentores semelhantes ao de Jesus Cristo. Logo, os “negros”, como herói coletivo, assim como o Messias, carregam suas cruzes e morrem chicoteados e condenados ao calvário por religiosos e políticos de seu tempo. Apesar da leitura crítica e satírica que o poeta faz da colonização, ao fim de *Preto e Branco* (1986) o negro perdoa o colonizador, lembrando a doutrina cristã que exorta acerca do dever de perdoar e amar o inimigo. Enfim, no épico tudo termina em samba tal como iniciou a História da Nação brasileira.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pontua-se a importância de realização de estudos que objetivem a realização de análise individual dos aspectos épicos de cada obra literária aqui abordada, bem como a análise comparada dos textos literários com o texto bíblico a fim de compreender como mais aprofundamento crítico e teórico: o *double coding* na utilização do signo de Jesus Cristo como definição do epos da Nação; percebendo também, como se efetua o diálogo entre a Literatura e a Bíblia; e que reflexões estéticas, sociais, políticas e culturais levantam a partir da aproximação do humano com o Divino. Ou seja, proponho o desenvolvimento de pesquisas semelhantes à que estamos fazendo na tese de doutorado “Jesus Cristo no epos do negrinho do pastoreio: o *double coding* em **Súplica ao negrinho do pastoreio** (1959), de Fernandes Barbosa”.

No mais, partindo das breves notas feitas sobre a presença de Jesus no epos da Nação, – tomando como corpus literário *Os ‘Gatos’ e o remédio* (1949), *Noite Feliz* (1958), *Súplica ao Negrinho do Pastoreio* (1959), *Cretino é quem toma de uma enxada* (1960), *Sepé - o morubixaba rebelde* (1964) e *Preto e Branco* (1986) – conclui-se que Nilo Fernandes Barbosa (1910-1988) engajou na militância intelectual das Letras com objetivos específicos voltados em narrar a História da Nação e, partindo dessa narrativa, estabelecendo diálogos com a História da Humanidade de forma universal.

REFERÊNCIAS

Obras originais do autor / documentos literários impressos com anotações manuscritas:

FERNANDES BARBOSA. **Os “Gatos” e o remédio**. Original do autor. Cachoeira do Sul-RS: Sociedade Gráfica LTDA, 1949.

_____. **Súplica ao Negrinho do Pastoreio**. 1.ed. Original do autor. Santa Cruz-RS: Tipografia Santa Cruz, 1959.

_____. **Sepé, o morubixaba rebelde**. 1.ed. Original do autor. Porto Alegre - RS: Tipografia Santo Antônio – Pão dos pobres, 1964.

_____. **Preto e Branco**. 1.ed. Original do autor. Rio Grande do Sul: Editora Gráfica MetrÓpole S.A., 1986.

Obras originais do autor / documentos literários manuscritos e datiloscrito:

FERNANDES BARBOSA, Nilo. **Noite Feliz**. Original do autor, datiloscrito. In. Documentos do autor. Cachoeira do Sul- RS: Museu Edyr Lima, 1958.

_____. **Cretino é quem toma de uma enxada**. Original do autor, capa manuscrita, miolo datiloscrito. In. Documentos do autor. Cachoeira do Sul- RS: Museu Edyr Lima, 1960a.

_____. **Cretino é quem toma de uma enxada**. Original do autor, datiloscrito. In. Documentos do autor. Cachoeira do Sul- RS: Museu Edyr Lima, 1960b.

_____. **Bandeira do divino**. Original do autor, datiloscrito. In. Documentos do autor. Cachoeira do Sul- RS: Museu Edyr Lima, (Ano?).

Demais Referências:

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição corrigida e revisada, fiel ao texto original. Anotações de fé de Edir Macedo. Editora Horebe: São Paulo, 2017.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

ECO, Humberto. **Obra Aberta**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1968.

_____. **A ironia intertextual e níveis de leitura**. In. Sobre a literatura. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. Tradução Adail Ubrajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade e polifonia**: um só fenômeno? D.E.L.T.A. 7 (2): 529-541, São Paulo: EDUC, 1991.

_____. **O texto e a construção de sentidos**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, A.C. ; CAVALCANTI, M.M. **Intertextualidades**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: história, teoria e crítica. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2010.

OLIVEIRA, Ellen. **O herói Sepé em duas versões**: O Uruguai e Sepé, o morubixaba rebelde. Dissertação de mestrado. São Cristóvão - SE: Universidade Federal de Sergipe. 2016.

RAMALHO, Christina. **Poemas Épicos**: estratégias de leitura. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da Epopéia Brasileira: teoria, crítica e percurso**. Vol-1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____. **História da Epopeia Brasileira: da origem ao século XVIII**. Vol-2. Aracaju: Artner, 2015.

LITERATURA E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS: DO CBC (CONTEÚDOS BÁSICOS COMUNS À BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR))

Simone Maria de Oliveira Coelho e Sales

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional – PPGEd/UFVJM
Araçuaí - MG

Lucas Leal Teixeira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG Araçuaí - MG

Juliana de Almeida Pereira e Santos

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG Araçuaí - MG

Noemi Campos Freitas Vieira

Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional – PPGEd/UFVJM

RESUMO: A função da leitura literária é amplamente reconhecida como de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo como um todo, e em especial, de sua capacidade crítico reflexiva. A concepção da importância do texto literário na escola possibilita práticas de sala de aula voltadas para o letramento dos alunos de modo a aprimorar as aptidões mais consideráveis para atividades sociais e interativas. Entretanto, é notório o pouco espaço dado à literatura nas abordagens dos Documentos Oficiais, como os CBC e a BNCC. O primeiro menciona muito pouco sobre a literatura na escola, o segundo faz referência

à leitura literária apenas no excerto relativo à leitura quando a literatura passa a ser associada a outras atividades. Dessa forma, não há um destaque à formação de leitores de literatura como algo fundamental na formação do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura literária. CBC. BNCC.

LITERATURE AND PEDAGOGICAL CONCEPTIONS: FROM CBC (COMMON BASIC CONTENTS TO BNCC (CURRICULAR COMMON NATIONAL BASE))

ABSTRACT: The function of literary reading is widely recognized as of great importance for the development of the individual as a whole, and in particular of his reflective critical capacity. The conception of the importance of the literary text in the school enables classroom practices aimed at the literacy of students in order to improve the most considerable skills for social and interactive activities. However, the limited space given to the literature in Official Document approaches such as CBC and BNCC is notorious. The first mentions very little about literature in school, the second refers to literary reading only in the excerpt related to reading when literature becomes associated with other activities. Thus, there is no emphasis on the formation of readers of literature as something fundamental in the formation of the subject.

KEYWORDS: Literary Reading. CBC. BNCC.

1 | INTRODUÇÃO

Há uma frase corrente segundo a qual em educação existem três instâncias: “o escrito, o dito e o feito”. Aqui transcrevemos sem a devida referência, já que a frase parece ter sido cunhada e gasta pelo uso. Dito isso, ela se aproxima daquilo que pretendemos enfatizar: a presença de documentos oficiais para e na escola (“o escrito”); os quais reproduzem certo discurso (“o dito”), que dão margens aos mais variados fazeres pedagógicos (“o feito”).

2 | O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A PRESENÇA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR - CBC

No Brasil, desde 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s são diretrizes desenvolvidas pelo Governo Federal a fim de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais referentes a cada disciplina. Seu propósito é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. Esses documentos servem como norteadores para professores, coordenadores e diretores, que podem adaptá-los às peculiaridades locais.

Em relação à formação de leitores, os Parâmetros Curriculares apresentam o terceiro e quarto ciclos como o período que se considera decisivo no desenvolvimento do sujeito leitor, pois é no decorrer desses ciclos que muitos alunos ou deixam de ler, por não considerarem-se capazes de retribuir às exigências de leitura apresentadas pela escola, ou buscam os métodos construídos nos ciclos anteriores para lidar com os desafios apresentados pela leitura, com autonomia cada vez maior. Dessa forma,

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (BRASIL, 1998, p. 70).

De acordo com a orientação dos PCN’s (BRASIL, 1998), a questão do ensino da leitura literária compreende o exercício de análise das peculiaridades e das propriedades compositivas que diversificam um tipo particular de escrita. Ainda de acordo com o documento, é função da escola formar leitores aptos a identificar as minúcias, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade do fazer literário.

A maioria das crianças e jovens brasileiros não tem acesso a textos/obras literárias em outros espaços a não ser no ambiente escolar. Mesmo assim, de acordo com os PCN’s (1998), “a escola é o único espaço que pode proporcionar acesso a textos escritos,” e ainda ressalta a questão de que esses textos se transformam “em

modelos para a produção.” (BRASIL, 1998, p. 26). As dificuldades para fazer do aluno um leitor, ou seja, formar leitores, não poderão ser compreendidas exclusivamente no sentido de que o aluno seja incapaz de apropriar-se do texto literário, pois é importante observar que tais dificuldades podem ser oriundas da maneira com que as práticas pedagógicas ocorrem, estas não estão sendo efetivas a ponto de estimular nesses alunos o desejo pelo texto literário.

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27).

A concepção da importância do texto literário na escola possibilita práticas de sala de aula voltadas para o letramento dos alunos de modo a aprimorar as competências mais consideráveis “[...] para as atividades sociais, interativas e de encantamento (atividades de fala, escuta, leitura, escrita, análise).” (GAINOUX, 2014, p. 498).

Os Currículos Nacionais chamam a atenção para que se observe a questão do uso da linguagem como prática discursiva, o texto e a gramática como unidade de ensino ligadas ao conhecimento que o indivíduo apresenta em relação ao seu dialeto, e as atividades propostas em Língua Portuguesa que estão pautadas apenas em questões discursivas sempre voltadas para leitura e escuta de textos orais e/ou escritos. No entanto, espera-se com isso possibilitar, através da reflexão sobre todos esses aspectos envolvidos, a construção de uma bagagem necessária para que o aluno consiga desenvolver-se e entender com proficiência o mundo feito linguagem.

De acordo com esses Parâmetros Curriculares a escola deve estabelecer estratégias metodológicas apropriadas para trabalhar o texto literário que na maioria das vezes se prendem apenas ao livro didático, sem deixá-los servir de instrumento para outras questões que não fomentam a formação do leitor literário.

As estratégias de leitura mencionadas nos PCN's (1998) permitem a compreensão de que esses procedimentos possam levar o leitor à aquisição da proficiência. A forma de usar essas estratégias “...possibilita controlar o que vai sendo lido permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.” (BRASIL, 1998, p.69-70).

Nesse sentido, observa-se que, conforme citado acima no documento oficial, o leitor competente sabe escolher e fazer uso dos textos que atendam suas necessidades, é também aquele que sabe ler e entender o que está implícito fazendo relações entre o texto e sua bagagem histórica e/ou de mundo ou entre o texto e “outros textos já lidos” (BRASIL, 1998, p. 70).

Com isso, é essencial a participação ativa do professor e de outros leitores para

contribuir no desenvolvimento da competência leitora através da prática de leitura. O aluno deverá esforçar-se para aprender aquilo que ainda não conhece, tendo como mediador a figura do docente que, por sua vez, representa um parceiro, e é de fundamental importância para a formação do leitor. Nesse sentido, “o professor deve preocupar-se com a diversidade das práticas de recepção dos textos: não se lê uma notícia da mesma forma que se consulta um dicionário; não se lê um romance da mesma forma que se estuda.” (BRASIL, 1998, p. 70).

Outro aspecto nitidamente apresentado pelos PCN's é a questão da recepção do texto ao destacar que este não chega, para a leitura do aluno, de forma pronta e acabada, o leitor deverá ativar seus conhecimentos para a construção de sentidos: “Assim, a tarefa da escola, nestes ciclos, é, além de expandir os procedimentos básicos aprendidos nos ciclos anteriores, explorar, principalmente no que se refere ao texto literário, a funcionalidade dos elementos constitutivos da obra e sua relação com seu contexto de criação.” (BRASIL, 1998, p. 71).

A escola precisa construir caminhos que interliguem os mais variados tipos de textos, dos mais fáceis aos mais complexos, para que os alunos possam participar das outras formas culturais. “Trata-se de uma educação literária, não com a finalidade de desenvolver uma historiografia, mas de desenvolver propostas que relacionem a recepção e a criação literárias às formas culturais da sociedade.” (BRASIL, 1998, p. 71). O processo de formação não é algo que se faz de qualquer maneira, necessita de condições favoráveis, não apenas quanto ao material disponível, mas também é saber usufruir desses recursos nas atividades de leitura. A seguir encontram-se apresentadas algumas dessas condições:

A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros. É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos. O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro. O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais. Ler por si só já é um trabalho, não é preciso que a cada texto lido se siga um conjunto de tarefas a serem realizadas. O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás. A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura. (BRASIL, 1998, p. 71- 72).

Nesse aspecto, a escola deve promover a leitura oportunizando ao aluno as escolhas das mais variadas obras, mais familiaridade com o ambiente de leitura, a

biblioteca. Planejar momentos de leitura livre, projetos e, o mais importante, envolver toda a comunidade escolar nesse processo de formação leitora dos alunos do ensino fundamental II.

No entanto, os documentos e as práticas de ensino buscam desenvolver no aluno habilidade e competências da língua bem como saber fazer uso dela.

Os Conteúdos Básicos Comuns – CBC (2005) da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais “Anos Finais” estão divididos em eixos temáticos. A literatura aparece no eixo temático III, como “A Literatura e outras Manifestações Culturais - Tema: Mitos e Símbolos Literários na Cultura Contemporânea”. Os eixos são divididos em tópicos, subtópicos, habilidades, orientações pedagógicas e ciclos intermediário e consolidado.

Os CBC's (2005) destacam a questão do letramento, em que o aluno precisa ir além de codificar e decodificar textos, é essencial que o indivíduo seja capaz de “reconhecer a leitura como atividade interativa de produção de sentidos” (CBC, 2005, p.11).

Conforme orientam os CBC's (2005), espera-se que o aluno “...reconheça a leitura e a escrita como atividades interativas de produção de sentido, que colocam em jogo diferentes fatores, como a situação comunicativa, o horizonte social dos interlocutores, o objetivo de interlocução, as imagens que os interlocutores fazem um do outro, os usos e práticas de linguagem.” (CBC, 2005, p.11).

O discurso literário exige habilidades específicas de leitura, “...o poema, a narrativa ficcional, qualquer forma de literatura é texto...”, entretanto, há uma forma muito peculiar do texto, que demonstra esteticamente “vivências e reflexões” levando o leitor a se envolver sentimentalmente, fazendo desse um coautor, com o qual se propõe um “prazer intelectual e estético, por meio do qual se provoca o estranhamento do cotidiano e se criam possibilidades de deslocamento pelo humor, pela fantasia.” (CBCs, 2005, p. 11).

Em relação à literatura, os CBC's, os PCN's e autores como Rildo Cosson, Magda Soares, Regina Zilberman, entre outros, afirmam que cabe à escola promover a leitura e a observação dos textos literários acerca de elementos que caracterizem a recepção literária. “A literatura ultrapassa a verdade de correspondência (o que pode ser constatado pela observação ou pelo testemunho de outras fontes), instaura outra relação entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto.” (CBC's, 2005, p. 16).

3 | BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular tornou-se bastante conhecida pelas discussões que suscitou entre analistas e a sociedade como um todo. Sua criação e aplicação visa apresentar os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que devem orientar a elaboração de currículos da Educação Básica no país em conformidade com o que preceituam o Plano Nacional de Educação (PNE) e a

Conferência Nacional de Educação (CONAE).

Este documento, de abrangência nacional, visa cumprir expectativas apontadas em documentos anteriores, oferecendo, segundo seus organizadores, uma referência para seleção de conteúdos e práticas nas escolas de todo Brasil. Dessa forma, o objetivo precípua consiste em fornecer às secretarias de educação, analistas e professores subsídios para a elaboração de currículos, em uma tentativa de equiparação dos conteúdos e aprendizagens válidos para todo território nacional. A Base Nacional Comum Curricular já é antecipada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional do ano de 1996, na qual se assegura que os “currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (BRASIL, 1996, não paginada).

Nesse sentido, se reconhece a necessidade de uma orientação em nível nacional a fim de balizar conteúdos e aprendizagens válidos para a realidade brasileira como um todo, embora seja notória a diversidade encontrada em um país de dimensões continentais. Outros documentos, como as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2009) e o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), também preveem a organização de uma Base Nacional Comum Curricular (TRICHES, ARANDA, 2017). Ressalve-se que os penúltimos documentos citados não são objeto de análise deste artigo.

Uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB não se ateve a minúcias acerca dos conteúdos e aprendizagens para a educação, possuindo um caráter mais regulamentador, justificou-se a criação de uma Base Nacional Comum Curricular. Outro documento criado após a LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS (BRASIL, 1998), como explicitado na sessão anterior, também não se deteve em elencar conteúdos, direcionando sua análise apenas para a maneira como deveriam ser ensinados (BELCHIOR, COELHO, 2017). É a partir do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) que se reconhece de maneira mais urgente a importância de uma base nacional curricular, propondo estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos(as) alunos(as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local. (BRASIL, 2014, p. 61).

Quando comparados os trechos do Plano Nacional de Educação - PNE e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), citada anteriormente, percebe-se que, no último, há uma clara intenção em se transpor o campo propositivo para o campo da ação. A LDB, no que diz respeito a uma base comum curricular, apenas faz uma previsão legal em seu texto, ao passo que o PNE convida os estados da federação a pactuarem uma base cujo escopo possa ser operacionalizado nas escolas.

O caminho de elaboração da Base Nacional Comum Curricular – BNCC começa

com a escolha de um Comitê de Assessores e Especialistas – professores universitários, professores da educação básica e técnicos das secretarias de educação – os quais redigiram uma versão preliminar da BNCC, disponibilizada para consulta pública entre setembro de 2015 a março de 2016 (TRICHES, ARANDA, 2017). A partir das contribuições recebidas pelo portal <basenacionalcomum.mec.gov.br> e os debates públicos, a comissão responsável reelaborou o documento, que seria apresentado à sociedade como a segunda versão em maio de 2016 (Ibid.). Por fim, em abril de 2017, foi apresentada a terceira versão da BNCC, cuja discussão sobre literatura é objeto desta pesquisa.

Cotejando as afirmações da BNCC, pode-se indagar uma possível discrepância entre alguns termos utilizados. Em alguns, fala-se em “norma”; em outros, o documento advoga um papel de “referência” para orientar escolas e serviço pedagógico na elaboração de propostas de currículo e ensino. Por um lado, essa aparente discordância entre vocábulos que estão em campos semânticos diferentes (norma X referência), é compreensível, na medida em que um documento de alcance federal ouse mais do que ser propositivo. Por outro lado, esbarra em um intento normatizador, uma vez que as realidades do país são multifacetadas, resultando quase impossível uma publicação que abarque toda essa diversidade.

Dessa forma, mesmo entendendo que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não é o Currículo, mas sim, um ponto de partida para que as redes de ensino pública e privada desenvolvam um percurso formativo para seus estudantes, não se pode negar que enquanto norma tem um efeito de influência e possível padronização do Currículo das escolas.

Assim, recorre-se aqui à sociologia do currículo, área de estudos que se tem caracterizado por discutir as relações entre o currículo e as esferas econômica, política e ideológica da sociedade mais ampla, assim como analisar as relações envolvidas no momento em que o currículo é implementado nas escolas e nas salas de aula, buscando entender se e como tais relações são permeadas por elementos de controle, reprodução e/ou oposição. (MOREIRA, 1989, p. 17).

Desse modo, para entender a BNCC, não é possível prescindir do seu processo histórico de delineamento. Garcia-Reis e Godoy (2018) afirmam, citando Jacob, Diolina e Bueno (2018), que a BNCC foi construída em um momento político-econômico bastante caótico. Trata-se do contexto do impeachment da então presidente Dilma Roussef, que foi seguido de diversas alterações no plano de governo do Brasil, com projetos de reformas e severo corte de gastos, sobretudo nas políticas sociais. Assim, o intercurso até a aprovação da BNCC caracterizou-se por algumas satisfações e muitas insatisfações. De modo, que, embora o Conselho Nacional de Educação (CNE) divulgue o documento final como uma construção democrática, feita por meio de muito debate e diversas audiências públicas, alguns autores, como os próprios Jacob, Diolina e Bueno (2018) afirmam que essa participação popular não foi efetivamente cumprida, instituindo um conflito entre os diferentes setores sociais envolvidos. Ximenes (2018)

afirma que não se tratou de um processo de participação válido, pois ao final das consultas não se teve retorno dos órgãos competentes sobre quais sugestões foram acatadas, bem como acerca das justificativas.

No que concerne a concepções pedagógicas, a BNCC trabalha com a noção de “competências”. No documento, são definidas dez competências gerais que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo da Educação Básica, através das aprendizagens essenciais.

“Competência” conforme define Perrenoud (1999) é a “...capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.” (PERRENOUD, 1999, p. 4). Desse modo, objeto, operação cognitiva e produto são os três elementos básicos que explicam a estrutura lógica da aprendizagem dos alunos. Esses pressupostos, conforme Therrien e Loiola (2001), estão muito presentes no currículo nacional, a partir da reforma curricular dos anos de 1990, em uma lógica ligada com a avaliação de resultados, e assentada em uma burocracia paralela, guiada pela cultura administrativa da eficiência, do menor custo e das comparações internacionais.

Essa pedagogia ancora-se nos postulados construtivistas que, conforme Martins (2004), trazem

[...] consigo uma retórica segundo a qual é urgente a revisão dos processos de ensino-aprendizagem, tendo em vista melhor adequá-los à realidade concreta de vida dos educandos e aos seus diferentes ritmos de aprendizagem. Deste ponto de vista, a aprendizagem resulta das ações dos alunos a partir da e sobre a realidade por eles vivida, pelas quais constroem o conhecimento. Este, por sua vez, é produto das elaborações cognitivas resultantes das percepções e representações dos alunos, construídas na base de suas próprias experiências e de seu cotidiano. Cabe à educação escolar, promover condições para a problematização a partir das referidas representações, para o teste de hipóteses e para a busca de soluções (experimentação), respeitando as diferenças que se manifestam na atividade construtiva do aluno. (MARTINS, 2004, p. 64).

No que tange, especificamente, à leitura literária, as menções à literatura na BNCC, não chegam a ser muitas ou excessivas. De acordo com Chechinell (2019),

[...] não há, por exemplo, nenhuma tentativa mínima que seja de particularização de uma área de estudos, talvez por conta da dimensão interdisciplinar ali adotada —, o que não impede o documento de fazer desfilarem diante do leitor uma série de gêneros, mídias, produções e processos [...] (CHECHINELL, 2019, p. 8)

E ainda,

[...] o documento insere a literatura em redes plurimidiáticas e pluriespaciais que não recebem singularização nenhuma quanto ao seu papel ou funcionamento específico, operando aparentemente como meros vetores de trocas e deslocamentos sem um objeto ou conteúdo particular em vista. (CHECHINELL, 2019, p. 8)

Nesse sentido, não obstante a BNCC proponha a preservação das diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, progressivamente intensificadas e complexificadas na direção de textos mais complexos, a pluralidade e a circularidade midiática que estruturam o documento deixam transparecer a ideia de conferir à leitura literária um aspecto meramente prático, destituído do seu caráter constitutivo estético, libertário e crítico. (CHECHINEL, 2018)

As “competências e habilidades”, que posicionam a ação política e intelectual no âmbito dos mesmos imperativos incontornáveis do tempo presente — “atuar de forma fundamentada, ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, gifs, remixes variados etc. em redes sociais ou outros ambientes digitais” (Brasil, 2018, p. 522) — reduzem o campo do possível à reafirmação conformada do espetáculo integrado em que vivemos. Alinhada a esse circuito infinito de devices — dispositivos cuja sacralidade não deixa de contrastar com sua ciclicidade —, a literatura já não faz nada na escola senão anunciar a presença-ausente de um conceito que deverá acelerar a sua circulação e condição heteronômica até simplesmente evaporar e desaparecer como ideia. (CHECHINEL, 2019, p. 12-13)

Dessa forma, a literatura nada mais tem sido em algumas escolas (!) que a espetacularização de cores e formas, sob o pretexto de uma leitura descompromissada, em que o jovem deve ler por ler, ler por protocolo, ler para atender à demanda do mercado. Porém, a leitura literária exige compromisso, dedicação, intertextualidade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e, sobretudo, o desejo em educandos e educadores de transcenderem os portais da imaginação, do desejo fértil, da criatividade e da transculturalidade.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomadas as discussões acima, ponderamos que ainda há um caminho longo e custoso na construção de políticas de currículo, especificamente naquelas que tratam de linguagem, um objeto singular.

Trata-se de reunir os pares e não-pares, reconhecê-los como entes constituintes da teia sociodiscursiva que entretece a construção curricular. Paulo Freire deve ser sempre lembrado, retomado e praticado, para quem os currículos, práticas e ações educativas nascem do e para o povo. Assim sendo, caminharemos rumo a políticas linguísticas e de linguagem mais equânimes e qualitativas.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 1997. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, 2009.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

CHECHINEL, André. Literatura e atenção: notas sobre um novo regime de percepção no ensino de Literatura. **Revista Brasileira de Educação**, V. 24, 2019.

GARCIA-REIS, Andreia Rezende; GODOY, Ariane Rodrigues Gomes Leite. O ensino de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental: a proposta da Base Nacional Comum Curricular. **Currículo sem Fronteiras** [online], ISSN 1645- 1384, 2018.

JACOB, A. E.; DIOLINA, K.; BUENO, L. Os gêneros orais na penúltima versão da Base Nacional Comum Curricular: implicações para o ensino. **Revista Horizontes**, v.36, n. 1, p. 85-104, jan/abr. 2018. Disponível em

<<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/585>>. Acesso em: 14 maio 2018.

MARTINS, Lígia Márcia. Da Formação Humana em Marx à Crítica da Pedagogia das Competências. In: DUARTE, Newton. **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas, Autores Associados, 2004.

MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Minas Gerais. **CBC (Conteúdos Básicos Comuns)**: proposta curricular para o ensino de português no ensino Fundamental e médio. Belo Horizonte, 2005, 160 p.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A Contribuição de Michael Apple para o Desenvolvimento de uma Teoria Curricular Crítica no Brasil. **Fórum Educ.**, Rio de Janeiro, 17-30, set/nov., 1989.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

RAMOS, Marise. **A pedagogia das competências**: autonomia ou adaptação? São Paulo: Cortez, 2001.

TRICHES, Eliane de Fátima; ARANDA, Maria Alice de Miranda. A formulação da base nacional comum curricular (BNCC) como ação da política educacional: breve levantamento bibliográfico (2014-2016). **Revista on-line de extensão e cultura**: Dourados, v. 3, n. 5, p. 81-98, jun. 2017. ISSN 2358-3401. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/realizacao/article/view/6362>. Acesso em: 19 set. 2019.

XIMENES, S. **Temos um documento tecnocrático e conservador, produzido sem transparência**. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/temos-um-documento- tecnocratico-e-conservadorproduzido-sem-transparencia>>. Acesso em 7 jul. 2018.

SÉRIES E O ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS MULTIDISCIPLINARES

Fiama Aparecida Vanz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

Thaís Nicolini de Mello

Universidade de Passo Fundo
Passo Fundo – Rio Grande do Sul

RESUMO: O processo de ensino e aprendizagem no século XXI tornou-se multifacetado, visto que os estudantes estão inseridos em um universo de informações e possibilidades que tornam esse processo mais desafiador, tanto para o educador, que necessita buscar e desenvolver metodologias diferenciadas para aproximar-se do estudante, quanto ao próprio aluno, que está imerso em tantas informações e que possui dificuldades em selecioná-las e relacioná-las. Diante desse contexto dinâmico e multimidiático, muito além da bidimensionalidade estatística do papel e do quadro-negro (LEFFA, 2009) é necessário que práticas de sala de aula, multidisciplinares, sejam pensadas, de modo a oportunizar ao estudante momentos de aprendizagem que relacionem as informações com as quais os aprendizes têm contato diariamente com as competências e habilidades das mais diversas disciplinas. Partindo de tais premissas e levando em consideração que o consumo simultâneo de diversas mídias digitais fazem parte do cotidiano

do jovem contemporâneo, pensar em propostas didáticas que abarquem tais dimensões é fundamental. Tais propostas foram embasadas em seriados televisivos, visto que tais mídias são, cada vez mais, uma opção de lazer nas mais diversas faixas etárias, em especial, dos estudantes. Os planejamentos foram pensados e aplicados de forma multidisciplinar com estudantes do Ensino Médio da rede privada de ensino, reiterando a importância de um trabalho que ofereça ao estudante o desenvolvimento das diversas habilidades e competências.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e aprendizagem. Multidisciplinaridade. Seriados televisivos no ensino de línguas.

TV SERIES AND TEACHING LANGUAGE: MULTIDISCIPLINARY PRACTICES

ABSTRACT: The process of teaching and learning in the 21st century has become multifaceted, since students are inserted in a universe of information and possibilities that make this process more challenging, both for the educator, who needs to seek and develop differentiated methodologies to approach the student, as for the student himself, who is immersed in so much information and who has difficulties in selecting and relating them. Given this dynamic and multimedia context, beyond the statistical two-dimensionality of paper and blackboard

(LEFFA, 2009) it is necessary that multidisciplinary practices, be considered to provide the student moments of learning that relate the information that the learners have daily contact with the skills and abilities of the most diverse subjects. Starting from such premises and taking into account that the simultaneous consumption of several digital media are part of the daily life of the contemporary learners, thinking about didactic proposals that encompass such dimensions is fundamental. These proposals were based on television series, since such media is increasingly a leisure option in the most diverse age groups, especially students. The plans were conceived and applied in a multidisciplinary way with high school students of the private school system, reiterating the importance of a work that offers the student the development of the various skills and competences.

KEYWORDS: Teaching and learning. Multidisciplinary. TV series on language teaching.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende relacionar princípios advindos dos estudos sobre gêneros digitais e do uso da tecnologia no ensino de línguas, com o intuito de refletir sobre o trabalho com a leitura de gêneros multimodais no contexto escolar.

Para tanto, algumas reflexões acerca do que coloca Rojo (2012), foram feitas, cuja visão nos propicia um melhor entendimento acerca dos multiletramentos e do papel da escola na formação de um sujeito leitor, com diversas habilidades de letramentos.

Partindo dessas premissas e pensando o contexto escolar como um espaço “dinâmico e multimidiático, muito além da bidimensionalidade estatística do papel e do quadro-negro” (LEFFA, 2009) é necessário que práticas de sala de aula, multidisciplinares, sejam pensadas, de modo a oportunizar ao estudante momentos de aprendizagem que relacionem as informações com as quais os aprendizes têm contato diariamente com as competências e habilidades das mais diversas disciplinas. Desse modo, a presente pesquisa tem como tema duas propostas de trabalho multidisciplinar a partir de seriados televisivos. Os planejamentos foram pensados e aplicados com estudantes do Ensino Médio da rede privada de ensino e tiveram como objetivos promover um trabalho interdisciplinar que desenvolva as habilidades dos estudantes em suas mais variadas formas; estimular a reflexão sobre as temáticas abordadas nos seriados, de modo a aprofundar a análise e criticidade dos estudantes; oportunizar um momento de contato com materiais autênticos em Língua Espanhola e Língua Inglesa, de modo a ampliar seu vocabulário e conhecimento da Língua e desenvolver as habilidades orais e escritas.

As reflexões aqui expostas, foram organizadas da seguinte forma: inicialmente, será abordada a noção de multiletramento, elucidado com base nos estudos de Rojo (2012), bem como buscou-se luzes teóricas para iluminar a questão do letramento digital nos estudos do teórico Edvaldo Souza Couto, o qual reitera que a “ecologia

cognitiva não segue mais o texto que nos chega pronto, fechado, acabado, como em sua versão impressa” (2016, p. 42). Por fim, algumas reflexões pautadas em Santaella (2016) foram realizadas em relação a importância de repensar o leitor, tendo em vista esse cenário multifacetado que se apresenta.

De posse dos princípios advindos dessas questões, serão apresentadas duas experiências desenvolvidas em sala de aula, uma de forma multidisciplinar e a outra de forma disciplinar, que tem como base dois seriados televisivos. Tais propostas possibilitaram tecer relações entre as teorias fundantes e o cotidiano que envolve a abordagem das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), além disso, a aproximação entre os processos de ensino e aprendizagem aos interesses dos estudantes é fundamental para que engajados possam, efetivamente, realizar leituras de forma autônoma e crítica, vendo no contexto escolar um espaço para compartilhamento de saberes.

2 | MULTILETRAMENTOS: PERSPECTIVAS CULTURAIS E SEMIÓTICAS

As Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC's) são instrumentos importantes na interação, cujo uso, aliado à propriedade de constante mudança dos gêneros do discurso para adaptação às progressivas modificações da linguagem, acabam por apresentar à sociedade um conjunto de gêneros discursivos derivados das relações estabelecidas através da língua em meios digitais.

Sendo assim, trabalhar os gêneros em sala de aula, visando à introdução das novas tecnologias, além de garantir a função libertadora que a tecnologia promove, ainda inclui nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas escolas, fazendo com que o aluno se identifique e tenha sua diversidade contemplada. Hoje, os estudantes contam com novas ferramentas de acesso à comunicação e informação, que acarretam novos letramentos de caráter multimodal e hipermediáticos, o que nos leva à ideia de “multiletramentos”. Diferente do conceito de letramento, segundo Rojo e Moura (2012, p. 13), o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos de multiplicidade presentes em nossas sociedades: “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”.

À nossa volta nos deparamos com inúmeras produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos e campos. Essa realidade nos impele a pensar em princípios teórico-metodológicos para um trabalho em sala de aula que possa formar um aluno com autonomia em diferentes suportes e linguagens. Ensinar em sala de aula levando acesso às novas tecnologias de informação é democratizar o conhecimento, de modo a “descolecionar os monumentos patrimoniais escolares, pela introdução de novos e outros gêneros de discursos de outras mídias, tecnologias, línguas, variedades, linguagens” (ROJO; MOURA, 2012, p. 16, grifo do autor). A noção de acesso trazida aqui se refere ao uso

consciente das novas tecnologias, de forma que o sujeito seja, de fato, o protagonista deste uso, ocupando o seu espaço de dizer no meio letrado com autoria e originalidade, o que entendemos que ocorre tanto na produção como na leitura de textos.

Os alunos são dotados individualmente de “coleções”, ou seja, aquilo que conhecem e que lhes agrada, sejam filmes, livros, contos, séries de TV, etc. Da mesma forma que gostam de determinadas produções culturais, eles nutrem critérios estéticos sobre elas. Quando o professor trabalha em sala de aula com diferentes gêneros o que acontece é a troca de “coleções culturais” que alguns alunos conhecem e outros não, fazendo com que o ensino seja integrador. Da mesma forma, ao trabalhar com os diferentes gêneros em sala de aula, o professor promoverá a troca de multiletramento, em uma inter-relação onde um aluno domina o letramento de produção de vídeos ou animações, enquanto outro é letrado em construção de textos dramáticos, a livre troca de letramentos cria condições para que todos os alunos ganhem mutuamente.

No entanto, atualmente, as crianças e os jovens já têm contato direto, desde o nascimento, com os novos dispositivos, tecnologias e ferramentas, dessa forma, são letrados por si só nas novas mídias. A grande questão é como as tecnologias da informação podem transformar os hábitos de ensinar e aprender, ao invés de proibir o uso de tais dispositivos, principalmente os aparelhos celulares, na sala de aula. Faz-se necessário que o professor veja a tecnologia como uma ferramenta de busca de informação e produção de mídia, que pode vir a colaborar significativamente com o ensino.

Dessa forma, é fundamental que o trabalho em sala de aula abarque tais premissas, para que o estudante seja, de fato, um indivíduo letrado digitalmente.

2.1 O LETRAMENTO DIGITAL NA PERSPECTIVA DE UM LEITOR UBÍQUO

É cada vez mais complexo aprender e ensinar a ler e escrever em meio às conectividades. Diante disso,

esses parecem ser os nossos imensos desafios: ler e escrever na velocidade das conexões e interações, reorganizar as logísticas, produzir e difundir relatos ilimitados sobre tudo e sobre qualquer coisa, construir e desenvolver perfis cognitivos fluídos, armazenar em nuvens nossos pensamentos, salvaguardar a memória, os registros, os saberes, os sonhos e devaneios em meio a tantos deslizamentos e inconstâncias (SILVA, 2015 apud COUTO, 2016, p. 40).

Em frente a esses desafios e considerando a leitura e a escrita como num texto que não conhece mais limites, é possível perceber uma cultura que exige um leitor que domine habilidades de leituras amplas. Diante deste contexto que surgem as perspectivas do letramento digital. Este, por sua vez, “requer um repertório aberto de manipulação e interferência no texto [...] Esta é a revolução da nossa época: ler e escrever são ações que exigem a participação ativa do sujeito. Não por acaso fala-se tanto em processos colaborativos e em interatividade” (COUTO, 2016, p. 43).

Tendo em vista tais leituras, é necessário que o papel do leitor seja repensado

como “aquele que é capaz de ganhar a versatilidade de lidar com muitos gêneros narrativos, conquistar familiaridade e desenvolver processos criativos nas suas rotas, nexos, e redes de navegação” (COUTO, 2016, p. 43). Dessa forma, constrói-se a ideia de que a formação de letramento e de leitores que se tinha até então, com o advento da tecnologia e suas transformações, é modificada pela necessidade de deparar-se com diferentes textos, informações e movimentos linguísticos e literários que exigem um novo tipo de leitura.

Pensando nessa perspectiva, cumpre ressaltar que esse processo de mudança vem ocorrendo desde a transição do livro comum, gutenberguiano, impresso e com poucas imagens, para a construção de novas estruturas de mídia. O século XIX traz-nos experiências ligadas à fotografia, telégrafo e aquilo que, nesse período, conhecer-se-ia como jornal. Este é o ponto de partida que faz nascer um leitor que, se outrora estava acostumado à linearidade das palavras e disposição no papel de forma mais padronizada - visto aqui como um leitor contemplativo (SANTAELLA, 2016, p. 97), neste momento começa a lidar com a confluência de textos, imagens, anúncios e demais estéticas que o constituem como um leitor, na também definição de Santaella (2016, p. 98), movente - aquele que transita por diferentes estruturas, informações, layouts.

Nessa perspectiva, a evolução tecnológica para outras mídias mais modernas, tais como o cinema e demais expressões advindas dessa união de linguagens, evoluem a leitura para um outro nível ainda, o de leitor imersivo, tendo em vista que

os percursos de navegação pelas redes, possibilitados pelas interfaces gráficas de usuários, fizeram emergir um tipo de leitor bastante distinto do leitor contemplativo do livro e mesmo do leitor movente, não obstante os pontos de contato entre este último e o leitor das redes informacionais e comunicacionais que chamo de leitor imersivo. (SANTAELLA, 2016, p. 100)

Tal leitor é assim denominado por imergir nesse ambiente hiperconectado de informações e transitar entre este espaço e seu próprio espaço físico. Há uma confluência de contato e informação que o lançam às diferentes mídias e leituras, levando-o a uma construção cada vez mais hipertextual e hipermediática.

O que se pretende ao caracterizar esses tipos de leitores, no entanto, é compreender o percurso que se passou para chegar ao último perfil de leitor teorizado por Santaella, e que vem ao encontro daquele que é encontrado em sala de aula, entre os jovens hiperconectados do século XXI - o leitor ubíquo. Se na história das mídias, tanto leitor quanto leitura foram se adaptando ao tempo e às novas expressões que a modernidade lhes conferiu, a chegada da internet e sua característica multifacetada, múltipla em hipertextos e hiper mídias, transforma não apenas o suporte de leitura que se tinha até então, mas o próprio perfil daquele que lê. Dessa forma, deparamo-nos com um leitor que, por estar “continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a informacional” (SANTAELLA, 2016, p. 102), é um leitor do não-

espaço - sua ubiquidade reside na capacidade de transição entre mídia, informação, comunicação, expressões que se encontram e se unem na construção daquilo que se diz e se realiza na linguagem, em suas múltiplas formas.

Cabe destacar, no entanto, que tal perfil de leitor não anula os demais, mas revela o quanto é possível adaptar-se à situação diante da qual nos deparamos em cada ato de ler e significar. Dessa maneira, é necessário perceber, também, que todas essas possibilidades de leitura e transição, embora próprias da pós-modernidade e nascidas nessas últimas gerações, ainda precisam ser trabalhadas em sala de aula ao lidar com o ambiente digital.

É perceptível o quanto o perfil de estudante que se encontra na escola atualmente assemelha-se ao perfil desse leitor ubíquo, habitante dos ciberespaços. E o ambiente de ensino, como aquele que prepara e capacita esse indivíduo a uma leitura de mundo plural, qualificada e multifacetada, precisa também abarcar a necessidade de formá-lo para tal desempenho.

Nessa conjuntura, o letramento digital aparece como uma necessidade emergente, na perspectiva dos multiletramentos, em formar o estudante do século XXI para um uso saudável e qualificado do ambiente virtual, a fim de aprimorar sua capacidade leitora. E não apenas isso, mas também a necessidade de formá-lo nos diversos gêneros textuais e linguagens existentes atualmente, passando, inclusive, pela leitura das séries - expressão abordada neste artigo. Essa capacidade, entretanto, não se trata apenas de uma leitura receptora de informações. O leitor ubíquo inscreve-se em uma abordagem ativa de construção de conhecimentos, relações, hipertextos que desenvolvem um estudante protagonista de seu próprio aprendizado.

3 | DIFERENTES PERSPECTIVAS DE TRABALHO

Com o intuito de atrelar o trabalho com gêneros e as novas concepções dos benefícios que o trabalho com as tecnologias em sala de aula propicia, foi desenvolvido um trabalho de estudo e planejamento de duas atividades que contemplaram o uso de séries como gênero textual basilar.

A primeira atividade, de caráter multidisciplinar, foi intitulada “A série Manhunt – Unabomber: diálogos e inter-relações”, como já mencionado no título, teve como base a série Manhunt – Unabomber, baseada em fatos reais. A proposta foi aplicada com turmas de segunda série do ensino médio de uma escola da rede privada de ensino do interior do estado do Rio Grande do Sul. Abarcou diversas disciplinas como Ensino Religioso, Filosofia, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Literatura, Matemática, Química, Redação e Sociologia e múltiplos conteúdos, tais como a importância da leitura e compreensão textual; a linguagem como instrumento essencial nas práticas diárias de diferentes profissões; a sociedade industrial e as relações do homem com a tecnologia; criptografia; desobediência Civil; efeitos do conflito armado sobre a vida e a saúde humana através da história; Linguística Forense; o conceito de resiliência;

sinopse e violência. A atividade teve duração de um trimestre e foi desenvolvida em três etapas.

A primeira etapa teve como objetivo motivar os estudantes para a realização da atividade, para isso foi passado o trailer da série em sala de aula e, em seguida algumas orientações referentes ao trabalho foram dadas. Posteriormente, foram organizados dois momentos e os estudantes assistiram a série na escola. Logo após a exibição, foi realizado um debate guiado pelos professores responsáveis.

Na segunda etapa da atividade, os estudantes foram divididos em grupos de quatro ou cinco integrantes e os seguintes eixos temáticos, tendo por base os fatos apresentados na série, foram sorteados entre os grupos: Unabomber – uma história real; Os ideais de *Unabomber – a sociedade industrial e o futuro da humanidade*; *Unabomber – a importância do conhecimento linguístico*; *Unabomber e o conceito de resiliência*; *Unabomber e a violência psicológica*; *Unabomber e a gênese da violência*; *Unabomber e os efeitos do conflito armado sobre a vida e a saúde humana através da história*.

Cada eixo temático tinha como responsável um professor orientador, encarregado de auxiliar os estudantes na etapa três do processo, ou seja, na confecção de um relatório escrito e de uma apresentação oral em forma de seminário, aliando o eixo temático com a série e com as perspectivas teóricas que permearam o eixo sorteado.

Na terceira etapa, os estudantes foram desafiados a produzir um relatório da pesquisa realizada, formalizando as informações encontradas e organizando-as em um texto coerente e coeso e, em seguida, realizar a apresentação oral da tarefa em forma de seminário.

A atividade foi avaliada tendo como base alguns critérios, tanto para o relatório escrito quanto para a apresentação oral. Quanto a tarefa escrita, observou-se a organização do trabalho em introdução, desenvolvimento e conclusão; coesão e coerência entre as partes do texto, bem como entre a série e os diálogos estabelecidos através do tópico recebido; questões linguísticas: revisão ortográfica, pontuação, acentuação, etc.; formatação do trabalho conforme as normas estabelecidas pela escola; discussão, pesquisa, reflexão e aprofundamento do tópico recebido; relações e ideias consistentes, com embasamento teórico e citações e referências bibliográficas. Quanto a apresentação oral, atentou-se para os seguintes critérios: posicionamento do apresentador; fala, voz, olhar; linguagem; respeito ao tempo; domínio de conteúdo e trabalho em grupo.

Tal atividade proporcionou, além dos conhecimentos adquiridos durante a pesquisa e preparação do seminário entre o grupo, também a troca de saberes entre os próprios colegas, visto que a apresentação para a turma oportuniza o compartilhamento de conhecimento e a ampliação da discussão a respeito das temáticas.

Sabe-se que o cotidiano escolar exige, por diversas vezes, atividades mais extensas e multidisciplinares, como a proposta ora apresentada. No entanto, diante da geração hiperconectada de estudantes que atualmente integram o ambiente escolar,

postos nessa leitura ubíqua e, a todo momento, transformadora, faz-se necessário pensar em práticas que atinjam, também, o fazer pedagógico das disciplinas de forma individual, objetivando sua qualificação e atratividade ao olhar dos alunos.

Partindo dessa premissa, o presente trabalho apresenta, além da atividade multidisciplinar supracitada, também uma segunda atividade de cunho mais simples, aplicada em uma aula de 50 minutos de Língua Espanhola aos estudantes da primeira série do ensino médio da rede privada de ensino. Tal proposta consistiu no trabalho com um pequeno trecho da série espanhola *La Casa de Papel*, disponível na plataforma de *streaming Netflix*, e com grande popularidade entre os estudantes na data de sua aplicação.

Num primeiro momento, os alunos foram convidados a assistir os minutos iniciais do primeiro episódio da série. Por tratar-se de um nível ainda básico de aquisição da Língua Estrangeira, o trecho foi assistido com áudio e legendas em Língua Espanhola, a fim de facilitar sua compreensão. Após isso, a turma compartilhou com a docente alguns comentários sobre o assistido, bem como dúvidas em relação ao vocabulário utilizado, sotaque falado na Espanha, e demais elementos presentes.

Em seguida, a proposta foi utilizar a série como ferramenta de estudo da Língua e observância dos conteúdos gramaticais vistos em aula. Dessa forma, os estudantes foram convidados a assistir mais uma vez, observando especialmente o diálogo entre dois personagens - *Tokyo e Profesor* - a fim de verificar qual a forma de tratamento utilizada entre eles (formal ou informal), bem como escolha de pronomes e verbos. Tal reflexão veio ao encontro do estudado no momento, que era justamente a diferença de uso entre formalidade e informalidade na prática da fala em Língua Espanhola.

Assim, os alunos foram motivados a relacionar o que já havia sido aprendido com a prática genuína da Língua. O contato com o material autêntico, nesse caso, oportunizou uma reflexão prática sobre o “como usar” em uma situação real de comunicação, trazendo esses leitores ubíquos a uma vivência real em Língua Estrangeira. Ademais, o benefício de tais atividades é perceptível à medida que torna a prática de sala de aula mais dinâmica e atrativa, por estabelecer relação entre o estudo, por vezes difícil em uma turma com muitos alunos, cujos níveis de aquisição da língua são diferentes, e o contato com materiais que fazem parte de suas “coleções”, como as séries. Também observou-se que muitos estudantes que ainda não haviam assistido a série escolhida gostaram do contato com o episódio e com a reflexão desenvolvida.

Nesse sentido, a proposta de uma atividade mais breve, envolvendo apenas uma disciplina, teve como objetivo refletir sobre a possibilidade de incluir tais materiais no cotidiano escolar, fazendo com que o trabalho com esses gêneros seja mais frequente e melhor explorado pelos docentes. Destaca-se que tal prática foi direcionada ao ensino de Língua Estrangeira, mas é completamente aplicável às demais disciplinas, visto que o multiletramento aplica-se, também, à multidisciplinaridade de conhecimentos contemplada por gêneros textuais como as séries.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no anteriormente exposto, algumas reflexões derivam dessas práticas aplicadas e das experiências advindas. Em um primeiro momento, cumpre ressaltar que a leitura multimodal contemplada pelas propostas acima descritas, em uma compreensão das múltiplas linguagens presentes no gênero textual escolhido para o trabalho em sala de aula, proporciona não apenas uma aula mais atrativa aos estudantes, mas também um verdadeiro trabalho de multiletramento. Nessa perspectiva, o que se alcança é a formação de um leitor preparado para lidar com a multiplicidade de linguagens com as quais tem contato todos os dias, dentro ou fora da sala de aula, cuja compreensão se qualifica e se amplia com o estudo na escola.

Dessa maneira, percebe-se o quanto o trabalho multidisciplinar e multimidiático enriquece e qualifica as práticas educativas, em suas diferentes perspectivas. Tendo em vista que tanto a proposta multidisciplinar quanto a proposta disciplinar apresentadas colocam os alunos em uma posição ativa de análise, reflexão e aprendizado que mobiliza não apenas conhecimentos técnicos aprendidos, encerrados em uma divisão despropositada de conteúdos, mas em uma convergência de visões e aprendizados que levam esse estudante a um sair de si próprio do sujeito que conecta o que aprende com sua visão de mundo.

Tal visão de mundo é ampliada e enriquecida, preparando esse estudante para ler diversas expressões linguísticas, artísticas, visuais, com o olhar daquele que é agente e que reflete sobre suas experiências e visões daquilo que o cerca. Essa reflexão permite perceber que aquilo que o estudante sabe até o momento nunca será a totalidade do que se pode aprender, por meio de experiências que o tirem de sua zona de conforto e levem-no ao estabelecimento de relações reais entre a vivência na sociedade e o aprendido na escola. A práxis pedagógica adquire, então, o real sentido de tornar este estudante um protagonista não apenas de sua aprendizagem, mas de sua própria vida.

Este protagonismo é perceptível, também, em uma perspectiva linguística. Tendo em vista que a aprendizagem real se dá não pela simples memorização das estruturas, mas pelo uso concreto de construções que o levem a fazer-se entender e estabelecer comunicações reais de compreensão, o contato com esses materiais, neste caso as séries televisivas, desenvolve competências cognitivas e habilidades linguísticas que facilitam a prática da Língua Estrangeira, tanto no caso da Língua Inglesa, com a série *Manhunt: Unabomber*, como no caso da Língua Espanhola, com *La Casa de Papel*.

Desse modo, cabe ressaltar que, com base nas experiências práticas vivenciadas e narradas no presente trabalho, é indubitável a contribuição positiva de tais propostas para o enriquecimento do ensino e da formação de estudantes cada vez mais capazes de ler o mundo e inserir-se nele como protagonistas de uma era multifacetada e permeada pela necessidade de verdadeiras leituras e significações.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Interação em anúncios publicitários. In: PRETI, Dino (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002, p. 17- 44.

COUTO, Edvaldo Souza. Ler e escrever na cultura digital: rotas, nexos e redes móveis. In: CHARTIER, Anne-Marie [et.al]. **Leitura e identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 31-57.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Revista Trabalhos em Linguística Aplicada*, 49(2): 455-479. Campinas: IEL/UNICAMP, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645275>>. Acesso em: 08 out. 2018.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. In: CHARTIER, Anne-Marie [et.al]. **Leitura e identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 91-106.

ENTRETEXTOS: A LEITURA RE-SIGNIFICADA

Edna Tarabori Calobrezi

Universidade Paulista – UNIP

RESUMO: Formar leitores críticos é um dos propósitos fundamentais da escola que não vem sendo cumprido satisfatoriamente e, uma das causas é o desinteresse dos alunos pela leitura. Este trabalho visa a discutir meios para estimular o incentivo à leitura, buscando torná-la mais interessante. De acordo com os PCNs, o aluno deve ser protagonista de sua aprendizagem e o professor um colaborador, o que requer repensar suas aulas e proporcionar atividades significativas, conforme conhecimento prévio do educando. Assim, ao ler um livro, não é essencial “decorar” a história visando à prova ou ao fichamento, mas analisar, interpretar os fatos e compreender o contexto em que foi produzido, para ter condições de questionar, acatar ou refutar os argumentos do autor e com isso iniciar seu exercício de cidadania. A globalização e a inovação tecnológica na comunicação impõem um ritmo imediato e veloz à aprendizagem, logo, cabe à escola dar mais autonomia ao estudante, para que produza conhecimento, ao invés de sobrecarregar-se de informação. A pesquisa cumpre esse papel de despertar do estudante na busca pelo conhecimento, permitindo que participe efetivamente de sua leitura, crie, explore as linguagens não verbais

suscitadas no texto literário e possa realizar o processo de interdisciplinaridade. O referencial teórico utilizado neste trabalho, apoia-se sobretudo nos conceitos de Pedro Demo, Paulo Freire, Ivani Fazenda Carvalho e Angela Kleiman. A metodologia baseia-se na pesquisa documental e em um relato da prática docente no Ensino Médio, cujos resultados foram bastante positivos.

PALAVRAS-CHAVE: incentivo à leitura, pesquisa, autonomia, literatura, linguagens

ABSTRACT: Training critical readers is one of the fundamental purposes of the school that has not been satisfactorily fulfilled and one of the causes is the students' lack of interest in reading. This paper aims to discuss ways to stimulate reading incentive, seeking to make it more interesting. According to the PCNs, the student must be protagonist of their learning and the teacher a collaborator, which requires rethinking their classes and providing meaningful activities, according to the student's prior knowledge. Thus, when reading a book, it is not essential to “memorize” the story for tests or fiction, but to analyze, understand the facts and the context in which it was produced in order to question, accept or refute the author's arguments. and with that start your exercise of citizenship. Globalization and technological innovation in communication impose an

immediate and fast pace to learning, so it is up to the school to give the student more autonomy, so that it produces knowledge, instead of overloading itself with information. The research fulfills this role of awakening the student in the search for knowledge, allowing them to effectively participate in their reading, create, explore the nonverbal languages raised in the literary text and can perform the process of interdisciplinarity. The theoretical framework used in this work is based mainly on the concepts of Pedro Demo, Paulo Freire, Ivani Fazenda Carvalho and Angela Kleiman. The methodology is based on documentary research and an account of teaching practice in high school, whose results were very positive.

KEYWORDS: reading incentive, research, autonomy, literature, languages

1 | INTRODUÇÃO

A leitura é considerada por renomados pesquisadores como prática social, atividade significativa na formação do cidadão, fundamental para o enriquecimento de conhecimento de mundo. Está intimamente ligada ao avanço científico, tecnológico e à evolução intelectual que engendra o progresso, o que justifica o respeito e a atenção que toda a sociedade deve dedicar a ela, a começar pela família e, sobretudo, pela escola. A vasta bibliografia referente à importância da leitura ressalta a preocupação que o tema suscita. Eméritos educadores contribuem com suas reflexões, sempre no sentido de encontrar metodologia eficaz para facilitar o processo de ensinar e aprender (a ler). O referencial teórico utilizado neste trabalho parte de um critério bastante seletivo, apoia-se em autores consagrados, cujas teorias e práticas estão em consonância com os valores e as concepções em que acredito. Serão destacados alguns pontos sobre a relevância da leitura associada à pesquisa científica, particularmente no ensino de literatura, comentando uma experiência com alunos do Ensino Médio bastante positiva.

2 | A FUNÇÃO DA ESCOLA EM RELAÇÃO À LEITURA

Uma das atribuições basilares da educação escolar de qualidade é formar cidadãos autônomos e críticos, propósito cada vez mais árduo, sendo uma das causas o desinteresse dos alunos pela leitura, principalmente a canônica, pois nos dias atuais é muito difícil competir com os recursos da tecnologia. Além disso, a própria escola ao invés de despertar, desestimula o interesse do aluno pela leitura (ZILBERMAN, 1986) devido a uma alfabetização deficiente e experiências didáticas desagradáveis; pois muitas vezes a maneira como a atividade da leitura é feita pode causar impressões negativas no aluno, como exercícios gramaticais exaustivos que o distanciam da história propriamente dita e do prazer que a leitura pode oferecer. (KLEIMAN, 2002).

No entanto, a escola, centro de formação do futuro cidadão, espaço propício ao exercício das práticas e de conquistas de direitos, lugar ideal onde os jovens devem ser capacitados para ingressar com sucesso no mercado de trabalho, precisa com urgência rever práticas pouco satisfatórias e estar em perfeita sintonia com as

necessidades que o mundo atual impõe; e o professor, principal representante da instituição, fazer dos recursos tecnológicos aliados essenciais em seu magistério.

Numa breve retrospectiva, cumpre lembrar que em 1999, a convite da Unesco, o filósofo Edgard Morin sistematizou um conjunto de reflexões que serviriam de base para se discutir os rumos da educação do próximo milênio. Dentre os grandes temas e assuntos fundamentais a ensinar no século XXI, segundo o autor, as disciplinas devem possibilitar aos estudantes o enfrentamento das incertezas do conhecimento, assumindo o desafio do novo e o redimensionamento do velho (conhecimento), obedecendo a um processo de investigação constante e a um completo envolvimento no contexto em que se está vivendo.

O autor assegura que

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular, ou caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2001, p. 39)

Nesse sentido, o professor, devido a seu importante papel como agente na formação do jovem e cidadão do futuro, precisa incentivar a leitura, com vistas a desenvolver ou resgatar o interesse dos alunos. Sob tal perspectiva, primeiramente ele deve ler, pois, quem deseja formar leitores, precisa de paixão pela leitura (KLEIMAN, 2002) e ser um bom contador de histórias, para levar seus alunos a viagens no tempo e aventuras emocionantes em diferentes épocas. Além disso, torna-se essencial compreender profundamente o conceito do ato de ler e suas potencialidades para mostrar ao aluno a criatividade e o prazer da leitura. Tarefa que só se pode conseguir com a aproximação do educando do texto, conscientizando do quanto obterá de prazer e conhecimento.

A palavra *ler* vem do latim *legere que significa ler e colher*, colher conhecimentos e, no dizer de Vargas (1997, p.6), “o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca”. Desse modo, as informações recebidas podem se transformar em construções individuais de conhecimento, ainda ampliadas com outras relações.

Assim, é fundamental incitar o aluno desde os primeiros anos escolares a ler *mantendo e ampliando suas relações com o texto, o que a atividade da pesquisa favorece*, estimulando seus potenciais criativos, mediante o incentivo à investigação e ao questionamento, para que possa se integrar e participar de sua realidade como um leitor competente e, no futuro, estar apto a ser um pesquisador científico.

De acordo com os PCNs, *o aluno deve ser protagonista de sua aprendizagem e o professor um colaborador*, o que requer repensar sua aula e proporcionar atividades

significativas, vinculadas aos conhecimentos prévios do estudante. Auxiliar o aluno a compreender as informações contidas no texto é indispensável para que ele sinta o gosto pela leitura.

Vale lembrar que uma das causas importantes do desinteresse do aluno pela leitura é a complexidade do texto e a não compreensão do sentido daquela obra para sua vida. “Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido.” (KLEIMAN, 2002, p. 16)

Assim, ao ler um livro, não é essencial “decorar” a história para fazer prova ou fichamento, mas analisar, interpretar os fatos e compreender o contexto em que foi produzido, para ter condições de questionar, acatar ou refutar os argumentos do autor e com isso iniciar seu exercício de cidadania. “Ao ler um livro, é fundamental fazer-se sujeito, porque lemos autores para nos tornarmos autores.” (DEMO, 2002, p. 87).

3 | A PESQUISA COMO METODOLOGIA APLICADA À LEITURA

A globalização e a inovação tecnológica na comunicação (internet, a multimodalidade, o vídeo, o whatsapp) impõem um ritmo imediato e veloz à aprendizagem, logo, cabe à escola dar mais autonomia ao estudante, para que produza conhecimento, ao invés de sobrecarregar-se de informação; e a pesquisa cumpre esse papel de despertar do estudante em sua busca pelo conhecimento, permitindo que ele crie e participe efetivamente de sua leitura. O aluno deixa de ser somente receptor, para atuar como aluno-pesquisador, como insiste Paulo Freire (1981, p. 53):

“O papel do educador não é o de ‘encher’ o educando de ‘conhecimento’, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos”.

De acordo com verbete do dicionário, “pesquisa é um conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário, artístico etc.”; significa também “investigação ou indagação profunda”. Aplicada primeiramente como metodologia de ensino, a pesquisa cumpre o papel de despertar do estudante em sua busca pelo conhecimento; exige que o assunto seja estudado detidamente, analisado e reelaborado, implica em leituras de vários autores que apresentem pontos de vista diferentes sobre a mesma questão.

Essa investigação que começa germinar nos bancos escolares será a base para a formação do pesquisador do futuro, aquele que dará continuidade ao processo de busca pelo conhecimento e do fazer conhecimento do qual seja sujeito e a própria referência. A par disso, “a leitura que não surge de um propósito não é propriamente uma leitura” (KLEIMAN, 2011, p.35).

Não obstante, o que ocorre, é que a educação brasileira forma mais leitores que leitores. Os primeiros ficam apenas na superfície do texto; só os últimos, com um

olhar mais apurado, penetram na relação entre texto e contexto e, aos poucos, em sua relação de interação com a forma, obtendo uma leitura mais crítica. E, ainda na esteira de Vargas (1997), quando o professor consegue fazer o aluno notar o conhecimento e as relações profundas com a realidade trazidas pela leitura, leva-o a perceber o prazer que existe numa leitura feita com qualidade e aprofundamento.

Além disso, apesar de a linguagem verbal estar sempre no centro de todo processo de significação, o homem é um *ser semiótico*, daí a explorar outras linguagens presentes no texto literário suas estratégias discursivas. E a pesquisa permite realizar o processo de interdisciplinaridade, “abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão.” (FAZENDA, 2001, p. 11).

4 | PESQUISA: EXPERIÊNCIA DE ÊXITO NA PRÁTICA EDUCACIONAL

Tradicionalmente, o ensino acontece na sala de aula mediante exposição de um conteúdo pelo professor, enquanto o aluno ouve e anota para devolver tudo na prova, inclusive a abordagem dos livros indicados. Desse modo, cabe ao professor ensinar e ao aluno aprender, reproduzindo o que foi explanado. No entanto, de acordo com Demo (2002), essa *dicotomia é artificial*, pois tanto o professor quanto o aluno estão envolvidos no mesmo processo de aprender que esse instrucionismo dificulta e até impede, porque deixa o aluno receptivo e sem ter condições de participar ativamente do que está sendo ensinado, colocando-o em uma postura submissa ao comando do professor, num “processo de domesticação subalterna”, conforme designa o autor. Uma forma de modificar essa situação é permitir ao aluno, sempre orientado pelo professor, pesquisar e elaborar por si mesmo, os assuntos a serem ensinados. (DEMO, 2002).

Um texto só é lido de verdade se ao término da leitura for possível reter algo do que contém, o que nem sempre ocorre; por isso, importa ler riscando, anotando, recorrendo ao dicionário, aceitando ou não os conceitos, prática que só pode ser realizada pelo próprio aluno; impossível ser feita por outro, inclusive pelo professor, o que reduziria ao máximo o aproveitamento.

Assim sendo, podemos avaliar a importância da pesquisa para o estudante, seja qual for seu nível de escolaridade, cabendo ao professor adequá-la, enquanto metodologia, ao curso e à série em que o aluno se encontre, buscando maneiras de tornar a atividade mais proveitosa e prazerosa. O professor deve orientar os alunos quanto às formas de pesquisas viáveis a cada obra, de acordo com o resultado a ser alcançado. Se o objetivo for despertar o senso crítico, por exemplo, discutir e motivar o aluno a refletir sobre questões existenciais, ou relacionadas à nossa sociedade, ativando seus conhecimentos prévios e literários.

Durante meu magistério, como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Portuguesa, sempre estimei a construção do conhecimento entre os alunos do ensino fundamental e médio e a pesquisa ocupava (e ocupa) um lugar

importante em minha prática, ciente de que muito além do conteúdo a ser ensinado, é fundamental a atitude do aluno frente ao conhecimento.

À guisa de demonstração, relato uma das experiências por mim realizadas, que obteve resultados bastante profícuos, quando ministrava aulas na rede estadual de ensino do estado de São Paulo. Ao recomendar a leitura do livro, *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, senti que era necessário algo mais para explorar a riqueza da obra e motivar aqueles jovens do 3º ano do ensino médio a se envolverem com maior entusiasmo pela leitura da obra e decidi que através da pesquisa enriqueceriam a leitura do livro, dilatando seu interesse pelas questões encontradas no enredo da história e outras que a obra suscitasse.

A classe foi dividida em equipes e a cada uma foi proposto, mediante livre escolha, um tema gerado com base na leitura obra, a ser desenvolvido como eles próprios decidiram e, que seria apresentado em sala. As propostas eram: 1) Comentar o título, relacionando-o ao *Sermão da montanha*, uma passagem da Bíblia; 2) Gravar ou fazer pequenos vídeos com opiniões sobre a gravidez na adolescência e o aborto, entrevistando um médico, um religioso (padre ou pastor) e um representante da lei (advogado ou delegado de polícia); 3) Documentar uma entrevista com psicólogos sobre a relação pais e filhos, conflito existente no enredo; 4) O preconceito contra judeus e suas implicações, mediante exames de fatos históricos e atuais; 5) A importância da escolha da profissão adequada, entrevistando vários profissionais, determinados pelo grupo; 6) A posição da mulher no mercado profissional.

Todos os trabalhos teriam um embasamento teórico e seriam desenvolvidos em consonância com o enredo da obra. A pesquisa entendida como *procura de algo que se deseja descobrir*, compreende consulta de livros, revistas, entrevistas com pessoas sobre o assunto, análise de documentos, e assim deveriam proceder.

Durante a aula seguinte, reuni-me com cada grupo para traçarmos o que chamamos de *roteiro* do trabalho, que tinham total liberdade para alterar conforme julgassem conveniente e que passaram a desenvolver fora da classe. Orientei-os quanto a uma bibliografia básica e instituições onde realizar as consultas, pois embora a biblioteca da escola possuísse um acervo considerável, fazia-se necessário recorrer a outros locais.

Na aula da semana posterior, percorri os grupos para constatar os progressos e as dificuldades. Dentro do prazo estabelecido, um mês, aproximadamente, os trabalhos foram expostos em sala. Após as apresentações, os alunos fizeram a avaliação da atividade, que consideraram bastante positiva, não só para as disciplinas de Literatura, História, Psicologia ou Ciências, mas para seu crescimento pessoal.

O resultado superou as expectativas quer pelo envolvimento dos alunos, quer pelo nível dos relatos e das estratégias empregadas. A amplitude dos assuntos discutidos possibilitou a dilatação do universo literário, enriquecendo a visão de mundo dos estudantes, na medida em que extrapolou o conhecimento e pontuou questões e valores importantes para a formação psicológica e do caráter, cujo reflexo poderia

repercutir em suas vidas, consolidando valores, desenvolvendo atitudes ou, pelo menos, propiciando a reflexão.

O relato apresentado ratifica a relevância da escolha da metodologia no processo de aprendizagem, destacando o papel do professor como um condutor, um mediador do aluno frente ao conhecimento. Sem intenção prévia, utilizei-me da pesquisa no sentido de “*questionamento reconstrutivo*”, que consiste em atitude crítica e analítica, desconstrução e reelaboração própria do conhecimento dentro de relativa autonomia.

Inegavelmente os tempos atuais impõem-nos viver em o mundo cada vez mais híbrido, onde já não se admite compartimentalização do conhecimento. Interdisciplinar por excelência, a Literatura transita com versatilidade em todas as áreas, propiciando múltiplos contatos entre as demais disciplinas do currículo, inclusive as exatas e da saúde. Escolas do ensino fundamental e médio já trabalham nesse sentido, aglutinando diferentes disciplinas em torno de um tema suscitado por uma obra literária, objetivando a aquisição não só de conteúdos, mas de valores e atitudes gerados e estimulados a partir da leitura e discussão do texto literário.

A literatura garante um valor formativo, pois é um dos grandes organizadores da mente e da sensibilidade; através das obras clássicas, as grandes mensagens da humanidade têm sido transmitidas. Sófocles, Shakespeare, Camões, Machado de Assis levam-nos a refletir sobre traição, amor, ódio, justiça, morte... facilitando o processo de autoconhecimento e de alteridade. (CANDIDO, 1995)

Em contrapartida, cumpre insistir que postura do docente pode incentivar ou desestimular o aluno diante da abordagem do texto literário, tudo depende do enfoque metodológico. É fundamental que o aluno participe da leitura, interagindo com o texto, buscando as relações implícitas que o mesmo evoca com a realidade da qual faz parte. O professor aprende muito também, pois, é essencial que esteja sempre em busca de *re-fazer* seu conhecimento. “O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.” (FREIRE, 2004, p. 29).

Conhecedor da realidade de sua turma e ciente de onde pretende levar o aluno, o professor pode decidir pela leitura de uma obra na íntegra, ou simplesmente ler um fragmento dela com a classe, comentando o que tiver mais relação com o conteúdo estudado ou com o objetivo proposto e partir desse ponto para instigar os alunos a ir mais adiante. Não é a quantidade de páginas lidas que importa e, sim, o adentramento na compreensão e interpretação do lido. (FREIRE, 1981) que faz a motivação, a sensibilização para o problema, a reflexão e propicia brotar a criatividade, a superação e a busca das soluções propostas.

Assim, a leitura do texto literário aliada à pesquisa acumulou simultaneamente as funções de trazer informação e provocar o prazer da descoberta de novos posicionamentos, permitindo ao estudante, além da identificação vicária com as personagens da obra, o contato com pontos de vista diferentes que o acordam para a constatação de uma nova ética, revelando outro enfoque da realidade.

Desse modo, essa experiência de leitura com pesquisa atendeu a um *esboço* proposta da *interdisciplinaridade*, na medida em que procurou não só elaborar o conhecimento, mas também dar uma nova perspectiva de compreensão da vida, aos alunos, inclusive em relação a seus interesses imediatos, pois os alunos que realizaram o trabalho estavam às voltas com o vestibular e a escolha da profissão. Portanto, tiveram a oportunidade de conhecer e discutir os efeitos da má escolha profissional e de posturas antiéticas e, por outro lado, puderam tomar contato com opiniões diversas de profissionais, ampliando suas informações e possibilidades de análise.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se educar compreende a construção do conhecimento para o exercício consciente da cidadania e da democracia, urge optar por estratégias que conduzam a esse resultado, lembrando que os estudantes precisam ser preparados para obter sucesso “não somente por sua competência técnica, mas aptidões e ética interpessoais também.” (DIMENSTEIN, 1997, p. 23).

Atualmente, a leitura está menos prestigiada devido ao surgimento de novas formas e meios de comunicação, as quais atraem os jovens pelo seu imediatismo e também pelo seu formato multimodal, que lhes permite acesso simultâneo ao áudio, imagem, vídeo, etc. A globalização e a inovação tecnológica impõem um ritmo veloz à aprendizagem permanente, logo, cabe à escola e, particularmente à universidade, dar mais autonomia de pesquisa ao estudante, para que produza conhecimento ao invés de sobrecarregar-se de informação. O repensar da formação acadêmica nos diferentes campos do saber permite a inclusão da pesquisa como um meio eficaz que favorece a leitura crítica da realidade, indispensável a qualquer indivíduo.

Diante disso, a pesquisa empregada como *questionamento reconstrutivo procura não só desenvolver a competência formal da aprendizagem*, treinando o “aprender a aprender, onde o fazer é superado pelo saber fazer” (Demo, 2003, p. 25), mas possibilitar ao aluno assenhorar-se do conhecimento inovador, simultaneamente, torna-o um cidadão mais participativo e crítico, para exercer a cidadania, “que encontra no conhecimento a arma mais potente de inovação, *para fazer e se fazer* oportunidade histórica através dele”. (DEMO, 2003, p. 7).

Entretanto, para que a educação pela pesquisa aconteça de fato, é basilar que o professor acredite na *pesquisa como princípio científico e educativo* e também a exerça em sua prática cotidiana (DEMO, 2004), re-construindo os textos científicos que utiliza, a fim de renovar posturas, e (re)fazer o material didático pessoal (DEMO, 2003), mediante pesquisa e atualização contínuas através de leituras, participação em seminários, palestras, eventos da área etc., apesar das dificultosas condições do ensino: classes numerosas, alunos exaustos e despreparo do professor para trabalhar com projetos de pesquisa.

Nesse panorama pouco acolhedor, mesmo sem as condições ideais, o professor

não deve esmorecer em seu mister de preparar o aluno para ser crítico e transformador perante a vida, estimulando-o à busca do conhecimento. Ensinar é criar espaço para o outro crescer; desse modo, o professor precisa *re-significar* sua aula, repensando estratégias para impulsionar a transformação do aluno. Ciente da importância de seu papel e da influência exercida sobre seus alunos, o professor não pode prescindir do poder persuasivo, e algo sedutor que o investe, e conquistar a classe por sua sinceridade, competência, humildade e, sobretudo, pelo contagiante desejo de acertar.

Importa esclarecer aos estudantes que embora em pleno no século XXI, ainda não se sabe tudo, há muito a descobrir e a inventar e essa constatação não deve ser desalentadora, mas um convite instigante. Teorias são reavaliadas a cada etapa da história da humanidade, conceitos revistos e alterados, pois somente a superação de algo conhecido impele ao surgimento do novo e favorece o seu estabelecimento.

Nunca é demais lembrar que, a todo momento, estamos vivenciando o processo de conhecer, somos eternos aprendizes; daí a importância de valorizarmos tanto o processo quanto os resultados, porque durante o desenvolvimento do processo, parcelas do resultado são colhidas.

Ao longo destas reflexões, procuramos deixar claro que se o propósito da educação consiste em dar ao indivíduo condições de exercer plenamente suas potencialidades, tornando-o um sujeito crítico e participativo, a pesquisa, instrumento propulsor do questionamento e da constante busca, é, sem dúvida, um caminho seguro e eficiente, que desenvolve no estudante o hábito de questionar sua realidade circundante e, ao mesmo tempo, questionar-se.

Muito se tem a fazer no propósito de conscientizar os órgãos responsáveis da necessidade de corrigir posturas, rever grades curriculares universitárias e, principalmente, investir com vigor na capacitação dos docentes. Vale ressaltar que em qualquer tempo e sociedade, *se a educação não é tudo, ainda é cem por cento*.

Re-significando as palavras do célebre escritor Monteiro Lobato, “Um país se faz com homens e com livros” e, sobretudo mediante um ensino de qualidade; que garanta oportunidades iguais a todos para que se tornem indivíduos livres, com direito a escolher e perseguir seus sonhos e objetivos, seguros da importância de ser aprendiz constante, de dar continuidade aos estudos, fazendo da pesquisa uma forte aliada no processo de transformar a informação em conhecimento para tornar-se um profissional sintonizado com seu tempo, criativo, competente e próspero.

Um olhar de esperança, sempre...

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é como se faz**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: - Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

- CARVALHO, M. Cecília M. de (Org.). **Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 1994.
- DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002. (Guia da escola cidadã; v. 6).
- _____. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- DIMENSTEIN, Gilberto. "O que os estudantes precisam, saber para serem bem sucedidos no próximo século". Revista Nova Escola, São Paulo, set. 1997, p. 14-20.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FAZENDA, Ivani (Org.). **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1981.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Pedagogia da autonomia**, 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREUD, Sigmund. *Gradiva de Jessen e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 9ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 14ª ed. São Paulo: Pontes, 2011.
- MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio:1997.
- ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. In: - A leitura na escola. Porto Alegre: Mercado Aberto,1986.

ENUNCIÇÃO, DIALOGISMO E SUBJETIVIDADE: A VIDA PULSANDO E AS VOZES EM CONFRONTO NA ARENA DISCURSIVA

Roberta Costella

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -
Universidade de Passo Fundo
Passo Fundo - RS

Gabriela Schmitt Prym Martins

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -
Universidade de Passo Fundo
Passo Fundo - RS

RESUMO: Entre os enunciados de um discurso, concretizam-se relações de sentido as quais são determinadas pela situação comunicativa e pelo meio social, estruturadas em relação ao seu conteúdo e significação. Essas relações são sempre tensionadas em uma arena discursiva por distintas posições que compõem um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados com visões de mundo peculiares, os quais dialogam e polemizam com os outros enunciados existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Assim, entendendo as relações dialógicas como encadeamentos semânticos que se estabelecem entre discursos, o presente artigo tem por objetivo elucidar, com base nas estratégias discursivas utilizadas no texto, essas diversas vozes ideológicas que perpassam o gênero artigo de opinião. A pesquisa caracteriza-se como descritivo-qualitativa e a fundamentação teórica insere-se nos pressupostos da teoria dialógica do Círculo

de Bakhtin. A partir da análise realizada, pôde-se perceber que o dialogismo está presente em qualquer discurso, mesmo em um gênero pautado pela univocidade da organização dos enunciados. Os fenômenos identificados e compreendidos no corpus evidenciam que o sentido de um discurso jamais é único. Há um movimento dinâmico, de transformação e, até mesmo, subversão dos discursos circundantes, elucidando a carga subjetiva e ideológica inserida pelo autor e por sua relação com as diversas vozes que se inserem em um processo de compreensão ativa e responsiva, ou seja, dialógica.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Gêneros do Discurso. Análise dialógica do discurso.

ENUNCIATION, DIALOGISM AND SUBJECTIVITY: THE LIFE PULSING AND THE VOICES IN CONFRONTATION IN THE DISCURSIVE ARENA

ABSTRACT: Among the statements of a discourse, relations of meaning are concretized which are determined by the communicative situation and by the social environment, structured in relation to its content and meaning. These relations are always strained in a discursive arena by different positions that make up a dialogical relationship of meanings between statements with peculiar worldviews, which dialogue and polemize with the other

statements existing in our society, in our culture. Thus, understanding the dialogical relations as semantic threads that are established between discourses, this article aims to elucidate, based on the discursive strategies used in the text, these diverse ideological voices that go through the genre of opinion. The research is characterized as descriptive-qualitative and the theoretical foundation is inserted in the presuppositions of the dialogical theory of the Bakhtin Circle. From the analysis carried out, it was possible to perceive that the dialogism is present in any discourse, even in a genre based on the univocity of the organization of the statements. The phenomena identified and understood in the corpus show that the meaning of a discourse is never unique. There is a dynamic movement, transformation and even subversion of the surrounding discourses, elucidating the subjective and ideological load inserted by the author and his relationship with the various voices that are inserted in a process of active and responsive understanding, that is, dialogic.

KEYWORDS: Dialogism. Discursive genres. Dialogical analysis of discourse.

1 | INTRODUÇÃO

Bakhtin apresentou uma concepção de linguagem que não dissocia a língua das práticas sociais de uso, assim, não a considerando uma representação individual de pensamento. Também compreende que os diferentes usos da linguagem acontecem na forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos sujeitos os quais participam de interações sociais ocorridas em determinados campos de atividades.

Porém, ao mesmo tempo em que os enunciados são singulares, ao analisarmos do ponto de vista da historicidade, eles são dialógicos, pois dialogam constantemente nas interações concretas com outros enunciados já-ditos, agregando e confrontando sentidos, produzindo modos sociais de dizer e agir historicamente. Dessa forma, já que todo enunciado implica em enunciados os quais o antecederam e aqueles que se sucederão no tempo e no espaço, não há enunciados isolados, porque tudo que se refere ao sujeito chega à sua consciência a partir do outro, em uma relação dialógica, realidade de existência do enunciado.

Portanto, partindo do pressuposto de que o dialogismo é constitutivo de qualquer enunciado, resultante de uma interação verbal determinada pela situação social imediata e pelo meio social, objetivamos, através desta pesquisa, elucidar, com base nas estratégias discursivas utilizadas no corpus, as diversas vozes ideológicas que perpassam o artigo de opinião de Juremir Machado da Silva, intitulado *Ignorante de Estimação*, publicado em 06 de julho de 2018, no *Correio do Povo* (blog).

A fim de ratificarmos a ideia de que o dialogismo está presente em qualquer discurso, mesmo em um gênero pautado pela univocidade da organização dos enunciados, construímos a fundamentação teórica desta pesquisa na conceituação de análise dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin, baseando-nos nos livros *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010), *Estética da criação verbal* (2003) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008).

2 | A ENUNCIÇÃO, O MUNDO SUBJETIVO DO LOCUTOR E AS RELAÇÕES DIALÓGICAS QUE PERPASSAM TODO E QUALQUER DISCURSO

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (2010) argumenta que na prática viva da língua, a consciência linguística do enunciador e do enunciatário tem a ver com a linguagem no sentido de “conjunto dos textos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 98).

Esclarece, também, que a enunciação inexistente fora de um contexto socioideológico, uma vez que a define como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, em que cada locutor tem um “*horizonte social definido*” (BAKHTIN, 2010, p. 116), pensado e dirigido a um auditório social também definido. Dessa forma, a enunciação é de natureza social e para compreendê-la é necessário entender que ela acontece sempre numa interação. A verdadeira substância da língua é constituída, para Bakhtin, pelo fenômeno da interação verbal, obtida por meio da enunciação ou das enunciações. “A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN, 2010, p. 127), realizando-se como uma troca de enunciados, na dimensão de um diálogo e por meio da enunciação. *Mikhail Bakhtin* acredita que a palavra é como se fosse uma espécie de ponte lançada entre ele e os outros. “Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2010, p. 117). Assim, toda palavra orienta-se em função do interlocutor, comportando duas faces: procede de alguém e se dirige para alguém. Ela é o produto da interação do locutor e do interlocutor e serve de expressão a um em relação ao outro, em relação à coletividade.

Já que a enunciação é produto da interação social, ela é determinada pela situação social imediata e pelo meio social. O sentido do enunciado também é organizado em função das condições reais da enunciação e “distribui-se entre as diversas vozes que habitam o tecido da linguagem. Estabelece-se, assim, um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados confrontados” (PIRES, 2002, p. 40). Dessa forma, o princípio do diálogo e a noção de alteridade como constitutivos do sentido são pressupostos pela compreensão responsiva ativa “o que faz da enunciação, em Bakhtin, uma atividade intrinsecamente dialógica, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro” (FLORES; TEIXEIRA, 2009, p. 152), pois a linguagem é um processo determinado pela vida social, em constante evolução.

O dialogismo é essencial à natureza da linguagem, uma vez que as relações dialógicas fazem parte de todo fato vivo da linguagem. “A vida autêntica da palavra só é possível sob as condições da interação dialógica” (BAKHTIN, 2008, p. 185). Assim, não se concebe o estudo da língua a não ser na enunciação. Portanto, o dialogismo, tendo como operador a enunciação, é como um axioma da teoria bakhtiniana, que envolve diferentes noções (linguagem, palavra, signo ideológico, sujeito, estilo, compreensão).

Segundo Flores e Teixeira (2009, p. 147), “tal axioma promove a enunciação como centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos, o evento que institui o sujeito na interação viva com vozes sociais.”

Bakhtin acredita que as análises dialógicas devem ser avaliadas por uma nova ciência criada pelo filósofo, a Metalinguística, porque concebe que essas relações não são linguísticas no sentido rigoroso do termo, visto que “a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita, com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica (BAKHTIN, 2008, p. 209). Ao entender, pois, as relações dialógicas como extralinguísticas, Bakhtin argumenta que a Metalinguística seria responsável por fazer uma análise externa, ao passo que a Linguística seria competente à análise da língua, ou seja, uma análise interna.

Já que a linguagem é definida por Bakhtin como uma prática social a qual tem na língua a sua realidade material e a língua é entendida como um “processo de evolução ininterrupto” (BAKHTIN, 2010, p. 132), tendo por base o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância, outro conceito bakhtiniano, relevante para o presente estudo, é o de gêneros discursivos. Justifica-se essa escolha, pois o locutor sempre utiliza a língua para se comunicar por meio de um determinado gênero, focalizando o seu alocutário, com a inclusão de todos os tipos de diálogos e enunciações. O objeto de análise desta pesquisa é o artigo de opinião, considerado um gênero discursivo porque atende a um propósito comunicativo vinculado a uma esfera da atividade humana.

3 | POSSIBILIDADES DE USO DA LÍNGUA: OS GÊNEROS DO DISCURSO

Bakhtin (2003, p. 261) afirma que “o emprego de uma língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Os linguistas que se ocupam do estudo da língua em uso concordam que os mais diferentes tipos de comunicação entre os falantes configuram-se em formas mais ou menos estáveis de enunciados, que constituem gêneros de discurso, pois “fala-se e escreve-se por gêneros e, portanto, aprender a falar e escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros.” (FIORIN, 2006, p. 69). O estudo dos gêneros do discurso por Bakhtin está situado, nas palavras de Flores e Teixeira (2008, p. 55), em “uma concepção de enunciado como possibilidade de uso da língua”, pois o indivíduo apropria-se da língua pela necessidade de enunciar. É uma relação na qual língua e vida apresentam-se como elementos indissociáveis.

As atividades humanas acontecem em esferas, domínios, campos, que são determinados pelos enunciados (unidades reais da comunicação discursiva), pelas atividades desenvolvidas. Os gêneros têm ligação com a cultura, porque os seres humanos comunicam-se por meio desses, que nascem de uma necessidade comunicativa. Como os gêneros do discurso são diversos e diferenciados a cada uso que se faz da linguagem e por surgirem na esfera prosaica da linguagem, incluem

todos os tipos de diálogos e enunciações, num processo dialógico e interativo ao mesmo tempo. Mas Bakhtin chama atenção para o fato de que, apesar de os gêneros serem formas fáceis de combinação, em constante reelaboração, possuem um valor normativo. Esse caráter normativo garante a relativa estabilidade dos gêneros, mencionada pelo autor (2003).

Ao desenvolver a questão dos gêneros, Bakhtin (2003) aponta para a interação social, uma questão central da linguagem. O sujeito enuncia para outro, usando um determinado gênero, interagindo com o mundo. “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2003, p. 301). Assim, antes de tudo, a vontade discursiva do falante realiza-se na escolha do gênero do discurso.

Construídos por certos conteúdos, além de estilo e forma próprios, os gêneros apresentam funções sociais específicas; tornam-se, desse modo, modelos comunicativos os quais permitem a interação social. Bakhtin (2003) acredita que cada esfera da sociedade possui gêneros específicos. Assim, dependendo da esfera social, haverá um tipo específico de gênero a ser utilizado. A recorrência de diversos usos da língua e a variedade dos campos da comunicação humana permitem que os enunciados reflitam todas as finalidades e especificidades de cada situação comunicativa.

O enunciado, segundo Bakhtin (2003), deve ser compreendido como uma unidade discursiva estritamente social, capaz de provocar, por parte do sujeito, uma atitude responsiva. Assim, todo enunciado é produzido por alguém, que possui uma intenção predeterminada. Seguindo esse raciocínio, os gêneros vão sofrendo modificações as quais são consequência do momento histórico no qual se inserem. Todo contexto social origina um gênero, que, segundo Marcuschi (2005, p. 19-20), caracteriza-se como evento textual altamente maleável, dinâmico e plástico, o qual surge emparelhado “a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. [...] os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem”.

Dessa forma, o enunciado é considerado como resultante de uma memória discursiva, repleta de enunciados já pronunciados pelos locutores para formularem seus discursos em outras situações, em outras épocas, pois “cada enunciado é um elo na cadeia complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Portanto, a enunciação tem como característica a relação dialógica, a alternância dos atos de fala. Outra peculiaridade do enunciado é sua conclusibilidade específica, pois um falante, ao terminar seu turno, dá lugar à fala do outro, possibilitando uma posição responsiva.

Na próxima seção, abordaremos a análise do artigo de opinião, um dos gêneros de grande circulação na atualidade. O *corpus* de análise engloba o texto de Juremir Machado da Silva, intitulado *Ignorante de estimação*, publicado em 06 de julho de 2018, no *Correio do Povo* (blog).

Ressaltamos a escolha do corpus pelo fato de abordar opiniões a respeito de

um dos candidatos à Presidência da República: o deputado Jair Messias Bolsonaro, pessoa pública, conhecida do povo brasileiro por sua opinião, muitas vezes, polêmica no que diz respeito às mais diversas pautas (social, política, econômica). Para isso, procedemos a uma leitura do artigo de opinião, a fim de elucidar, com base nas estratégias discursivas utilizadas no texto, essas diversas vozes ideológicas que perpassam esse gênero, mesmo pautado pela univocidade da organização dos enunciados.

4 | ANÁLISE DO CORPUS

Apresentamos, na sequência, o texto a ser analisado.

Ignorante de estimação	
	Juremir Machado da Silva 06/07/2018
1	Perguntemos a uma criança ou a qualquer adulto minimamente informado:
2	qual o grande problema do Brasil? A resposta será esta sem a menor hesitação:
3	a economia. Subtende-se, por exemplo, que a criação de empregos depende do
4	programa econômico. Até Luciano Huck e outros apresentadores de programas
5	de auditório sabem disso. A conclusão lógica só pode ser uma: o país precisa de
6	um presidente que entenda algo de economia. Jair Bolsonaro lidera as pesquisas
7	de intenção de votos quando não há candidatura de Lula na parada. Bolsonaro
8	discursou para empresários. Diante do PIB, declarou não entender de economia.
9	Dez vezes os homens da economia aplaudiram o candidato que se
10	autodeclara ignorante em economia. Bolsonaro disse com imodéstia:
11	– Sou capitão do Exército, sou artilheiro. Mas de economia... eu não estudei
12	economia. Será que nós temos que entender de tudo?
13	Um empresário qualquer, ou em situação normal de temperatura e pressão,
14	teria respondido sem aplaudir e sem aceitar a confissão:
15	– De tudo, não. Só do essencial. Economia é essencial.
16	O capitão que confessa sem constrangimento não entender de economia
17	afirmou, no entanto, que a crise brasileira foi produzida por economistas.
18	Questionado sobre educação, o artilheiro soltou isto:
19	– Não quero falar do que não domino.
20	Mesmo sem entender de economia e educação, Bolsonaro agradou.
21	– Tem que fazer valer a vontade dos senhores – declarou ao PIB.
22	Os aplausos retumbaram como granizo. A fala do candidato revelou, outra
23	vez, a sua visão sobre o papel da mulher na sociedade.
24	– Se nós temos de nos socorrer da esposa e dos filhos para administrar uma
25	casa, quanto mais para administrar um país.
26	Por que um homem ignorante em economia e em educação entusiasma a
27	elite econômica de um país democrático? Será por tiradas como esta?
28	– Vou botar gerais nos ministérios, sim. Qual o problema? Os anteriores
29	botavam terroristas e corruptos e ninguém falava nada.

30 Ou se trata de uma adesão comportamental pelo compromisso do candidato
 31 de combater os terríveis males do politicamente correto expresso numa pérola em
 32 defesa do direito ao divertimento irrestrito?
 33 – Hoje estão tirando nossa alegria de viver, não podemos mais contar piadas
 34 de afrodescendentes, de cearenses, de goianos.
 35 A hipótese mais provável para tantos aplausos possivelmente tenha a ver
 36 com uma postura que o PIB costuma rotular de pragmática:
 37 – Os trabalhadores terão de escolher entre ter menos direitos e emprego ou
 38 todos os direitos e nenhum emprego.
 39 Encurralado no seu excesso de sinceridade, Bolsonaro tentou um drible, que
 40 poderia ser considerado uma queda com descarada simulação:
 41 – O presidente é um técnico, não vai jogar bola, entrar em campo, tem que
 42 ter discernimento, humildade e força para buscar soluções.

A todo instante, estamos nos posicionando a respeito de um determinado assunto que circula na sociedade. Tal atitude desencadeia uma série de posicionamentos, muitas vezes, divergentes, os quais são debatidos e confrontados por meio da interação social. Esse posicionamento concretiza-se a partir da utilização dos gêneros textuais, dentre eles, o artigo de opinião, pautado no posicionamento do autor diante de algum tema atual e de interesse de muitos, num gênero claramente argumentativo.

No *corpus* analisado, o escritor traz para a pauta o candidato à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, emitindo a visão de Juremir a respeito de um discurso feito pelo então deputado a empresários, no dia 03 de julho de 2018. Segundo o Jornal *O Estadão* (04 de julho de 2018), o encontro foi iniciativa de Abilio Diniz, um dos maiores acionistas do Carrefour, e de Rubens Ometto, dono da Cosan. O jornal esclarece, ainda, que outras reuniões serão feitas: Marina Silva (Rede), Ciro Gomes (PDT) e Geraldo Alckmin (PSDB) já foram convidados.

O artigo de opinião, como toda unidade de expressão de linguagem, materializa uma “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 289), o que já se verifica no título apresentado pelo autor, com uma visão de mundo que é individual, única e intransferível do sujeito autor. Em suas interações cotidianas, os indivíduos manifestam um envolvimento com o mundo, que segundo a teoria dialógica bakhtiniana, dar-se-ia por meio de avaliações que o sujeito faz em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo. Tudo isso se torna visível pela linguagem em seu uso concreto nas mais diversas categorias de palavras. Assim, a adjetivação explicitada no título serve não só para fixar um posicionamento do autor a respeito do tópico temático tratado, mas para enfatizar a sua proposta e enfraquecer, mediante a desqualificação, as vozes potencialmente dissidentes (PIRES; KNOLL; CABRAL, 2016, p. 125).

Quando o texto é intitulado como “Ignorante de estimação”, há um posicionamento dialógico cristalizado referente a animais de estimação, ou seja, ele é “meu animal de estimação e mesmo dizendo absurdos, continuo a apreciá-lo”, havendo uma tolerância a qualquer atitude que venha desse ser, mesmo, muitas vezes, entendendo não ser

a mais adequada ou justa. E, posteriormente, comprova-se esse “apreço” pelas falas atribuídas a Bolsonaro, concretizando-se em um discurso pronto, óbvio, que agrada, que diz o que o povo quer ouvir (ou ao menos uma parte dele), por exemplo, a fala da linha 21 “– Tem que fazer valer a vontade dos senhores – declarou ao PIB”. Acreditamos que o uso da primeira pessoa no enunciado “Perguntemos a uma criança ou a qualquer adulto minimamente informado [...]” (linha 1) é intencional, com o intuito de aproximação do seu ponto de vista com o do leitor, com a voz do outro, tornando-o parceiro na interação verbal, objetivando a mesma visão de mundo no que se refere ao grande problema do Brasil: a economia.

Seja em uma situação imediata ou em um contexto mais amplo, todo enunciado é uma resposta a um já-dito sobre o assunto em questão, uma vez que há uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (BAKHTIN, 2003). No primeiro parágrafo ao fazer a pergunta e responder ao mesmo tempo, sobre qual o grande problema do Brasil (linhas 1-3), o autor, ao declarar que seria a “economia”, expressa a sua visão sobre o problema, pois nem todos responderiam dessa forma. Acredita-se que a resposta poderia ser a violência, a segurança pública, a fome. Mas todo o trabalho argumentativo está sendo conduzido para o foco do discurso do Bolsonaro - falar para economistas. A utilização do advérbio “minimamente” (linha 1) confere um tom de desprezo às pessoas que não têm a capacidade de pensar a economia como algo relevante atualmente; assim, todo ser humano que não seja ignorante, deveria saber, sem titubear, a resposta.

Portanto, como em qualquer uso da linguagem, a intersubjetividade é construída a partir da percepção do autor como produtor de um enunciado e do outro como leitor diante do artigo, ou seja, da alteridade: “Naquele momento, o indivíduo que lê o texto, por uma compreensão responsiva da linguagem, torna-se parceiro da interação social realizada” (PIRES; KNOLL; CABRAL, 2016, p. 124). Essa “verdade”, essa constatação trazida pelo autor, é uma verdade subjetiva que vem ao encontro da citação posterior “criação de empregos depende do programa econômico” (linhas 3 e 4), sobre o qual o deputado não fala abertamente. Ele já mencionou em várias entrevistas que seu projeto econômico seria trazer um economista para pensar sobre tal assunto, diferente de outros candidatos.

Outro termo pejorativo apresentado é a preposição “até” quando escreve “Até Luciano Huck e outros apresentadores de programas de auditório sabem disso” (linhas 4 e 5). Definitivamente, os apresentadores não são as pessoas mais apropriadas para falar sobre o tema, especialmente Luciano - cujo nome foi cogitado como possível candidato à presidência -, mas, mesmo não sendo, eles entenderiam mais do que o próprio Bolsonaro.

A avaliação do enunciatário pelo autor modelará a forma e o modo de produção de seus enunciados, que serão diversos conforme a situação social e a importância de seu interlocutor, seus posicionamentos e pontos de vista. No último período do primeiro parágrafo, encontra-se o ponto de partida de todos os argumentos apresentados

no texto de Juremir: “Diante do PIB, declarou não entender de economia” (linha 8). Essa declaração, no próximo parágrafo, vem ao encontro da indignação do autor, ao afirmar que mesmo não entendendo de economia, ao falar para um grupo seletivo de economistas, foi aplaudido: “Dez vezes os homens da economia aplaudiram o candidato que se autodeclara ignorante em economia.” (linhas 9 e 10); aqui, também, tem-se a comprovação de que não passaria de um “Ignorante de estimação”, título dado ao artigo.

Barros (2007, p. 31), ao mencionar o dialogismo bakhtiniano como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso, argumenta que o discurso sempre é coletivo, já que “se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais [...], porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos”. Assim, a escolha das palavras para a edificação de um enunciado é impregnada por outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais o locutor posiciona-se, o que se efetiva em todas as afirmações feitas por Bolsonaro ao dirigir-se ao grupo de economistas. Todo esse diálogo é posto pelo autor em discurso direto, a fim de tornar verossímil o seu repúdio a qualquer manifestação feita pelo candidato no encontro mencionado.

Todavia, há um discurso direto, na linha 15, o qual não é atribuído a Bolsonaro, mas a “um empresário qualquer, ou em situação normal de temperatura e pressão” (linha 13) ao atribuir uma resposta ao questionamento outorgado ao candidato, quando pergunta se necessita entender sobre tudo. A resposta foi: “– De tudo, não. Só do essencial. Economia é essencial” (linha 15), a qual dialoga com outros discursos que circulam sobre possíveis incongruências discursivas do deputado, comprovando que Juremir não se encontra isolado em suas convicções.

É importante ressaltar que os discursos diretos, apresentados neste gênero, possuem todas as características para serem conceituados como tais; contudo, não há certeza de que sejam transcrições literais da fala de outrem. O que se pode constatar são as várias vozes as quais ecoam desses supostos diálogos, visto que ao reproduzirmos o discurso do outro, nele podemos captar a expressão original, do outro e aquela atualizada, a qual é introduzida por nós no enunciado do qual vai fazer parte, ou seja, há uma dupla expressão. (BAKHTIN, 2003). Assim, é no enunciado que se dá o contato entre a língua e a realidade. Lembrando que nessa interação feita em discurso direto “o narrador pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colori-lo com as suas próprias entonações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo” (BAKHTIN, 2010, p. 157). Quando se reporta um discurso anterior, pode haver uma deformação pela escolha do fragmento a ser citado, por uma contextualização, por uma entoação, porque a subjetividade do autor está presente nessa escolha.

Outra particularidade notada na reprodução do discurso direto é o preconceito análogo aos enunciados explicitados no que se refere às mulheres, aos afrodescendentes e aos naturais de algumas regiões do país, o que dialoga com outros discursos do

personagem proferidos e facilmente encontrados nas redes sociais: “– Se nós temos de nos socorrer da esposa e dos filhos para administrar uma casa, quanto mais para administrar um país” (linhas 24 e 25) e “– Hoje estão tirando nossa alegria de viver, não podemos mais contar piadas de afrodescendentes, de cearenses, de goianos” (linhas 33 e 34).

Nas linhas 16 e 18 há uma retomada de Jair Bolsonaro com os termos capitão (linha 16) e artilheiro (linha 18), termos utilizados pelo próprio deputado em uma de suas respostas “– Sou capitão do Exército, sou artilheiro” (linha 11). Todavia, acreditamos tratar-se de uma retomada irônica, principalmente do segundo termo mencionado, se analisarmos sua ligação com o verbo “soltar”, no enunciado: “Questionado sobre educação, o artilheiro soltou isto: – Não quero falar do que não domino” (linhas 18-19). O uso do verbo “soltar” não remonta a algo pensado, organizado. Portanto, palavra perigosa ao ser proferida por um artilheiro, já que esse é responsável pelo comando ou ação da artilharia. E, se não pensar com exatidão, talvez não acerte “o alvo”.

Ao se perguntar “Por que um homem ignorante em economia e em educação entusiasma a elite econômica de um país democrático? [...]” (linhas 26-32), responde com duas possibilidades, as quais são ligadas pela conjunção alternativa ou; essa marcas – pontos de interrogação – que sinalizam o diálogo entre vozes, abrem espaços a uma resposta potencial daquele que lê ou ouve a mensagem questionadora; contudo, essas perguntas são retóricas, as quais não querem suscitar respostas, mas buscam enfatizar um ponto de vista do autor: qualquer possibilidade escolhida pelo interlocutor sempre terá uma consequência negativa, evidenciando o posicionamento contrário do historiador em relação às teses defendidas pelo político citado.

Ao construir um discurso, o locutor leva em consideração a representação que um sujeito tem de seu destinatário, juntamente com todo esse eco dialógico produzido por seus enunciados já proferidos e todos os enunciados de outros sobre o mesmo assunto, contidos em sua memória. Essas ressonâncias trazem consigo juízos de valor, posicionamentos ideológicos que constituem a relação do enunciado com outros, com seu autor e com a realidade. Assim, ao afirmar que a palavra viva, enunciada, é impregnada de componente ideológico (o que vai ao encontro da interpretação de mundo feita pelo produtor do enunciado), temos na “palavra um índice sensível também de questões de classe social” (PIRES; KNOLL; CABRAL, 2016, p. 126), de defesa de minorias, de luta por direitos iguais. O jornalista escolheu os seguintes diálogos atribuídos a Bolsonaro: “– Se nós temos de nos socorrer da esposa e dos filhos para administrar uma casa, quanto mais para administrar um país.” (linhas 24 e 25) e “– Hoje estão tirando nossa alegria de viver, não podemos mais contar piadas de afrodescendentes, de cearenses, de goianos.” (linhas 33 e 34). Essa escolha explícita a opinião do candidato referente ao papel e a importância das mulheres na sociedade e a visão que ele tem sobre entretenimento: fazer piadas das minorias discriminadas e oprimidas. Essas ideias são trazidas à tona para serem refutadas pelo autor do artigo, o qual não compartilha da mesma ideologia.

Diante das análises realizadas, podemos concluir que o artigo de opinião é dialógico, porque a linguagem, um processo determinado pela vida social, em permanente evolução, permite que tanto o sujeito que escreve, quanto o sujeito que lê, participe do ato comunicativo sem qualquer passividade. Além disso, esse gênero é carregado de ressonâncias de outros discursos e enunciados presentes na sociedade: problemas brasileiros (educação, economia), preconceitos, futuro do governo brasileiro, opiniões sobre determinados candidatos à presidência. Assim, há uma comprovação de que os enunciados “não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns aos outros. [...] É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras”. (BAKHTIN, 2003, p. 297). O artigo de opinião funciona como um elo de comunicação entre o autor e o sujeito leitor, entre um eu e um outro inseridos discursivamente.

5 | CONCLUSÃO

Somos sempre intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura, em nossa vida. Desse modo, ao produzirmos discursos, não somos a fonte deles, o que suscita uma relação dialógica polêmica, em que o sentido de um discurso jamais é último: há uma possibilidade sem limites de sentidos que retornam à memória, em outros contextos provocando novos sentidos nesse diálogo entre enunciados.

Apesar de não ceder lugar a outras vozes, portanto não polifônico (impregnado de diferentes vozes ou vozes plurais no enunciado ou no discurso), o artigo de opinião, repudiando ou silenciando vozes destoantes da posição defendida pelo autor, enquanto ato de comunicação, é repleto de uma realidade social, histórica, cultural, econômica e simbólica. Esse gênero efetua-se no cruzamento de sujeitos discursivos, de ideologias, de pontos de vista que dialogicamente mobilizam significados os quais são infinitos e que suscitam outros em uma cadeia ininterrupta de interação verbal.

A noção que o sujeito produtor do enunciado tem de seu coparticipante interativo é um dos fatores decisivos para as escolhas discursivas, ou seja, para a decisão de como enunciar. Assim, qualquer valoração feita no gênero analisado transita sempre pela questão ideológica da representação da visão de mundo do autor, que institui no interior do discurso um jogo dramático de vozes, por meio da observação do ser humano, um ser social e público, em constante relação intersubjetiva de alteridade, através da compreensão de seu discurso que ecoa e dialoga com outras vozes.

O dialogismo bakhtiniano refere-se ao princípio constitutivo da linguagem, define as relações languageiras, as práticas discursivas, as visões de mundo. É resultante de um embate de vozes, o que comprova que todo texto, inclusive o de Juremir Machado da Silva, intitulado “Ignorante de estimação”, é, por essência, dialógico.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS, Diana Luz de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2007. p. 21-38.
- BOLSONARO pede apoio a nomes de peso do PIB nas eleições 2018. **Estadão**. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bolsonaro-pede-apoio-a-nomes-de-peso-do-pib-nas-eleicoes-2018,70002385201>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste**. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela. Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-45.
- PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e Alteridade ou a Teoria da Enunciação em Bakhtin. **ORGANON - Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 35-48, 2002.
- PIRES, Vera Lúcia; KNOLL, Graziela Frainer; CABRAL, Éderson. Dialogismo e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 119-126, jan./mar. 2016.
- SILVA, Juremir Machado da. **Ignorante de estimação**. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2018/07/10989/ignorante-de-estimacao/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

ORTOÉPIA E PROSÓDIA: UM ESTUDO DESCRITIVO

Data de submissão: 08/10/2019

Adílio Junior de Souza

Universidade Regional do Cariri, Departamento de
Línguas e Literaturas
Missão Velha – Ceará
<https://orcid.org/0000-0001-5545-6441>

Maria Lidiane de Sousa Pereira

Universidade Regional do Cariri, Departamento de
Línguas e Literaturas
Missão Velha – Ceará
<https://orcid.org/0000-0002-0048-1321>

RESUMO: O presente artigo reflete algumas considerações acerca da noção da ortoépia/prosódia em uma abordagem descritiva. Tem como objetivo discutir os conceitos de sílaba e acento, seus tipos e características, com exemplos da língua portuguesa. Nas análises, examinaremos a introdução da Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem, de Jerónimo Soares Barbosa (1822). A pesquisa realizada insere-se no campo dos estudos da Historiografia Linguística, onde o estudo das fontes é priorizado. É uma pesquisa comparada. O referencial teórico eleito para embasar este estudo se constitui pelas seguintes gramáticas:

Cipro Neto e Infante ([1998] 2008), Bechara ([1961] 2009), Cunha e Cintra ([1985] 2001), Cegalla ([1962] 2008) e Rocha Lima ([1957] 2011). Além disso, na metodologia, fazemos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Partindo do pressuposto de que a ortoépia/prosódia é parte da gramática, defendemos, assim, a importância de seu uso para o ensino de língua materna.

PALAVRAS-CHAVE: Ortoépia. Prosódia. Acento. Sílaba.

ORTHOEPY AND PROSODY: A DESCRIPTIVE STUDY

ABSTRACT: The present paper reflects some considerations about the meaning of orthoepy/prosody in a descriptive approach. It aims to discuss the concepts of accent and syllable, their types and characteristics, with examples from the Portuguese language. In the analysis, we examine an introduction of the Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem, by Jerónimo Soares Barbosa (1822). The research carried out is inserted in Linguistic Historiography field, where the study of the source material is prioritized. It's a comparative research. The theoretical framework selected to base this research is constituted by the following grammars: Cipro Neto and Infante ([1998] 2008),

Bechara ([1961] 2009), Cunha and Cintra ([1985] 2001), Cegalla ([1962] 2008) and Rocha Lima ([1957] 2011). Apart from that, in the methodology, we do a bibliographical research. Based on the assumption that the orthoepy/prosody is a part of grammar, we advocate, thus, the importance of this and his use for the teaching of mother tongue.

KEYWORDS: Orthoepy. Prosody. Accent. Syllable.

1 | INTRODUÇÃO

Assim como procedeu Maria Helena de Moura Neves, em 1995, quando fez, como ela mesma afirma, “uma incursão nas gramáticas portuguesa em busca do conceito de prosódia” (NEVES, 2010, p. 51), agora o fazemos aqui, de modo mais abreviado que aquele, porém com outro olhar.

Nosso intuito, ao realizarmos um percurso histórico e comparado em gramáticas escritas em língua portuguesa confeccionadas no século XX, é abordarmos os conceitos tanto de prosódia (greg. *προσωδία* / lat. *prosōdīa*) como de *ortoépia* (greg. *ὀρθοέπεια* / lat. *orthoepēia*), buscando compreendê-los mais a fundo, para, em seguida, aplicarmos esse conhecimento ao português brasileiro.

Apesar da grande importância que os estudos de prosódia tiveram no passado, basta lembrarmos da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão Doliueira (atualmente, grafado Fernando Oliveira ou Fernão de Oliveira) (1536) e da *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros (1540), para notar que, hoje em dia, o tema deste trabalho estará adormecido ou tem sido evitado por ser espinhoso. Talvez a mais completa pesquisa sobre esse assunto tenha sido a coletânea produzida por Araújo (2007), há mais de uma década.

Evidentemente, não pretendemos, neste estudo, extinguir todas e quaisquer dúvidas em relação ao fenômeno da acentuação gráfica do português atual, tampouco tratar do Novo Acordo Ortográfico em vigor. Na verdade, nosso objetivo é remontar os conceitos supracitados a partir de uma perspectiva historicista e comparativista, fundamentada na Historiografia Linguística. Para tanto, trazendo à lume as gramáticas de: Cipro Neto e Infante ([1998] 2008), Bechara ([1961] 2009), Cunha e Cintra ([1985] 2001), Cegalla ([1962] 2008) e Rocha Lima ([1957] 2011). As edições recentes dessas gramáticas, salvo questões de ordem textual ou gráfica, pouco foram alteradas em sua essência, o que nos leva a entendê-las como um *continuum* do pensamento gramatical de séculos anteriores.

O texto de partida para a análise advém da introdução da edição fac-similar da *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa lingoagem*, escrita por Jerónimo Soares Barbosa, em início do século XIX. Nela, observamos mais detidamente a seção da introdução, entre as páginas IV e VI, as quais definem e especificam o papel da *ortoépia/prosódia* nos estudos da “boa pronúncia” da língua portuguesa.

Em seguida, abordamos as noções de sílaba, suas características, a classificação

das palavras quanto ao número e acento dessas sílabas. Fazemos isso com exemplos elucidativos sobre os tópicos mencionados.

2 | UMA TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO DOS TERMOS ORTOÉPIA E PROSÓDIA

Em uma primeira tentativa de conceituação do termo ortoépia, recorremos a clássica compreensão de Cândido de Figueiredo, no Novo Dicionário da *Língua Portuguesa*: “**orthoepia** *f.* Pronúncia correcta. Parte da Grammática, que ensina a bôa pronúncia. – Usa-se a prosódia *ortoépia*, mas não é rigorosa. (Do gr. *orthoepia*)” (FIGUEIREDO, 1903, p. 1.450, grifos do autor).

Mais recentemente, na *Novíssima gramática* da língua portuguesa, Domingos Paschoal Cegalla, assim define o termo: “A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronúncia das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua” (CEGALLA, 2008, p. 44, grifos do autor). Desse modo, a ortoépia tem uma preocupação estritamente normativista, no sentido de determinar as regras elementares da correta pronúncia de vocábulos e palavras de um determinado idioma.

Uma dessas preocupações diz respeito ao modo como se pronuncia uma dada sequência de seguimentos sonoros. Daí um caráter normativista, com vistas a conduzir uma correção em sentido amplo, da emissão dos seguimentos consonânticos e vocálicos, respeitando as características das sílabas e o contexto fonético-fonológico.

Ainda numa perspectiva historicista, o vocábulo latino *prosōdīa* significa literalmente “acento tônico” ou “quantidade das sílabas” (MONIZ, 2001, p. 550). Em suma:

Todos os conceitos têm como princípio o que etimologicamente é sugerido pelo vocábulo correspondente em latim *accētus*, *us*, que quer dizer, ‘o levantar ou abater a voz numa sílaba’. O tema acento remete a outro vocábulo também latino *prosōdīa*, *ae*, ‘quantidade das sílabas’, que é derivado do grego *prosōidīa*, *as*, ‘canto de acordo com’. Na estrutura profunda, tanto *prosódia*, do grego, quanto acento, do latim, referem-se ao canto ou melodia das sílabas na pronúncia das palavras ou, conforme Oliveira, na pronúncia das dições (SANTIAGO-ALMEIDA, 2007, p. 12).

Com isso, compreendemos que tanto um quanto o outro termo trata-se das mesmas noções teóricas: acento e pronúncia da sílaba. Voltemos, pois, ao que nos diz Figueiredo (1903), que nos legou a seguinte aceção de prosódia:

prosódia *f.* Pronúncia regular das palavras, em harmonia com a accentuação. Pronúncia. Parte da Grammática, que tem por objectivo a pronúncia das palavras; *orthoépia*. * Mús. Bôa ligação das palavras com os accents melódicos, de fórmula que as *sýllabas* longas e breves mantenham a accentuação própria. (Lat. *prosodia*) (FIGUEIREDO, 1903, p. 1.649, grifos do autor).

Cegalla (2008, p. 46), por seu turno, nos diz que a prosódia é “a parte da fonética

que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras”. Os chamados “acentos prosódicos” fazem parte da investigação dessa área. De modo análogo ao que disse Cegalla, Rocha Lima diz, em sua Gramática normativa da língua portuguesa, que a prosódia é o “estudo especial da acentuação”, sendo esta “o relevo dado a um elemento fonético” (LIMA, 2011, p. 60), isto é, a acentuação “é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros” (BECHARA, 2009, p. 67).

Corroborando com Cegalla e Rocha Lima, Evanildo Bechara afirma, em sua *Moderna gramática portuguesa*, que a prosódia “é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas. A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada tônica” (BECHARA, 2009, p. 66). Além da preocupação com sílaba tônica, as sílabas átonas podem ser destacadas, dependendo do tipo de investigação a ser feita.

Notamos que, apesar de as definições dadas por Cegalla (2008), Rocha Lima (2011) e Bechara (2009) apresentarem certa relação entre si e retomarem o mesmo sentido contido no verbete dado por Figueiredo (1903), algo fica evidente: Cegalla e Bechara afirmam que a prosódia integra a fonética, enquanto Figueiredo a coloca no interior da gramática. Ora, isso implica em diferentes interpretações.

Primeiramente, é preciso dizer que a Fonética é a ciência dos sons da fala, isto é, tem os fones como fenômeno elementar de estudo; diferentemente da Fonologia, por exemplo, que é a ciência dos sons da língua, ou seja, tem como foco os chamados fonemas, bem como os fenômenos e relações que estabelecem entre si na língua enquanto sistema (MORI, 2012; MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2012; CALLOU; LEITE, 1994). Logo, dizer que a prosódia faz parte da Fonética é dizer que ela carrega em si o peso de uma ciência descritiva, não apenas do aparelho fonador em si, mas também de toda a produção dos seguimentos, incluindo aí uma descrição do modo e ponto ou zona de articulação.

Em segundo lugar, podemos dizer que, etimologicamente, a gramática “é o estudo do sistema de uma determinada língua, excluindo de seu campo de atuação o léxico (das palavras, que formam o dicionário) e da fonologia (sistema de sons de uma língua)” (SILVA, 2010, p. 73). Assim entendida, a gramática engloba os estudos dos seguintes temas: léxico, ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe (BORBOSA, 1822; NEVES, 2010). Esta é a concepção clássica do termo, de modo que, a gramática comporta inúmeras tipologias e classificações, como bem apontou Souza (2017; 2019).

Por adotarmos uma abordagem historicista, entendemos a ortoépia/prosódia como integrantes dos estudos gramaticais que remontam a antiguidade clássica. A gramática tradicional que ainda hoje tende a vigorar no ensino de língua no cenário das escolas brasileiras é o resultado de uma adaptação da gramática grega, via gramática latina (NEVES, 2005; 2011; MARTELOTTA, 2018). Assim posto, fazemos a seguir um exame mais detalhado do assunto a partir da obra de Barbosa (1822).

3 | ANÁLISE DA INTRODUÇÃO DA *GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA PORTUGUEZA DE BARBOSA (1822)*

Recorrendo ao cabedal da filologia, utilizamos, nesta análise, uma edição fac-símile da *Grammatica philosophica da lingua portugueza* ou princípios de *grammatica geral applicados à nossa linguagem*, de Jerónimo Soares Barbosa (1822), disponível para livre acesso na Biblioteca Nacional de Portugal (biblioteca nacional digital), em arquivo digital. Para esse tipo de edição, “tem-se a reprodução fotográfica do documento, em tamanho natural” (MASSINI-CAGLIARI, 2007, p. 31). Por questões metodológicas e didáticas, optamos por reproduzir de modo paleográfico os excertos selecionados para discussão, facilitando a leitura.

Logo de início, o gramático esclarece os termos da seguinte maneira:

A Orhoepia, que henemendata cum suavitate vocum explanatio, comprehende não so o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como o corpo dos vocabulos; mas tambem o das modificações musicaes, de que os mesmos são susceptiveis, relativas ou ao canto e melodia, chamadas Accentos, ou ao compasso e rhythmo, nascidas da quantidade das syllabas. Esta parte musical da Orhoepia ou Boa Pronunção tem o nome de Prosodia, da qual a maior parte dos Grammaticos fizerão huma das [...] (BARBOSA, 1882, p. IV).

Para Barbosa, a ortoépia traz em si uma preocupação voltada para a explanação da suavidade da voz, o que inclui aí o conhecimento dos seguimentos sonoros (vogais e consoantes), bem como suas modificações musicais, isto é, a acentuação e quantidade das sílabas que cada palavra apresenta. Nesse sentido, a prosódia é parte da ortoépia, que, por sua vez, integra a gramática.

Em seguida, complementa:

[...] das quatro partes da *Grammatica*, ou não fazendo caso, e desdenhando ainda os primeiros princípios da Boa Pronunção e Leitura, ou incluindo-os na mesma Prosódia.

Porém a *Orhoepia*, ou observação dos sons elementares e fundamentaes da Linguagem articulada, e a sua boa *Esckriptura* foi a primeira e ainda a unica parte da antiga *Grammatica*, como acabamos de ver. A Prosodia não foi reduzida a arte, senão muito tarde. Sendo, como são, tantas, tão finas, e quasi imperceptiveis as modificações, que os sons fundamentaes recebem na pronunção; por huma parte era difficil o observal-as ao principio e ainda mais o pintal-as na esckriptura; e por outra parecia isto excusado. O uso vivo da pronunção assaz ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento. So quando se tractou de communicar aos estrangeiros não so a lingua escripta, mas ainda a sua pronunção viva; he que se começarão a dar regras sobre esta parte da *Orhoepia*. Aconteceo isto na *Lingua Grega* pouco antes do tempo de Cicero. Os signaes mesmos destes accentos, postos por cima das vogaes, bem mostram que são de huma data muito posterior (BARBOSA, 1882, p. V).

Sobre esse assunto, é válido ressaltar que Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), ainda no início do século XVI, já advertiam que a gramática era composta por quatro partes: ortoépia, ortografia, etimologia e sintaxe. Barbosa as

ressalta:

[...] a Orthoepia, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar;

A Ortographia, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar;

A Etymologia, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, a analogia de suas variações e propriedades geraes;

E a Syntaxe finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado [...] (BARBOSA, 1822, p. 01, grifos do autor).

Do exposto, vemos que o gramático diz ser a ortoépia uma arte, isto é, uma ciência, apesar de que por muito tempo havia sido preterida. Foi, após a necessidade para o ensino de língua grega, que se passou a ter uma maior preocupação de conservação de uma “correta” pronúncia dos grafemas, que isso se deu. Esse foi um fato significativo para a história da civilização grega, uma vez que isso permitiu a transmissão dessa língua ao mais vasto terreno na Europa. Fato similar ocorreu com a língua hebraica, uma língua que renasceu no século XIX, após um longo e intenso trabalho de restauração realizado por Eliezer Bem-Yehuda (RABIN, 1973).

Línguas clássicas, tais como o latim, grego e hebraico, só puderam ser transmitidas graças ao estudo de ortoépia/prosódia, a partir de instrumentos linguísticos (mais especificamente, gramáticas, retóricas e dicionários). Nesses casos, é possível que se diga que se tratam de casos isolados, de línguas mortas. Contudo, quando falamos em línguas vivas, o fato não é diferente. Quando Barbosa disse que “O uso vivo da pronúncia assaz ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento” (BARBOSA, 1882, p. V), ele também se referia a uma língua viva, o português. Ora, é impossível ao estrangeiro vindo da Alemanha, por exemplo, ao chegar ao Brasil e não se deparar com uma pronúncia de língua muito diferente da sua. Até mesmo para um falante da língua portuguesa, essas questões ainda causam certo estranhamento, especialmente, quando ele está diante de uma variedade linguística de outra região.

Em sala de aula, muitas vezes, há uma heterogeneidade linguística que vai desde pequenas diferenças linguísticas, com variações de sotaques, dialetos e até mesmo de línguas, como as que se vê em escolas da fronteira do Brasil com outros países da América Latina.

Por tanto o nome de Prosodia, dado até agora a esta parte da Grammatica, por huma parte não comprehende todo o seu objecto, e por outra supõe antes de si o conhecimento dos sons fundamentaes da Lingua, do qual a Grammatica nunca prescindio, nem pode prescindir, visto ser necessario, e indispensavel para regular a boa pronúncia, e consequentemente a sua boa Escripura e Orthographia. He verdade que de muito tempo a esta parte se tem entregado o ensino destas duas partes da Grammatiza Portugueza, aos Mestres de Eschola, pela maior parte pouco hábeis. Porém daqui tem procedido [...] (BARBOSA, 1882, p. V).

Vemos aqui uma crítica de Barbosa a má compreensão que se tem em relação aos dois termos em discussão. Para ele, o termo prosódia é insuficiente para dar cabo do papel que desempenha na gramática. Outra crítica que ele faz diz respeito ao conhecimento do assunto, na época, que muitos “professores” não detinham. Segundo o autor, isso era causa da pouca aprendizagem, visto que se despendia muito tempo com o aprendizado de “coisas fúteis”.

[...] procedido os maos methodos, com que a primeira idade perde nas Escolas boa parte do seu tempo, e gasta outra em aprender couzas, que depois tem, ou de desaprender, ou de reformar. He justo pois que a couza torne a seu dono, e que os Grammaticos tornem outra vez a si esta parte da Grammatica, que ensina a teoria dos sons, e tudo o que pertence á boa pronunciaçãõ e leitura da Lingua; pois que tem sido tão mal desempenhada em mãos estranhas. O nome de Orthoepia, que damos a esta primeira parte da Grammatica, he mais próprio e accommodado a caracterizal-a que o de Prosodia (BARBOSA, 1882, p. V).

Por fim, Barbosa advoga pelo retorno do ensino da correta pronúncia calcado na ortoépia. Sendo que isso só ocorreria de modo satisfatório se esse ensino voltasse para as mãos daqueles que de fato dominaram essa arte, os gramáticos. E, sintetiza, reafirmando que a ortoépia é o termo mais apropriado a essa parte da gramática.

O posicionamento de Barbosa no tocante ao domínio exclusivo dessa arte por parte dos gramáticos, seria hoje, para muitos estudiosos da língua, algo questionável, uma vez que no Brasil, por exemplo, já existem linguistas que depreenderam a confecção de gramáticas do português brasileiro e nelas vemos uma preocupação com as variedades linguísticas e sua compreensão. Tais gramáticas linguísticas têm seu valor inquestionável, pois, dentre outras questões, por serem, geralmente, de cunho descritivo, estão pautadas em dados reais de diferentes variedades que compõem a língua. Mas também é preciso levar em consideração a época em que foram produzidas (SOUZA, 2017; 2019). Além das gramáticas escritas por linguistas, temos outras que foram produzidas por gramáticos, muitos deles formados com uma base sólida nos estudos da ciência da linguagem (tais como Bechara), nas quais, como já vimos aqui, a ortoépia tem o seu devido lugar.

4 | A SÍLABA

A sílaba é, grosso modo, “um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório” (BECHARA, 2009, p. 66), ou dito de modo similar, a sílaba é “um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz” (CEGALLA, 2008, p. 36) ou, ainda, trata-se de um “conjunto de fonemas emitidos de uma única vez” (ROBERTO, 2016, p. 174). As definições dadas por Bechara (2009), Cegalla (2008) e Roberto (2016), apesar de serem sucintas, nos informam que a sílaba é, na verdade, o resultado de uma realização articulatória de um ou mais de um seguimento sonoro, portanto, uma produção fisiológica.

Dito em termos fonéticos mais precisos:

Na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular e constante. De fato, os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões constitui a base de uma sílaba. A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que intensifica-se atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força [...] (SILVA (2003, p. 76, grifo da autora).

Dependendo de quantas sílabas uma palavra apresentem, mais movimentos musculares serão exigidos do aparelho fonador, uma vez que, para cada uma delas, um novo processo articulatorio é empregado (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011).

Na língua portuguesa, o núcleo ou pico silábico será sempre uma vogal, sendo essa o ponto mais elevado da sílaba, isto é, seu ápice. É válido ressaltar o que dizem Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante (2008), na Gramática da língua portuguesa: “Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba” (CIPRO NETO; INFANTE, 2008, p. 24). Em outras línguas, como, por exemplo, o hebraico e aramaico, o núcleo silábico pode ser ocupado por uma consoante (SILVA, 2003).

As sílabas podem ser simples ou compostas. As primeiras contêm apenas o núcleo silábico constituído por uma única vogal; as segundas são aquelas em que há a presença de uma semivogal (glide) posta antes ou após o núcleo, ou seja, além da vogal propriamente dita, existe também uma semivogal que a ela se liga, formando um ditongo crescente ou decrescente (BECHARA, 2009; SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011).

4.1 Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

A partir da leitura de Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Cipro Neto e Infante (2008), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011), é possível dizer que, pelo número de sílabas em uma dada palavra, podemos classificá-las em:

a) monossílabas (com apenas uma sílaba): a; eu; tu; ti; te; mim; mão; cão; pó; luz; pão; pães; mau; rei; boi; véu; ó; há; é; pé; lá; cá, há, fé; mar, de, dê;

b) dissílabos (com duas sílabas): livro; rua; herói; sonhar; água; trama; caixa; noite; caí; mala; tapa; vara; cada; você; carro; prato; cama; café;

c) trissílabos (com três sílabas): aluno; criança; português; jogador; cabeça; ouvido; saúde; circuito; panela; comida; banana; cômoda; balada; bocado;

d) polissílabos (com mais de três sílabas): estudante; universidade; empreendimento; contentamento; liberdade; casamento; americano; responsabilidade; jesuíta; tapeçaria; mamadeira; sapateiro; fonética;

infelizmente; transposição.

4.2 Características das sílabas

De acordo com a proposta teórica de Cunha e Cintra (2001), na Nova gramática do português contemporâneo, a nossa percepção distinta das sílabas tônicas e átonas de uma determinada palavra advém da “dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas” que determinam “os sons da fala humana” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). As qualidades podem ser: intensidade, tom, timbre e quantidade.

Por intensidade, entendemos a “força expiratória com que são pronunciados” tais sons (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). Muitas línguas neolatinas, entre tais, a língua portuguesa, apresentam grande parte das palavras com essa característica.

Realmente, o acento característico da língua portuguesa é o de intensidade, que, regular e fixo, assinala sempre determinada sílaba de cada vocábulo, funcionando, portanto, como elemento gramatical próprio do idioma — capaz, inclusive, de diferenciar o valor morfológico e significativo de palavras que têm os mesmos fonemas distribuídos na mesma sequência (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42).

Vejamos, por exemplo:

➤ esta (pronome)	está (verbo)
➤ ira (substantivo)	irá (verbo)
➤ pronúncia (substantivo)	pronuncia (verbo)
➤ sabiá (substantivo)	sabia (verbo)
➤ dúvida (substantivo)	duvida (verbo)

O tom (também dito altura musical) é a “frequência com que vibram as cordas vocais na sua emissão” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). Os sons podem ser altos ou baixos (LIMA, 2011).

O timbre (também dito metal de voz) é o “conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquela nas cavidades por onde passa o ar” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). Quanto ao timbre, as vogais podem ser abertas (e semiabertas) ou fechadas (LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2001). Ex.:

- vogal aberta: [a] casa
- vogais semiabertas: [ɛ] sela; [ɔ] cola
- vogais fechadas (- altas/ - baixas): [e] pera; [o] oco
- vogais fechadas (+altas): [i] fila; [u] uva

E, finalmente, a quantidade é a “duração com que [os sons] são emitidos”

(CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). As vogais podem ser longas ou breves (LIMA, 2011). Sobre a quantidade silábica, vale ressaltar os argumentos de Bechara (2009, p. 67), que a define do seguinte modo:

É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina braquia ou bráquia, e a vogal longa com o sinal (ˉ) chamado mácron: ă (a breve), ā (a longo).

Tal quantidade se aplica mais a língua latina, que traz em si a distinção de funções morfológicas/sintáticas pela marca de quantidade das vogais. Ex.:

- Puellā (função morfológica: ablativo – função sintática: adjunto adverbial (“com a menina”) ou agente da passiva (“pela menina”).
- Puellā (função morfológica: nominativo – função sintática: sujeito (“uma menina” ou “a menina”).

Entretanto, na língua portuguesa, “a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais” (BECHARA, 2009, p. 67). Portanto, a quantidade não tem valor distintivo e não interfere na compreensão dos significados.

Em uma tentativa de sintetizar o que foi dito, diremos que, com tais qualidades, os sons se agrupam nas seguintes categorias: “pela intensidade, os sons podem ser fortes (tônicos) ou fracos (átonos); pelo tom, serão agudos (altos) ou graves (baixos); pelo timbre, abertos ou fechados; pela quantidade, longos ou breves” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42, grifo nosso). Em concordância ao que dizem Cunha e Cintra, Rocha Lima (2011, p. 60) ressalta que:

Resulta o acento da íntima associação de certas qualidades físicas dos sons da fala, tais como: a intensidade (maior ou menor força expiratória com que são proferidos); a altura (maior ou menor frequência com que vibram as cordas vocais); o timbre (ou metal de voz); e a quantidade (maior ou menor duração com que são emitidos).

As sílabas são, portanto, unidades compósitas, nas quais há uma amálgama de qualidades físicas. Por sua importância na estrutura do sistema, deve haver uma preocupação por parte dos falantes, quanto a sua emissão, evitando, assim, tanto uma má pronúncia quanto também problemas para sua compreensão.

4.3 Classificação das palavras quanto ao acento tônico

Retomando a base teórica com Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Cipro Neto e Infante (2008), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011), no tocante a posição da sílaba tônica das palavras, com mais de uma sílaba, podemos classificá-las em: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

As *oxítonas* (ou agudas) são aquelas em que o acento recai na última sílaba. Ex.:

➤	cateter	➤	café	➤	condor
➤	cister	➤	rapaz	➤	novel
➤	masseter	➤	escritor	➤	sutil
➤	novéis	➤	maracujá	➤	ureter
➤	reféns	➤	funil	➤	ruim
➤	recém	➤	Niterói	➤	rodapé
➤	material	➤	dispor	➤	urubu
➤	principal	➤	mandacaru	➤	sofá
➤	amanhecer	➤	parabéns	➤	balé

As *paroxítonas* (ou graves) são aquelas em que o acento recai sobre a penúltima sílaba. Ex.:

➤	barro	➤	Epicuro	➤	retorno
➤	poliglota	➤	necromancia	➤	heroico
➤	austero	➤	mesa	➤	filantropo
➤	pudico	➤	lápiz	➤	orquídea
➤	inaudito	➤	montanha	➤	pegada
➤	látex	➤	imensidade	➤	gratuito
➤	caracteres	➤	poderoso	➤	periferia
➤	libido	➤	Pedro	➤	rubrica
➤	cupido	➤	primavera	➤	erudito
➤	decano	➤	baía	➤	sinonímia
➤	misantropo	➤	brasileiro	➤	cabrito
➤	tulipa	➤	escola	➤	palito

As *proparoxítonas* (ou esdrúxulas) são aquelas em que o acento recai na antepenúltima sílaba. Ex.:

➤	árvore	➤	aerólito	➤	Niágara
➤	aeródromo	➤	municípe	➤	espécime
➤	México	➤	pêssego	➤	protótipo
➤	sólida	➤	Pégaso	➤	êxodo
➤	ambrósia	➤	hieróglifo	➤	andrógeno
➤	década	➤	quilômetro	➤	antífona
➤	ímpio	➤	exército	➤	arquétipo
➤	ímprobo	➤	lúcido	➤	idólatra
➤	aritmética	➤	ômega		
➤	lâmina	➤	alcoólatra		
➤	público	➤	amalgama		

Apesar de os exemplos aqui listados serem de fácil compreensão com os destaques sinalizados, há duas questões que merecem algumas considerações. A primeira diz respeito ao que se chama de divisão silábica.

A divisão silábica da palavra carro, nos dicionários, costuma ser sinalizada como: car-ro, o mesmo pode ser dito da divisão da palavra pêssego (pês-se-go). Porém, essa divisão, na verdade, é meramente ortográfica. Em uma tentativa de divisão das sílabas de modo coerente, deveríamos ter ca-rro e pê-sse-go, uma vez que os dígrafos rr e ss são pronunciados apenas como [h] e [s], em uma única emissão de voz.

A segunda consideração diz respeito ao modo como se costuma pronunciar certas palavras em determinadas regiões do Brasil. Para a maioria dos gramáticos aqui citados, entre eles Cegalla (2008, p. 45-46), são pronúncias “errôneas” as seguintes palavras, levando-se em consideração a pronúncia tida como a norma padrão:

Pronúncias errôneas

abissoluto, adevogado
Abóboda
advinhar, advinho
Abstêmio
afroxa (ó)
aleja (é)
almejo (é), almeja (é), caleja (é)
Asterístico
Arruína
aterrisagem (zá)
Beneficiente
Bilingue
Buginganga
Carramanchão
Cataclisma
Colmeia (éi)
Cônjugue

Pronúncias corretas

absoluto, advogado
Abóboda
adivinhar, adivinho
Abstêmio
afrouxa
aleija
almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterisco
arruína
aterrissagem
beneficente
Bilíngue
bugiganga
Caramanchão
Cataclismo
Colmeia (êi)
Cônjuge

Entre os exemplos que o autor destaca, não há, porém, menção ao que se compreende por variação linguística – a esse respeito, acreditamos que é preciso separar questões de pronúncia com eventuais aspectos individuais de questões referentes à traços regionalistas refletidos na fala de um ou outro falante – uma vez que o modo de pronúncia de certas construções linguísticas adquire características particulares conforme a região onde são faladas. Dessa maneira, pontuar esses exemplos como “errôneos” é não levar em conta a diversidade linguística do português brasileiro. Obviamente, tanto Cegalla (2008) quanto os demais gramáticos, sustentam suas afirmações em uma teoria gramatical tradicional, que não admite a variabilidade

dos falares. Contudo, essa tarefa cabe a Linguística: fazer a descrição dos diferentes usos da língua e de seus modos de falar.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não queremos e nem negamos que existem variações linguísticas em quaisquer línguas. Esse é um fato indiscutível. Todavia, não podemos também acreditar que certos usos não devem ser observados de perto. Muitos deles interferem diretamente na sequência de seguimentos sonoros, os quais, geralmente, podem provocar ruídos na comunicação.

Apesar do papel normativista que a ortoépia/prosódia desenvolveu no passado (e ainda exerce), é igualmente inegável sua importância para o ensino de uma dada língua, seja ela tida como língua imota (morta), ou língua viva.

Ao mesmo tempo em que se observa as diferenças dialetais do português, também é possível permitir ao aluno conhecer a pronúncia devida das palavras que compõem o nosso idioma. Trata-se mais de uma tarefa de preservação do que coerção. Como seria, pois, se todos nós pronunciássemos as palavras ao nosso bel-prazer? Seria o puro caos. Devemos respeitar os diferentes usos da língua, mas isso não implica em admitir impropriedades que interfiram na compreensão da linguagem. A ortoépia existe justamente para nos ensinar “a distinguir, e a conhecer os sons articulados, próprios da Língua, para bem os pronunciar” (BARBOSA, 1822, p. 01).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gabriel Antunes de (Org.). **O acento em português**. São Paulo: Parábola, 2007.

BARBOSA, Jerónimo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Por J. S. B.. - Lisboa : Academia Real das Sciencias, 1822. XIV, 466 p.; 20 cm. Disponível em: <http://purl.pt/128>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BARROS, João. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. 60 f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <http://purl.pt/12148>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CIPRO NETO, Paschoal; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio,

2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto: 2018, p. 43-70.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Cancioneiros medievais galego-portugueses**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. vol. I. São Paulo: Cortez, 2012, p. 113-155.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. vol. I. São Paulo: Cortez, 2012, p. 157- 191.

NEVES Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. O espaço da fonologia nas descrições gramaticais. In.: BRITO, Ana Maria (Org.). **Gramática: História, Teorias, Aplicações**. Porto: Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras 2010, p. 51-64.

_____. O legado grego na terminologia gramatical brasileira. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 641-664, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v55n2/13.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2019.

OLIVEIRA, Fernando. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Em Lixboa: e[m] casa d’Germão Galharde, 27 laneyro 1536. [38] f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <http://purl.pt/120>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RABIN, Chaim. **Pequena história da língua hebraica**. São Paulo: Summus editorial, 1973.

ROBERTO, Mikaela. **Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola, 2016.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. O acento segundo Fernão de Oliveira. In.: ARAÚJO, Gabriel Antunes de (Org.). **O acento em português**. São Paulo: Parábola, 2007, p. 11-20.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, S. Ribeiro da. O percurso e a sucessora da gramática de Port-Royal. In: MATTOS, Maria Augusta Bastos de (org.). **Gramática em questão**. São Paulo: Mercado das Letras, 2010, p. 73-91.

SOUZA, Adílio Junior de. As ideias linguísticas de Domingos de Araújo e a tradição no ensino de língua clássica no Brasil. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 219-242, maio-ago. 2017. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1338/1143>. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. Gramáticas particulares do português brasileiro. In.: SOUZA, Adílio Junior de; CARDOSO, Cícero Émerson do Nascimento; LIMA, Marcos André de. **Linguística & literatura: inter-relações**. João Pessoa: Ideia, 2019, p. 12-31.

REPERCUSSÕES E ENFRENTAMENTOS DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL

**Maria das Graças de Mendonça Silva
Calicchio**

Universidade Federal de Mato Grosso

Reni Barsaglini

Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO: Objetivo desta revisão foi analisar a produção científica nacional e internacional sobre as repercussões e enfrentamentos do aprisionamento de familiar. Realizada uma revisão narrativa da literatura, entre setembro de 2017 a março de 2018, nas bases de dados eletrônicas: SCIELO, BVS, PubMed, Banco de Teses da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Utilizando nas estratégias de busca os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e suas combinações, nos idiomas português, inglês e espanhol. Os resultados sinalizam o aumento de interesse em focar família e prisão, problematizam a presença ou ausência do Estado na condução das políticas penais em meio à seletividade penal e as desigualdades sociais. Vimos que as repercussões materiais e imateriais do aprisionamento se imbricam e transpõem os muros das prisões, alcançando dimensões territoriais, afetando pessoas, o meio circundante e as relações.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão de literatura; Aprisionamento; Família; Repercussões;

Enfrentamentos.

REPERCUSSIONS AND COPING WITH FAMILY IMPRISONMENT: NARRATIVE REVIEW OF NATIONAL AND INTERNATIONAL LITERATURE

ABSTRACT: The objective of this review was to analyze the national and international scientific production on the repercussions and coping of family imprisonment. A narrative literature review was conducted from September 2017 to March 2018 in the electronic databases: SCIELO, VHL, PubMed, CAPES Thesis Bank and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. Using search strategies the Health Sciences Descriptors (DeCS) and their combinations, in Portuguese, English and Spanish. The results signal the increased interest in focusing on family and prison, problematize the presence or absence of the state in the conduct of criminal policies amid criminal selectivity and social inequalities. We have seen that the material and immaterial repercussions of imprisonment intertwine and cross-prison, walls into territorial dimensions, affecting people, the surrounding environment and relationships.

KEYWORDS: Literature review; Imprisonment; Family; Repercussions; Confrontation.

1 | INTRODUÇÃO

Apopulação privada de liberdade (PPL) no Brasil vem crescendo significativamente nos últimos anos, atingindo a marca de 726.712 mil pessoas nesta condição, com predomínio de jovens e negros de baixa escolaridade (BRASIL, 2019). Tal aumento seletivo agrava-se pela conduta repressiva do Estado baseado na hierarquia das camadas sociais, na estratificação etnoracial e discriminação da cor, indicando as prioridades do Sistema Prisional como a tutela de certos perfis sociais (WACQUANT, 2011; PIMENTA, 2018).

Para além dos presos, as famílias também se tornam alvos do processo de criminalização e, em presença de um (ou mais) familiar tutelado pelo Estado, passam pelo controle social da prisão, conseqüentemente, sofrem com as medidas coercitivas, mediada pela vigilância e violência institucional. Ainda recaem sobre elas as responsabilidades de suprir as necessidades materiais e imateriais do parente privado de liberdade, tornando-se fontes de cuidados e de proteção (FOUCAULT, 2013; CABRAL e MEDEIROS, 2014).

Nesse contexto, às demandas cotidianas das famílias se somam às repercussões/desdobramentos do aprisionamento de familiar(es) no plano material das condições objetivas de vida, e imaterial expressas em sentimentos, significados e símbolos provocados pela privação de liberdade, que não se dissociam, nem são estáticos, mas se influenciam reciprocamente (RAYNAUT, 2006). Contudo, tais adversidades, também, mobilizam agenciamentos como formas de enfrentamentos, em diferentes graus e nas diversas zonas de relevância do mundo da vida, conforme a cultura e os valores circundantes aos membros familiares.

A agência humana, por sua vez, é constituída na individualidade, na coletividade e na relação interacional, conforma-se nos atos cognitivos e emocionais na capacidade das pessoas em conceber maneiras diferentes de enfrentar as eventualidades do cotidiano para resolver, transformar suas vidas, seja de forma intencional ou não (ORTNER, 1978; GIDDENS, 2003)

Diante do exposto, decorrente de pesquisa mais ampla em Saúde Coletiva (CALICCHIO, 2019) o presente texto tem por objetivo identificar e compreender as repercussões e enfrentamentos familiares mediante o aprisionamento de um dos seus membros a partir das publicações encontradas em um conjunto de periódicos nacionais e internacionais.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como foco os estudos sobre prisões e famílias, foi realizada uma revisão narrativa da literatura sendo nesta modalidade tomadas as publicações amplas e apropriadas para discutir o desenvolvimento de um dado assunto sob o ponto de vista teórico e conceitual, possibilitando adquirir e atualizar conhecimentos sobre a temática

específica (ROTHER, 2007).

Desta forma, foi iniciada uma busca não exaustiva da literatura entre o período de setembro de 2017 a março de 2018, considerando os trabalhos publicados de 2007 a 2017, nas bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed, Banco de Teses da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Nas estratégias de busca foram usados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e suas combinações, nos idiomas português, inglês e espanhol: prisões, prisons, prisiones; penitenciária, penitentiary, penitenciaria; cárcere, prison, cárcel; família, family, familia; relações familiares, family relations, relaciones familiares; parentes de presos, relatives of prisoners, parientes de presos. Foram incluídas as publicações de artigos científicos, teses e dissertações que trouxessem pelo menos um descritor em seu título/title/título, cujos resultados mostrassem os impactos e enfrentamentos do aprisionamento de familiar para a família. Como critérios de exclusão foram definidos: textos de revisões/resenhas de livros, publicações oficiais e, não disponíveis na íntegra.

Para tanto, numa primeira etapa, procedeu-se a leitura dos títulos e descartando-se as publicações duplicadas nas bases de dados. Em seguida procedeu-se a leitura dos resumos para excluir estudos que não contemplavam a especificidade da temática proposta, isto é, a família e a prisão, aos quais seria feita leitura completa. Com esta leitura realizou-se a caracterização da produção da literatura e, na etapa seguinte, passou-se à classificação dos achados para proceder a descrição analítica qualitativa com respectiva interpretação e discussão, identificando as ideias centrais.

A Figura 1 sintetiza este processo de captura e filtragem em que, inicialmente, foram localizadas 2.068 publicações em textos completos. Destas, 207 foram pré-selecionadas após aplicação dos critérios supracitados pela leitura dos títulos, sendo que 79 estavam duplicadas, restando 126 para leitura do resumo. Após leitura dos respectivos resumos, dos 126 estudos foram excluídos 86 por não contemplarem os objetivos propostos, perfazendo o total final de 40 publicações, nenhuma excluída após a leitura completa, das quais 19 artigos, 14 dissertações e 07 teses que foram analisadas.

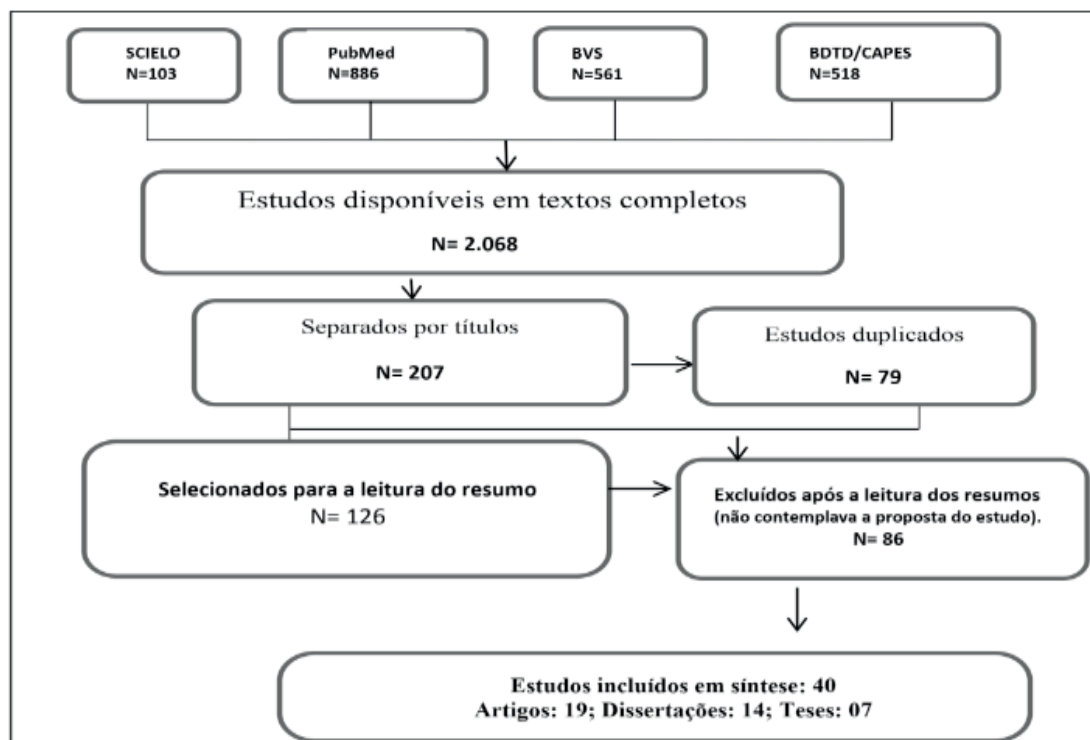


Figura 1- Diagrama de fluxo do processo de seleção das publicações para a revisão narrativa de literatura

FONTE: Adaptado pela autora a partir de MOHER et al. (2009).

O aumento das publicações nos últimos anos sinaliza o interesse dos estudos relacionados à temática proposta, deixando clara a importância dos que busquem incluir temas sobre a família e a prisão (Guimarães et al.2006). Entre os 40 estudos da seleção final, observa-se que grande parte dos artigos foi publicada no Brasil (08), seguido dos Estados Unidos (06), ambos países com grande aumento da massa carcerária nas últimas décadas, em termos mundiais. Os demais estudos se distribuem na Argentina (02), Reino Unido, Inglaterra e na Palestina com (01) publicação cada.

Dados do International Centre for Prison Studies (ICPS, 2018) situa que mais de 10,74 milhões de pessoas vivem aprisionadas no mundo, onde o Brasil ocupa a terceira posição em números absolutos (quase 700.000 mil); em segundo, encontra-se a China com quase 1,7 milhão; em primeiro lugar, com 2,1 milhões de aprisionados, lidera os Estados Unidos.

No tocante às regiões brasileiras, as teses e dissertações estão mais presentes na região Sudeste com onze e Sul apresenta oito publicações cada uma, e duas no Nordeste, refletindo a concentração neste eixo de produção do conhecimento, além refletir a região brasileira (Sudeste) que concentra maior contingente de PPL em números absolutos. Quanto ao método, das 40 publicações, trinta e sete empregam o qualitativo, dois o quantitativo e uma se vale do misto (quali-quantitativo). Os textos selecionados foram lidos na íntegra procedendo-se uma classificação organizada em três temas que constituem os tópicos de análise, serão apresentados na sequência, sendo dois sobre as repercussões e um sobre os enfrentamentos.

3 | REPERCUSSÕES SOCIOMORAIS DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR

Os elementos morais se referem aos valores interiorizados pela socialização que se reforçam, remodelam e se incrementam ao longo da existência, variando conforme lugares ocupados na sociedade, orientando a vida e ações dos indivíduos no mundo (LA TAILLE, 2006; WEISS, 2015), gerando sentimentos de deveres e obrigações.

Neste contexto, a família se agrega por valores compartilhados e sentimentos morais e o aprisionamento transcende à pessoa presa. Assim, as repercussões sociomorais vivenciadas pelos familiares de PPL, como o isolamento, a humilhação, o constrangimento, a vergonha em ter um parente privado de liberdade, possibilita, algumas vezes, a culpabilidade, a desonra na família (MESTRE, 2016), carregando-se, portanto, de teores morais e sociais.

Arruda (2015) explica que o aprisionamento de um parente para os familiares engendra sentimentos ambíguos, ora se manifestando por emoções “negativas”, como o medo do que se pode encontrar no ambiente prisional, ora de forma “positiva”, como o prazer em rever o ente querido e reencontrar os amigos(as) conquistados nas filas nos dias de visitas. Esses sentimentos expressam repulsa, que se misturam com o desejo de visitar o familiar, outros momentos manifestam ansiedade e choros ou, até mesmo, sossego, comparados com a rotina diária fora das grades (ARRUDA, 2015).

Observa-se que os sentimentos positivos suavizam parte dos impactos negativos vividos nos espaços prisionais, contribuindo para que a família suplante os inconvenientes e barreiras impostas no seu cotidiano devido ao aprisionamento do familiar. Por outro lado, estes fatores, como a vergonha e o constrangimento, podem acentuar o distanciamento entre família e PPL.

Gonzaga (2013) ao se apropriar de metáforas como “à sombra do encarceramento”, traz à subjetividade das famílias que sofrem com a privação de liberdade de familiar, ressaltando que tal sombra abre, reorienta, incomoda, assombra e persegue como se vivesse sob a sombra maldita do ressentimento (re-sentir). Ao mesmo tempo, a sombra pode trazer a tranquilidade e paz para que os familiares possam seguir suas vidas, diante das diversas situações em que o aprisionamento se faz necessário, como no caso de violência doméstica.

A permanência das mulheres nestes espaços demonstra a importância da manutenção do vínculo afetivo com a PPL (ZAGO, 2015), suportando as repercussões por meio das “sucatas” (produtos levados aos visitados) materializam os sentimentos de amor, compaixão e fidelidade (DUARTE, 2013). Nesta perspectiva, é comum as mulheres serem marcadas pela coragem em superar, suportar e resistir às adversidades da privação de liberdade do parente, mostrando-se esperançosas com o futuro enquanto aguardam o retorno, mantendo o vínculo afetivo (JUNQUEIRA, 2015). Não se ignora que a família pode fazer a intermediação e continuidade de parte das interações externas do ente preso, incluindo as próprias atividades que o levaram à prisão.

As publicações mostram que as repercussões morais não se limitam pelos muros das instituições prisionais, mas ultrapassam e atingem os familiares tensionando valores, normas, deveres e obrigações sociais, a depender das relações pregressas de cada caso. As repercussões morais estão intimamente imbricadas nas sociais, se pautam pelas interações da vida coletiva e respectivos significados sempre contextualizados pelas gramáticas da vida social.

As repercussões sociais não são exclusivas, nem unívocas, mas multifacetadas, de onde se destaca a estigmatização das famílias de PPL, variando de forma e intensidade, conforme a estrutura familiar (HARDY e SNOWDEN, 2010; AUBREY E MARGOLIN, 2015) e o tipo de delito.

O estigma classicamente se refere à marca que remete à uma identidade deteriorada e se expressa nas interações cotidianas (GOFFMAN, 2015) e, no caso, esta marca transborda e circunda a família, simbolizando ameaça em potencial para a sociedade (ARRUDA, 2015), pressupondo os perigos morais postos pelo contágio do contato com os socialmente deteriorados como as PPL.

A exclusão social vivenciada pelos familiares de PPL decorre do julgamento moral, do preconceito diante do delito cometido pelo familiar, passando a serem considerados como pessoas de caráter duvidoso pelos amigos, vizinhos, pela sociedade e pela própria família (COOKE, 2014). Embutem ameaça à ordem social pela suspeita da possibilidade do envolvimento do familiar em atividades criminosas ou de serem facilitadoras da criminalidade, levando-os às vulnerabilidades e à inferioridade social (LANGNER, 2016).

Por outro lado, para algumas famílias, em especial mulheres, ser ou ter parentesco com PPL pode impor respeito na comunidade onde residem, nas filas das instituições prisionais ou na própria comunidade prisional, resultando em prestígio social localizado (SANTOS, 2012), contudo não alheio às hierarquias que vigem postas pelos delitos cometidos.

Em síntese, pode-se afirmar que as repercussões sociomorais não se ligam somente à pessoa presa em si, dada a lógica relacional presente na dinâmica familiar, por isso os familiares sentem os efeitos do aprisionamento. Soma-se que os estereótipos negativos que envolvem a imagem do familiar privado de liberdade e sua família, podem resultar em repercussões materiais, como as financeiras, conforme abordado no subitem seguinte.

4 | REPERCUSSÕES FINANCEIRAS DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR

Os estudos mostram que o aprisionamento de um membro na família impõe (re)arranjos no orçamento doméstico, principalmente, quando o familiar contribuía financeiramente e/ou era o principal provedor, repercutindo de forma significativa no sustento da família (CAMPOS, 2011). Neste sentido, quando um homem é preso, pode haver possibilidade de maior gestão financeira pelo cônjuge livre (geralmente, quando

o preso é o companheiro que centralizava tal função). Nos últimos anos, houve um aumento de mulheres em prática criminal em geral e vinculada ao tráfico de drogas, sendo comum, o envolvimento do companheiro (BRASIL, 2018)

Custos, também, advêm do deslocamento para as visitas nas penitenciárias, para a assistência jurídica, itens de consumo diário da PPL como alimentação, higiene pessoal, cigarros, roupas e calçados etc (FERRECCIO, 2015) que, por vezes, suprem lacunas da ausência do Estado, onerando o orçamento familiar doméstico (DUARTE, 2013; KUHN, 2016).

Os estudos de Bassani (2011) referem que, em diversas situações, os homens, mesmo em privação de liberdade, auxiliam financeiramente suas mulheres por meio dos apoios originados e mantidos pela solidariedade de possíveis facções e quadrilhas de pertencimento. Outras mulheres recebem ajuda provenientes do comércio de produtos e serviços implantado e operado formal ou informalmente nas penitenciárias, instaurando um ciclo econômico, concomitante, com a precariedade dos serviços oferecidos pelo Estado.

Kuhn (2016), em sua pesquisa, ressalta que a pobreza das famílias de PPL depois da privação de liberdade de um familiar pode ser acentuada, entretanto, mesmo na escassez, os familiares assumem a criação/cuidado de outros agregados dependentes, derivados do aprisionamento (filhos, netos, enteados etc.) podendo constituir sobrecarga adicional. O empobrecimento das famílias, como afirma ainda essa autora, pode ser acentuado quando o Estado deixa de suprir as necessidades da PPL ou quando permite a cobrança de taxas pelos internos, dentro das celas e nos pavilhões, situações encontradas em algumas penitenciárias.

A criminalidade, quando voltada a ganhos econômicos, vislumbra a obtenção fácil e rápida de recursos financeiros e, muitas vezes, a família usufrui dos bens adquiridos ilícitamente (casa, carro etc) (SANTOS, 2012). Portanto, o aprisionamento pode constituir risco inerente a tais atividades, a família pode ter estratégias de sustentação quando o aprisionamento se efetiva.

Outra forma do aprisionamento do ente influenciar a vida dos familiares é trazida pelos estudos de Lewis Jr. et al. (2007), quanto à dificuldade de entrar ou permanecer no mercado de trabalho formal, motivando implicitamente, a negação e demissão das atividades laborais. Tais dificuldades levam a fragilidades dos laços econômicos, o aumento das horas de trabalho, principalmente entre as mulheres que necessitam equilibrar as necessidades financeiras da família (BRUNS, 2017; ARRUDA, 2015).

Sendo assim, pode-se dizer que o aprisionamento afeta em diferentes graus e formas os familiares, porém, estes não são passivos e, diante das repercussões emocionais, sociais e financeiras: resistem, dinamizam, (re)criam diversas maneiras de contorná-las, amenizá-las, driblá-las no cotidiano. Partindo deste pressuposto, a seguir são enfocados os enfrentamentos que permeiam o cotidiano de familiares com PPL.

5 | ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DAS REPERCUSSÕES DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR

As estratégias de enfrentamento podem ser entendidas como agenciamentos e, como tais, são ações mobilizadas individual e coletivamente por familiares, como soluções práticas postas no cotidiano diante das repercussões do aprisionamento do familiar. Notamos que, nos estudos identificados, os enfrentamentos do aprisionamento de familiar eram favorecidos pelas estruturas relacionais, dos vínculos que constituem a rede de apoio social formal e informal, na qual a família se insere e integra.

Reeves (2011), Junqueira (2015), apresentam a capacidade de resiliência, resistência e potência dos familiares diante do aprisionamento do familiar, encontrando nos amigos e outros parentes o apoio social, como auxílio afetivo, moral e financeiro que necessitam para lidar com o aprisionamento.

Como estratégias, os familiares se unem em movimentos de entre-ajuda para aliviar os diversos abusos de poder e do tratamento que vige no Sistema Penal e Prisional. Compartilham informações sobre os processos criminais dos companheiros, os tipos de alimentos e vestimentas que são permitidos entrarem nas penitenciárias (CAMPOS, 2011). No apoio mútuo, as famílias, representadas por mulheres de PPL, encontram estratégias de reduzir os impactos do aprisionamento, mediante a invisibilidade e a falta ou reduzido apoio efetivo e prático do Estado a este grupo social.

Arruda (2015) aborda o relato de uma mulher que recebe ajuda no seu ambiente de trabalho desprovido de preconceitos, quando os colegas e o próprio chefe colaboram com a trabalhadora nos dias de visitas ao parente na penitenciária, compreendendo a sua ausência nestes dias. Embora não seja comum, a existência de casos assim concretos mostra que o apoio é viável e possível. As colaborações nos ambientes de trabalho, como estratégia para manter o vínculo com uma PPL, são muitas vezes negadas/e ou prejudicadas pelo estigma vivenciado, o que leva a se ocultar a afinidade com uma PPL.

Godoi (2015) também sublinha que, em algumas situações, a vizinhança e os amigos, mesmo desconectados do universo prisional, colaboram de diversas maneiras com os familiares de PPL, como a compra e o preparo de alimentos para os dias de visita, alterando o cotidiano para cooperar.

Nesta perspectiva, as diversas formas de enfrentamentos se estendem ao que Godoi (2015) chama de vasos comunicantes, como as cartas e os telefonemas, mantendo a preservação dos afetos, a redução do impacto da distância e da ausência. Lembrando que estes tipos de estratégias se são aceitos (ou tolerados), por permitir a manutenção da ordem, não deixam de estar sempre subordinados/condicionados à vigilância pelas intuições prisionais.

O local de moradia, após o aprisionamento de um familiar, em diversos momentos, os familiares recorrem à solidariedade dos vizinhos, para garantir a (sobre)vivência daqueles que ficaram fora da instituição prisão (PEREIRA, 2015). Altenbernd et al.

(2015) traz a fragilidade das redes de apoio das famílias, destacando que a maioria delas não tem parentes, amigos ou vizinhos para auxiliá-las nas tarefas rotineiras induzidas pelo aprisionamento familiar.

Pereira (2015) retrata que nas filas das penitenciárias, nos dias visitas, os familiares procuram auxílio técnico daqueles com acúmulos de experiência na situação comum para resolver problemas da nova rotina, como descobrir caminhos e atalhos para acessar as políticas públicas.

Como algo mais recente, outra estratégia de enfrentamento advém dos estudos de Barcinski et al. (2015), em que destacam o uso da comunidade de relacionamento virtual: o Facebook, entre as companheiras de PPL, possibilitando o compartilhar das dificuldades, do isolamento, da solidão, cooperando, para ajuda mútua na resolução dos problemas cotidianos. Tais iniciativas rompem com as fronteiras físicas aumentando o espaço interacional, intermediando e conectando existências, como é próprio do ciberespaço (LÉVY, 2007), ao que se somam outras alternativas de redes sociais, como whatsapp.

O Estado, por sua vez, surge timidamente como apoio social formal/institucional, segundo Reeves (2011) e Pereira (2016) por meio dos Centros de Referências em Assistências Sociais (CRAS) e das Unidades Básicas de Saúde (UBS), de forma a proporcionar aos familiares de PPL o acesso aos direitos sociais e de saúde.

6 | CONCLUSÕES

Vimos que as repercussões materiais e imateriais do aprisionamento se imbricam e transpõem os muros das prisões, alcançando dimensões territoriais, afetando pessoas, o meio circundante e as relações. As consequências podem ser de tipo e intensidade variados, mas sobressai a presença feminina arcando com tais custos.

Sobre as estratégias de enfrentamentos diante do aprisionamento de familiar, não encontramos nesta revisão, estudos referentes à religiosidade e espiritualidade embora saibamos da sua presença no contexto em tela. Neste contexto que carrega historicamente teores morais, as práticas religiosas encontram campo fértil para agir, podendo estar previstas e apoiadas pelos aparatos legais do Sistema Prisional. Refletir sobre seus contornos, significados, usos e funções para as diferentes pessoas que lidam com a prisão, no entanto, requer estudo e espaço específicos.

Mereceria, ainda, abarcar publicações oficiais e aquelas que circulam nos eventos científicos (pelos Anais, por exemplo) sobre o tema, já que constituem produções que nem sempre e na sua totalidade são publicadas

Por fim, os resultados dos estudos sinalizam o aumento de interesse em focar família e prisão, como também, problematizam a presença ou ausência do Estado na condução das políticas penais (que inclui a execução penal) em meio à seletividade penal e as desigualdades sociais. Faz pensar, ainda, que as repercussões e enfrentamentos não se limita à privação de liberdade e ao confinamento em si, mas

pelas condições em que ocorre o cumprimento da pena (com suas repercussões) os enfrentamentos são do comprometimento de direitos sociais violados.

Espera-se que esta revisão possa contribuir com as reflexões sobre o aprisionamento no plano macrossocial, pautadas na subjetividade da experiência vivida pelas famílias, contemporânea em contextos históricos de desigualdades nas suas intersecções de classe, gênero, raça/cor.

REFERÊNCIAS

AUBREY, J.R.; MARGOLIN G. **Parental Incarceration, Transnational Migration, and Military Deployment: Family Process Mechanisms of Youth Adjustment to Temporary Parent Absence.** Clin Child Fam Psychol, EUA, v. 22, n.1, p.24-29, 2015.

ALTENBERND, B.; BARCINSKI M.; LERMEN, H.S. **Integralidade e intersetorialidade nas práticas psicológicas: um relato de experiência.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.45 n.156, p. 390-408, 2015.

ARRUDA, R.F. **Geografia do Cárcere: Territorialidades na vida cotidiana carcerária no sistema prisional de Pernambuco.**2015. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo: 2015.

BARCINSKI, M.; LERMEN, H.S. **Guerreiras do Cárcere: Uma Rede Virtual de Apoio aos Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade.** Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v.22, n. 4, p. 485-496, 2014.

BASSANI, F. **Amor bandido: Cartografia de mulher no universo prisional masculino.** Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 4, n. 2, p.261-276, 2011.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciária, INFOPEN Mulheres.** Brasília, 2018.

_____. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias.** Disponível em < <https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil> >. Acesso em 09 de setembro de 2019.

BRUNS, A. **Consequences of Partner Incarceration for Women's Employment.** Journal of Marriage and Family, EUA, v.79, p.1331–1352, 2017.

CABRAL, Y.; MEDEIROS, B.A. **A família do preso: efeitos da punição sobre a unidade familiar.** Transgressores: Ciências Criminais em Debate, Natal, v. 1, p. 1-22, 2014.

CALICCHIO, M.D.G de M.S. **Além das Celas: experiência de mulheres com familiar em cumprimento de pena em regime fechado, Mato Grosso.** 2019 Projeto de pesquisa (doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Saúde Coletiva. Cuiabá: 2019.

CAMPOS, W. **O trabalho penitenciário como garantia de dignidade para a família do preso.** 2011. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) -Universidade Católica de Salvador, Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Bahia: 2011.

COOKE, C. **Nearly invisible: The psychosocial and health needs of women with male partners in prison.** Issues Ment Health Nursing, EUA, v.35, n.12, p.979-982.

COUTINHO, A.S.L. **Família, trabalho e religião: fatores de reintegração do detento? Um estudo comparativo descritivo entre o sistema prisional comum e a Associação de Proteção**

e Assistência aos Condenados. 2009. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais: 2009.

DUARTE, T.L. **Amor, Fidelidade e Compaixão: “sucata” para os presos.** Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, v. 3, p. 621-641, 2013.

DUTRA, Y.V. **“Como se estivesse morrendo”: a prisão e a revista íntima em familiares de reclusos em Florianópolis.** 2008. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, centro de Ciências Jurídicas. Florianópolis: 2008.

FERRECCIO, V. **Familiares de detidos: exploraciones en torno a prácticas de equilibrio institucional en prisiones de Santa Fe, Argentina.** Espacio Abierto, Venezuela, v.24, n. 10, p.113-143, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Tradução de Raquel Ramalhe. 41 Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GODOI, R. **Fluxo em Cadeias: as prisões de São Paulo na virada dos tempos.** 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, Departamento de Sociologia. São Paulo: 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GONZAGA, V.P.G. **À sombra do encarceramento: o entorno das prisões.** 2013. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. Minas Gerais: 2013.

GUERRA, R.R. **A família no cárcere: uma contribuição à crítica do método de cumprimento de pena criminal na APAC.** 2014. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador. Bahia: 2014.

GUIMARÃES, C.F.; MENEGHEL, S.N. ZWETSCH, B.E.; SILVA, L.B.; GRANO, M.S.; SIQUEIRA, T.P.; OLIVEIRA, C.S. **Homens apenados e mulheres presas: estudo sobre mulheres de presos.** Psicologia & Sociedade, PUC Minas, Belo Horizonte, v.18, n. 13, p. 48-54, 2006.

HARDY T, SNOWDEN M. **Familial impact of imprisonment and the community specialist practitioner.** *Community Practitioner*, v. 83, n. 8, p.21-24, 2010.

JUNGUEIRA, M.H.R.; SOUZA, P.D.M de.; LIMA, V.A.A. **A percepção de familiares de ex-apenados sobre a experiência do cárcere e do processo de inclusão social.** *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.74-99, 2015.

KUHN, C. **Reflexões sobre o processo de prisão e as consequências nas condições socioeconômicas para famílias de presos da Penitenciária Estadual de Francisco Beltrão.** 2016. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Toledo: 2016.

LANGNER, A.L. **A relação com o contexto prisional, escolaridade e condição. Social.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Escola de Educação e Humanidades. Curitiba, Paraná: 2016.

LEWIS Jr. C.; GARFINKEI I.; IRWIN, G. **Incarceration and Unwed Fathers in Fragile Families.** *The Journal of Sociology & Social Welfare*, EUA, v.34, n.3, 2007.

LÉVY, P. **Ciberculturas. La cultura en la sociedad digital**. Rubí (Barcelona). Anthropos Editorial. México: Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa: 2007.

LIMA, J.S.F. **Mulher fiel: as famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2013.

MESTRE, S.O. “**Mães Guerreiras**”: **Uma etnografia sobre mães de jovens encarcerados em Porto Velho/RO**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) -Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte: 2016.

ORTNER, S.B. **Poder e Projetos: Reflexões Sobre a Agência**. Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas. Goiânia. Disponível em: <www.abant.org.br/conteúdo/livros/ConferenciaseDialogos.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

PEREIRA, E.L. **Famílias de mulheres presas, promoção da saúde e acesso às políticas sociais no Distrito Federal**. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 7, p.2123-2134, 2016.

PIMENTA, V.M. **Por Trás Das Grades: o encarceramento em massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2018.

RAYNAUT, C. **Interfaces entre a antropologia e a saúde: em busca de novas abordagens conceituais**. Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v.27, n.2, p. 149-65, 2006.

ROBERTS,A: ONWUMERE,J: FORRESTER,A: HUDDY, V.Y.V: BYRNE, M: CAMPBELL, C: JARRETT,M: PHILLIP,P: VALMAGGIA,L. **Family Intervention in a prison enviroment: A systematic literature review**. Crim Behav Ment Healthy,v.27, n.4, 2016.

REEVES, J. **The ones left behind the experiences of young mothers with partners in prison**. Community Pract, v. 84, n. 8, p.5-22, 2011.

ROTHER, E.T. **Revisão Sistemática X Revisão Narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo, v. 20, n. 2, 2007.

SANTOS, D.P. **O cárcere, a mulher e a família: análise da perspectiva dos direitos da personalidade e investigação das políticas públicas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito). Centro Universitário de Maringá, Maringá: 2012.

SHEHADEH A.; DAWANI S.; SAED, M.; DERLUYN I.L.G. **Imprisoned Husbands: Palestinian Wives and Experiences of Difficulties**. Community Ment Health, EUA, v.52, n.1, p. 25-118, 2016.

SILVESTRE G. **Dias de visita: uma sociologia da punição e das prisões em Itirapina**.2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos:2011.

SÜSSEKIND, E. **Estratégias de Sobrevivência e de Convivência nas Prisões do Rio de Janeiro**. 2014.Tese (Doutorado em História). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: 2014.

WACQUANT, L. **As Prisões da Miséria**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2011.

WEISS, Raquel. **Apresentação do dossiê: Sociologia e Moral**. Sociologias, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 16-24, 2015.

ZAGO, A.V. **Um estudo sobre a escolha amorosa de mulheres por homens na condição de presidiário**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia. São Paulo: 2011.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos: Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista ad hoc de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos: Mestra em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Licenciada em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2018). Bacharela em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2016). É Professora de Literatura no Ensino Fundamental do Colégio Externato Santa Dorotéia, João Pessoa. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direitos humanos, direitos sociais, direitos das minorias), Literatura (literatura e sociedade, literatura e cultura, literatura e história, estudos pós-coloniais, guerra de independência, literatura portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa), Linguística (ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Vinculada a grupo de pesquisa devidamente cadastrado no Diretório de Grupos de

Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Orcid: orcid.org/0000-0003-1179-999X. E-mail: <thamiresvasconcelos.adv@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidade 13, 14, 15

Alda Lara 13, 14, 15, 17, 19, 20

B

Base Nacional Comum Curricular 82, 86, 87, 88, 91

C

Concepções Pedagógicas 82, 89

Crenças 61, 62, 63, 68

Crítica Literária 1, 2, 3, 7, 11, 12

Cronotopo 21, 22, 27, 30

D

Dialogismo 11, 112, 113, 114, 120, 122, 123

E

Ensino de Línguas 92, 93

Entretextos 102

Enunciação 72, 112, 114, 115, 116, 123

Epos 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79

Erotização 41, 46, 48

F

Ficção 12, 24, 25, 26, 30, 39, 48, 51, 52, 53, 55, 59

G

Gênero 5, 9, 17, 21, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 53, 55, 56, 71, 97, 100, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 147

H

Humanização 41, 49

I

Identidade 11, 12, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 70, 73, 75, 76, 101, 143, 148, 150

L

Lima Barreto 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30

Linguagem 2, 7, 9, 13, 17, 21, 29, 32, 41, 51, 53, 61, 62, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 82, 84, 86, 90, 92, 94, 97, 98, 102, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 136, 137, 138, 150

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 22, 27, 30, 32, 34, 37, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 60, 61, 62, 68, 69, 71, 72, 79, 80, 82, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 97, 102, 103, 106, 107, 108, 110, 112, 124, 137, 138, 139, 140, 141, 150

N

Nação 13, 17, 69, 72, 73, 77, 78, 79

O

Ortoépia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

P

Prosódia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

R

Reportagem 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60

Revisão de Literatura 138

Romance 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 46, 48, 51, 54, 59, 68, 85

S

Séries 49, 92, 95, 97, 99, 100, 104

Sertão 61, 62, 65, 67, 68

Sexualidade 5, 8, 9, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 48

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 14, 15, 17, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 79, 85, 86, 87, 88, 94, 97, 98, 100, 103, 106, 110, 112, 116, 118, 121, 122, 142, 143, 147, 148, 150

Subjetividade 4, 39, 112, 120, 142, 147

Superstições 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68

V

Vampiro 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

